



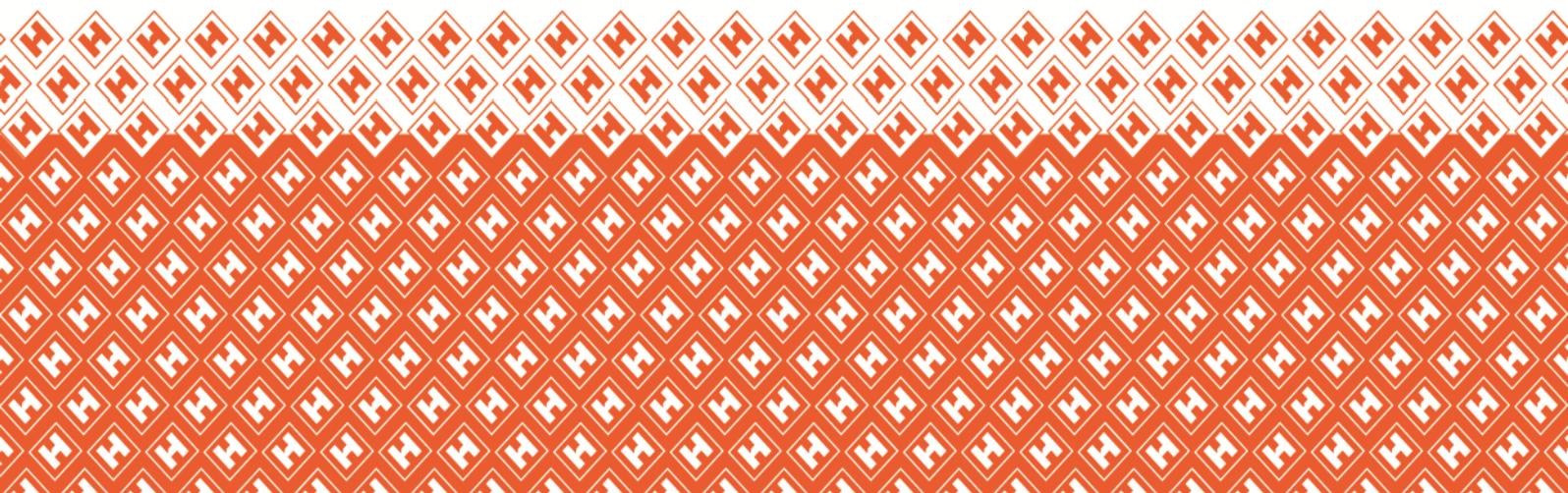
PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

MÔNICA INGREDY BOAVENTURA FELISBERTO

**FAKE NEWS E ENSINO DE HISTÓRIA: PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E O
DESAFIO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
2025**



MÔNICA INGREDY BOAVENTURA FELISBERTO

**FAKE NEWS E ENSINO DE HISTÓRIA: PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E O
DESAFIO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA**

Texto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Mestrado profissional, da Universidade do Estado de Mato Grosso, Unidade Regionalizada de Cáceres, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.
Orientadora: Prof. Dra. Maria do Socorro de Sousa Araújo

**CÁCERES – MT
2025**

MÔNICA INGREDY BOAVENTURA FELISBERTO

**FAKE NEWS E ENSINO DE HISTÓRIA: PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E O
DESAFIO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA**

Texto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Mestrado profissional, da Universidade do Estado de Mato Grosso, Unidade Regionalizada de Cáceres, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof. Dra. Maria do Socorro de Sousa Araújo

Aprovada em 28 de julho de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Dra. Maria do Socorro de Sousa Araújo
Professora (UNEMAT)
(Orientadora e Presidente da Banca)

Professora Dra. Fernanda Martins da Silva
(Examinadora Interna - UNEMAT)

Professora Dra. Carla Monteiro de Souza
(Examinadora Externa - UFRR)

Professor Dr. Carlos Edinei de Oliveira
(Examinador suplente - UNEMAT)

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT Catalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

F315f Felisberto, Mônica Ingredy Boaventura.
FAKE NEWS E ENSINO DE HISTÓRIA: PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E O
DESAFIO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA / Mônica Ingredy Boaventura
Felisberto. - Cáceres, 2025.
104f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino de História/CAC-PROFHISTORIA - Cáceres -
Mestrado Profissional, Campus Universitário De Cáceres "Jane
Vanini".
Orientador: Maria do Socorro de Sousa Araújo.

1. Fake News. 2. Notícias. 3. Conhecimento. 4. Informação. 5.
Consciência Histórica. I. Araújo, Maria do Socorro de Sousa. II.
Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 94(07)

ATA DE DEFESA



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO SECRETARIA DE ESTADO DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO Mestrado
PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA



ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DO Mestrado PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

Aos vinte e oito dias do mês de julho de dois mil e vinte e oito, às 09h, ocorreu a Defesa Pública da Dissertação de Mestrado de **MÔNICA INGREDY BOAVENTURA FELISBERTO** com a produção intitulada “**FAKE NEWS E ENSINO DE HISTÓRIA: PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E O DESAFIO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA**”. A defesa ocorreu de forma remota, a distância, via Google/meet <https://meet.google.com/zsv-oxwr-gog>. A Banca Examinadora foi composta pela Profa. Dra. Maria do Socorro de Souza Araújo – UNEMAT (orientadora e presidente), Profa. Dra. Fernanda Martins da Silva - UNEMAT (examinadora interna), Prof. Dra. Carla Monteiro de Souza - UFRR (Examinadora Externa) e o Prof. Dr. Carlos Ednei de Oliveira – UNEMAT (Examinador Suplente). Concluída a exposição e as devidas arguições com as respectivas ponderações e avaliações que serão validadas, a Banca Examinadora considera a mestranda **APROVADA**. Sob orientações, a mestranda deverá atender as exigências solicitadas de acordo com os prazos definidos pelo Programa. E, para constar, foi lavrada a presente Ata que será assinada pela presidente da Comissão Examinadora e pelos professores avaliadores.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
MARIA DO SOCORRO DE SOUSA ARAÚJO
Data: 28/07/2025 12:51:04-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Maria do Socorro de Sousa Araújo
(UNEMAT – Orientadora e Presidente da Banca)

Documento assinado digitalmente
FERNANDA MARTINS DA SILVA
Data: 28/07/2025 15:37:37-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Fernanda Martins da Silva
(UNEMAT - Examinadora Interna)

Documento assinado digitalmente
CARLA MONTEIRO DE SOUZA
Data: 30/07/2025 22:51:48-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dra. Carla Monteiro de Souza
(UFRR - Examinadora Externa)

Documento assinado digitalmente
CARLOS EDNEI DE OLIVEIRA
Data: 31/07/2025 10:41:24-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Ednei de Oliveira
(UNEMAT – Examinador Suplente)

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação representa não apenas a conclusão de um ciclo acadêmico, mas também a concretização de um sonho construído com o apoio, incentivo e parceria de muitas pessoas, às quais expresso aqui minha profunda gratidão.

Aos meus pais, Zulma Gonçalves Boaventura e Vicente Felisberto Neto. Ao meu irmão Marcos Vicente Boaventura Felisberto por todo amor, apoio incondicional e exemplo de perseverança que sempre me inspiraram.

Ao meu companheiro, Akerman Batista de Mattos, por estar ao meu lado nos momentos de alegria e nos de cansaço e insegurança, por compreender minhas ausências e por acreditar no meu caminho.

Ao meu amado filho, Joaquim, razão maior da minha vida, que mesmo tão pequeno me ensina todos os dias sobre amor, paciência e esperança. Esta conquista também é para você.

À minha orientadora, Prof.^a Dra. Maria do Socorro de Sousa Araújo, pela escuta atenta, pelas orientações firmes e generosas, e pela confiança no meu trabalho. Sua sensibilidade, rigor acadêmico e comprometimento com a educação pública foram essenciais para o amadurecimento desta pesquisa.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), por compartilharem seus saberes e contribuírem significativamente para minha formação acadêmica e profissional. Agradeço à Coordenação e Secretaria do ProfHistória – UNEMAT, pela organização, apoio institucional e acolhimento ao longo da jornada.

Ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, iniciativa fundamental para a valorização do professor da educação básica, que me possibilitou ampliar minha formação teórica, metodológica e didática. Expresso também minha gratidão ao Governo Federal pela criação do programa (2013), por meio das políticas públicas de incentivo à pós-graduação stricto sensu, e ao Governo do Estado de Mato Grosso, pelo suporte à formação continuada de seus profissionais da educação.

À escola em que realizei minha pesquisa, à direção, coordenação, colegas docentes e, especialmente, aos alunos do Ensino Fundamental II, que participaram desta investigação com entusiasmo, curiosidade e sinceridade. Sem vocês, este trabalho não teria sentido.

Aos amigos da turma do mestrado, pela troca de experiências, parcerias acadêmicas e pelo companheirismo que tornou a caminhada mais leve e significativa. Aos amigos deixados no estado de Goiás, levo comigo cada lembrança, ensinamento e gesto de carinho que me acompanharam até aqui, mesmo à distância.

À equipe da Coordenadoria de Formação da DRE de Primavera do Leste, pelo incentivo à formação continuada e à valorização do trabalho docente.

Por fim, agradeço a todos e todas que, de alguma forma, contribuíram para a construção deste trabalho, com palavras, gestos, críticas ou apoio silencioso. Esta conquista também é de vocês.

Muito obrigada!

Não olhe para trás, Capital Inicial.

Nem tudo é como você quer
Nem tudo pode ser perfeito
Pode ser fácil se você
Ver o mundo de outro jeito

Se o que é errado ficou certo
As coisas são como elas são
Sua inteligência ficou cega
De tanta informação

Se não faz sentido, discorde comigo
Não é nada demais
São águas passadas
Escolha uma estrada
E não olhe, não olhe pra trás

Você quer encontrar a solução
Sem ter nenhum problema
Insistir e se preocupar demais
Cada escolha é um dilema

Composição: Alvin L. / Dinho Ouro Preto.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar o impacto das fake news no ensino de História e suas implicações no processo de formação da consciência histórica de estudantes do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Campo Novo do Parecis, no estado de Mato Grosso. A partir do ensino de História, busca-se criar condições pedagógicas que incentivem a reflexão crítica sobre a circulação de informações falsas e intencionalmente manipuladas no ambiente escolar. A investigação se ancora nas competências e habilidades previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), valorizando o papel do professor como mediador entre os conteúdos compartilhados nas mídias digitais e a busca pela veracidade das informações. O estudo propõe identificar e analisar a maneira como os estudantes interpretam e utilizam as fake news, investigando os efeitos desse fenômeno sobre suas aprendizagens. Para tanto, adotou-se uma abordagem metodológica mista, combinando técnicas qualitativas e quantitativas, por meio da aplicação de questionários e da observação dos comportamentos dos alunos diante de diferentes tipos de informação. O instrumento de coleta de dados buscou compreender como os estudantes percebem e lidam com a diferença entre fatos e opiniões, bem como suas atitudes frente à desinformação. Como eixo central, a pesquisa analisa de que forma o conhecimento histórico, aliado ao desenvolvimento de competências adquiridas no decorrer do ensino de História contribua para uma análise crítica do real, e o conhecimento capaz de fazer a verificação de fontes utilizadas nessas notícias para o enfrentamento das fake news no contexto escolar e em outras vivências socioculturais. Almeja-se, assim, fomentar uma formação que capacite os alunos a filtrarem as informações que consomem e a construírem uma consciência histórica mais crítica, sólida e reflexiva.

Palavras chaves: Fake News, Notícias, Conhecimento e Informação e Consciência Histórica.

ABSTRACT

This research aims to investigate the impact of fake news on history teaching and its implications for the development of historical awareness among elementary school students at Campo Novo do Parecis State School in the state of Mato Grosso. Through history teaching, the aim is to create pedagogical conditions that encourage critical reflection on the circulation of false and intentionally manipulated information in the school environment. The research is anchored in the competencies and skills outlined in the National Common Curricular Base (BNCC), emphasizing the role of the teacher as a mediator between content shared on digital media and the pursuit of truthful information. The study aims to identify and analyze how students interpret and use fake news, investigating the effects of this phenomenon on their learning. To this end, a mixed methodological approach was adopted, combining qualitative and quantitative techniques, through the application of questionnaires and the observation of students' behavior when faced with different types of information. The data collection instrument sought to understand how students perceive and deal with the difference between facts and opinions, as well as their attitudes towards misinformation. As a central axis, the research analyzes how historical knowledge, combined with the development of skills acquired during the teaching of History, contributes to a critical analysis of reality, and the knowledge capable of verifying sources used in these news stories to confront fake news in the school context and in other sociocultural experiences. The aim, therefore, is to promote an education that enables students to filter the information they consume and to build a more critical, solid and reflective historical awareness.

Keywords: Fake News, News, Knowledge and Information, and Historical Awareness.

RESUMEN

La presente investigación tiene como objetivo investigar el impacto de las *fake news* en la enseñanza de Historia y sus implicaciones en el proceso de formación de la conciencia histórica de los estudiantes de la Educación Básica Secundaria de la Escuela Estatal Campo Novo do Parecis, en el estado de Mato Grosso. A partir de la enseñanza de Historia, se busca crear condiciones pedagógicas que promuevan la reflexión crítica sobre la circulación de informaciones falsas e intencionalmente manipuladas en el ámbito escolar. La investigación se sustenta en las competencias y habilidades previstas por la Base Nacional Común Curricular (BNCC), valorizando el papel del profesor como mediador entre los contenidos compartidos en los medios digitales y la búsqueda de la veracidad de la información.

El estudio propone identificar y analizar la manera en que los estudiantes interpretan y utilizan las *fake news*, investigando los efectos de este fenómeno en sus aprendizajes. Para ello, se adoptó un enfoque metodológico mixto, combinando técnicas cualitativas y cuantitativas mediante la aplicación de cuestionarios y la observación de los comportamientos de los alumnos frente a diferentes tipos de información. El instrumento de recolección de datos buscó comprender cómo los estudiantes perciben y manejan la diferencia entre hechos y opiniones, así como sus actitudes frente a la desinformación.

Como eje central, la investigación analiza de qué manera el conocimiento histórico, aliado al desarrollo de competencias adquiridas en el transcurso de la enseñanza de Historia, contribuye a un análisis crítico de la realidad y a la capacidad de verificar las fuentes utilizadas en dichas noticias, para el enfrentamiento de las *fake news* en el contexto escolar y en otras experiencias socioculturales. Se pretende, así, fomentar una formación que capacite a los estudiantes para filtrar la información que consumen y para construir una conciencia histórica más crítica, sólida y reflexiva.

Palabras clave: *fake news*, noticias, conocimiento, información y conciencia histórica.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1- Marck Elliot Zuckerberg, em sua rede social, Instagram.....	44
Figura 2 - Os Segredos dos Sábios de Sião.....	51
Figura 3 - Jornal Correio da Manhã divulgando o plano Cohen.....	52
Figura 4 - Correio da Manhã noticia suposta carta do presideciável Arthur Bernardes.....	53
Figura 5 - Resultado da pesquisa 9º anos.....	58
Figura 6 - Resultados da pesquisa 9º anos.....	59
Figura 7 - Resultado da pesquisa 8º anos.....	59
Figura 8 - Resultados da pesquisa 8º anos.....	60
Figura 9 - Fluxo de Informação: Antes das Redes Sociais.....	62
Figura 10 - Fluxo de Informação: Depois das Redes Sociais.....	62
Figura 11 - Bolsonaroistas acampados em frente ao Comando Militar do Sudeste, na cidade de São Paulo.....	69
Figura 12 - Manifestantes bolsonaristas fazem ato antidemocrático em frente ao Comando Militar do Sudeste, na cidade de São Paulo.....	70
Figura 13 - Apoiador das manifestações golpistas se pendurou no capô de um caminhão que perfurou o bloqueio ilegal das estradas e se recusou a descer.....	71
Figura 14 - Bolsonaroistas cantam Hino Nacional para pneu.....	72
Figura 15 - Imagem de tuítes sobre a fake news circulada no whatsapp que o presidente Lula fecharia as igrejas durante a corrida eleitoral de 2022.....	72
Figura 16 - Notícia sobre a fake news de banheiros unissex em escolas.....	73
Figura 17 - Representação das trocas discursivas na Rede Social.....	74
Figura 18 - Aplicativos mais baixados nos smartphones dos brasileiros.....	83
Figura 19 - Respostas formulário 9º anos.....	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TIC	Tecnologias da Informação e da Comunicação
EUA	Estados Unidos da América
DARPA	Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa
WWW	World Wide Web
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
ONU	Organização das Nações Unidas
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, e o mais significa outras identidades e orientações

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1- EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA	23
1.1 A Transformação Cultural e a Evolução das Mídias Sociais.....	24
1.2 A comunicação digital na educação	30
1.3 Informação vs. Conhecimento: a era da informação e a banalização do conhecimento.....	33
1.4 Desafios contemporâneos	37
1.5 Consciência histórica e sua relevância no contexto atual.....	42
CAPÍTULO 2 - A FAKE NEWS E A PÓS-VERDADE: DESAFIOS PARA O CONHECIMENTO HISTÓRICO NA ERA DIGITAL	50
2.1 Uma perspectiva histórica das fake news.....	51
2.2 Pensando a era da pós-verdade e fake news.....	68
CAPÍTULO 3 - ESTUDO DE CASO: A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II SOBRE AS FAKE NEWS	83
3.1 A Origem e Transformação do Conceito de Rede.....	83
3.2 As redes sociais na era digital.....	83
3.3 Instagram e o comportamento digital dos jovens.....	85
3.4 A consciência histórica como competência de leitura do mundo.....	87
3.5 Os tipos de consciência histórica identificados na pesquisa.....	88
3.6 A sequência didática como estratégia para o desenvolvimento da consciência crítica.....	89
3.7 A construção do saber histórico na era da informação.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICES	102
APÊNDICE A	102
APÊNDICE B	103

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a disciplina de História é, por certas vezes, percebida pela sociedade como uma narrativa simplista, passível de alteração conforme quem a escreve. Esse cenário alimenta os constantes revisionismos históricos¹, especialmente com o surgimento e a expansão das redes sociais neste século XXI. O debate sobre a cientificidade ou não da História tem persistido ao longo do tempo, ressaltando a necessidade de valorizar o rigor teórico e metodológico da disciplina – uma questão demasiadamente presente em tempos de fake news nos ciberespaços.

Para abordar, no ensino de História, as fake news, é de suma importância compreender a relevância da verdade histórica, produzida por profissionais que, embora possam ser influenciados por seus contextos históricos e subjetividades, produzem com objetividade a construção do conhecimento. O historiador, ao investigar um objeto de estudo, levanta questões que devem ser respondidas para a sociedade, especialmente no âmbito escolar, orientando os estudantes a diferenciarem informações, de opiniões e de conhecimento histórico.

No mundo digital, informações de toda ordem circulam intensamente nas redes sociais e os jovens, em sua formação escolar, demonstram ser potenciais consumidores de notícias, por diversas vezes com desatenção ou desconhecimento sobre o uso responsável desses conteúdos. Nessa perspectiva, escolhi o tema sobre as fake news devido ao descontentamento enquanto professora de História, com a banalização do conhecimento histórico dentro da sala de aula, especialmente neste cotidiano pós-pandemia da COVID-19.

O objetivo desta pesquisa é investigar como os alunos compreendem e utilizam as notícias fake e como isso afeta o ensino e as aprendizagens de História, visando promover o desenvolvimento da consciência histórica na formação escolar destes estudantes.

¹ Revisionismo no sentido do está vinculado ao negacionismo na atualidade, como por exemplo, a criação de canais que recortam e recontam a História com base nas suas crenças e convicções pessoais e ideológicas, como é o caso do canal do Youtube Brasil paralelo.

Atualmente, vivemos a fase aguda da negação da história e da ciência, vemos a ascensão do negacionismo, quando se nota que um número significativo de pessoas recorre ao “terraplanismo” (ALVIM, 2017), à negação do efeito das vacinas (CORRÊA, 2014) e à negação do aquecimento global antropogênico (JUNGES; MASSONI, 2018) como modelos explicativos para tentar justificar os problemas sanitários, sociais, ambientais e econômicos. No caso do conhecimento histórico a situação não é diferente. Vemos um grande número de pessoas recorrer a materiais que oferecem “histórias sem ideologias”, “histórias verdadeiras”, “materiais que contam os dois lados da história” e “histórias que seu professor de história não contou”, como promete o Guia politicamente incorreto da História do Brasil (NARLOCH, 2009). (LIMA E ANDRADE, Damião de e Juliana Alves de, 2021, p- 178)

A desinformação é um vultoso desafio do século XXI, impactando áreas como a mídia, as ciências da informação, a política, o ensino de História e o jornalismo, entre outras. Nesse cenário, é imprescindível adotar um processo rigoroso de curadoria, uma vez que muitas armadilhas camufladas (manchetes sensacionalistas, letras garrafais, pontos de exclamação, notícias que produzem apelo emocional aos leitores) de conhecimento científico ameaçam a construção do saber, comprometendo a legitimidade das instituições e no campo da política, gerando instabilidade nas democracias. As guerras de narrativas veiculadas pelas redes sociais controlam a opinião pública atendendo à interesses da política brasileira no âmbito público e privado, se apropriando dos meios de produção midiáticos.

As redes sociais, por vezes, são apresentadas como espaços de "verdade incontestável", criando um fetiche em torno das informações que circulam. No entanto, esses ambientes são propícios ao uso extremo de inverdades, à manipulação da confiança e à construção de testemunhos falsos. Existe um culto ao amadorismo,² em que teorias conspiratórias e discursos de ódio proliferam. A raiva e o medo causados por notícias aterrorizantes se sobrepõem à verdade, distorcendo a percepção pública em relação às informações oriundas da internet comprometendo a integridade das informações.

No ensino de História os estudos sobre fake news, negacionismo e desinformação, são imprescindíveis, é urgente que os professores auxiliem os alunos a não divulgarem notícias sem antes verificarem a veracidade, para além de inibirem discursos de ódio, proporcionar o entendimento que existe diferença entre liberdade de expressão e ataques à direitos individuais. É essencial que os alunos compreendam a importância de aceitar posicionamentos divergentes dos seus.

A divulgação de notícias falsas e a proteção do negacionismo ameaçam profundamente a política, as dinâmicas socioculturais, a liberdade de expressão e consequentemente desumanizam as relações humanas.

Um exemplo claro é o uso do negacionismo, aliado à desinformação, para negar os horrores cometidos pelo nazifascismo.

Estratégias de Manipulação, entre as quais se incluem técnicas para suavizar emotivamente as mensagens, com o propósito de causar uma espécie de curto-circuito no senso crítico e analítico dos cidadãos. A confusão sobre a realidade, a

² O culto do amadorismo é um conceito criado pelo teórico de ciências políticas Andrew Keen, ele afirma que a internet destrói a moralidade da sociedade, principalmente pela busca desinteressada da verdade e do bem. Num meio onde toda a gente tem uma voz, a verdade não se faz por discussão racional; mas por consenso. Os motores de busca que todos usamos são a prova de que "verdade" é tudo aquilo que os internautas elegem como verdade. Para efeito de conferência, consultar: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1104200909.htm>

gestão de manobras conspiratórias para incitar o receio ou a hostilidade de grupos sociais, a vitimização ou as mitomanias políticas são instrumentos de persuasão das massas que remontam à antiguidade, mas que no século XX causaram os piores desastres, sendo, dois deles, autênticas falhas na história: o nazismo e o estalinismo (Zarzalejos, 2019, p. 11).

Dessa forma, o conhecimento histórico construído a partir do ensino de História possui o propósito de humanizar e de construir uma sociedade melhor preocupada com as consequências do uso inconsciente das informações presentes nas mídias sociais.

Ao ensinar os conceitos de fake news e pós-verdade, os professores desenvolvem a construção da consciência histórica e do pensamento crítico, transformando os alunos em cidadãos responsáveis e críticos, capazes de entender que práticas como a disseminação de notícias falsas desumanizam as relações sociais, rejeitando a empatia, o respeito, a compaixão e a dignidade dos sujeitos históricos. Aplicando as competências do ensino de História presente na Base Nacional Comum Curricular, e nos componentes curriculares da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

O estudo da História nos permite compreender os problemas que enfrentamos em nossas vidas, pois viver “*é sempre enfrentar problemas*” (Prost, 2000). A História também nos ensina que não existem sociedades ou indivíduos sem desafios e que a experiência humana é marcada pelo agora, como afirma Prost:

A história permite compreender esses problemas como o jogo cruzado de constrangimentos que nos ultrapassam e de responsabilidades, de escolhas que nos dizem respeito. Ela nos impede de sermos submergidos pelo viver contemporâneo, uma vez que. O compreendendo, nós o explicamos e, de certo modo, permanecemos seus mestres. Desse ponto de vista, a história é mais que a formação do cidadão. Ela é construção, sempre inacabada, da humanidade em cada homem. (Prost, 2000, p. 20).

No primeiro capítulo, abordo o ensino de História e a consciência histórica, onde o conhecimento histórico é apresentado como uma prática que objetiva explicar as questões do cotidiano da vida humana (Prost, 2000).

Através da criticidade, do cuidado e do rigor na utilização das fontes, é possível construir o que conhecemos como verdade histórica (Rüsen, 2001). Entendemos que a História é um conhecimento de práticas científicas e que, por meio de aportes teóricos e procedimentos metodológicos, adquire o status de verdade – a verdade histórica. Por conseguinte, a História é uma narrativa científica, que se apresenta com novas abordagens e

teorias desenvolvidas com base no aprimoramento das teses existentes e na produção de pesquisas.

Na era digital, o ensino de História enfrenta o desafio de lidar com revisionismos³ que, muitas vezes, se assemelham ao negacionismo, além das mentiras disseminadas pelas fake news. Para compreender as características do negacionismo, destacamos a pesquisa do professor doutor Bruno Leal (2020), que explora um dos principais negacionismos do século XX e suas consequências para as sociedades.

Negar o Holocausto é o ovo da serpente das crescentes contestações atuais ao saber científico. Fenômeno que ganhou forma na França, principalmente entre a extrema-direita, logo após o fim da Segunda Guerra, a negação do genocídio dos judeus pelos nazistas se espalhou e persiste em vários países, abrindo as portas para outros negacionismos, como o ambiental, das ditaduras, da escravidão, da ciência etc. Combater esse fenômeno passa obrigatoriamente pela educação (LEAL, 2020, p. 1).

Em sua pesquisa, Bruno Leal (2020) mapeia historicamente o Holocausto como um dos primeiros negacionismos da história. Ele afirma que existem organizações de autores que possuem a intenção de defender e construir esse negacionismo, essa organização possibilitou a expansão dessa prática nos séculos XX e XXI. Essa disseminação não se limitou apenas à História, mas se estendeu para diversas áreas do conhecimento. Leal também ressalta que o termo “revisionismo” surgiu para suavizar o peso do termo “negacionismo”, criando uma estratégia discursiva para torná-lo verdade.

É por isso que os negacionistas reclamam para si o rótulo de “revisionistas”: almejam dissimular a intenção que o termo “negacionista” já denuncia e, ao mesmo tempo, obter reconhecimento social como historiadores, uma vez que destes não se esperaria nada mais, nada menos do que “revisar” o passado (LEAL, 2020, p. 14).

Neste sentido, o professor de História, ao receber alunos consumidos pelo contato com afirmações negacionistas, enfrenta o grande desafio de desconstruir narrativas

³ Para a verificação acessar: <https://www.cienciahoje.org.br/artigo/para-entender-o-negacionismo-do-holocausto/#>. O conceito de “revisionismo” histórico, tradicionalmente presente na prática historiográfica como parte do processo científico de reinterpretação do passado à luz de novas fontes e metodologias, vem sendo apropriado de forma distorcida por grupos negacionistas. Recentemente, estudiosos como Patrícia Valim e Alexandre de Sá Avelar argumentam que certas práticas que se autodeclaram “revisionistas” não passam, na verdade, de manipulações deliberadas dos fatos históricos com o intuito de sustentar ideologias autoritárias e negar crimes de lesa-humanidade, como o Holocausto. Diante disso, os autores propõem uma ressemantização do termo “revisionismo”, deslocando-o para o campo da distorção – isto é, da falsificação intencional e ideológica da história. Eles demonstram que esses falsificadores utilizam a aparência de rigor metodológico para legitimar narrativas que negam o sofrimento das vítimas e deslegitimam a memória coletiva. Ao se apresentar como uma suposta revisão crítica, esse “revisionismo ideológico” se opõe frontalmente aos princípios éticos da historiografia comprometida com a verdade e os direitos humanos.

confeccionadas por vídeos criados com o intuito de viralizar. Esse desafio se intensifica com o papel das redes sociais, onde as informações circulam de forma rápida e intensa, inclusive por falas e vídeos (reels).

Certeau (1982) nos provoca a refletir sobre “*para quem a História trabalha*” e o “*que ela produz*”. O lugar social de quem a produz é extremamente importante, o lugar de “*quem a produz*” (lugar de fala) está atrelado ao lugar social que esta pessoa ocupa, o contexto histórico ao qual ela está inserida e a posição que ela ocupa na estrutura da sociedade, nessa perspectiva quem está em posições de poder dita de forma explícita, ou não, quais informações e interações serão veiculadas na internet, à partir desses levantamentos é possível proporcionar aos alunos a reflexão sobre quem está neste lugar de fala (como mídias sociais, jornais, influenciadores) e quais impactos essas informações podem causar na sociedade.

Como atividade intelectual, o historiador ocupa um espaço de produção que se legitima pela representatividade de suas pesquisas, e as narrativas historiográficas circulam como conhecimento histórico validado por meio de uma operação rigorosa das análises críticas de documentos, na formulação de argumentos com base em indícios, sejam quais forem.

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática". Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas "científicas" e de uma escrita. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto. A escrita histórica se constrói em função de uma instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece à regras próprias que exigem ser examinadas por elas mesmas (CERTEAU, 1982, p. 56).

Entretanto, com a disseminação de informações falsas viralizadas pelas redes sociais, a historiografia, a escrita da História, precisa redobrar o cuidado com suas fontes e com a circulação de seus conhecimentos. Pois, além de produzir para a sociedade, o historiador deve atentar-se ao ensino de História, uma vez que, geralmente, os “nativos digitais”⁴ habitam o mundo das imagens e das redes sociais.

⁴ Essa expressão “nativos digitais” foi criada pelo pesquisador norte-americano Marc Prensky (2001) e atribuída à geração de jovens nascida a partir da emergência e usos das tecnologias de informação e comunicação rápidas (TIC's) e acessíveis pela rede mundial de computadores – a Web. Com o acesso a ferramentas como videogames,

Desde o século XIX, o conceito de verdade perpassou por diversas transformações, uma vez que a visão positivista foi superada. No entanto, na atualidade, com o conceito de pós-verdade⁵ – especialmente nas relações midiáticas e no saber não-científico –, o ensino da História enfrenta diversos desafios, entre outros, o de ser mais preciso ao enfatizar a narrativa historiográfica, fundamentada no conhecimento produzido academicamente e validada pelos pares. Na crucialidade que a História supere os impactos emocionais e tendenciosos criados pelos receptores das notícias nas redes sociais e eduque para o entendimento que conhecimento histórico é diferente de opinião, e que opiniões não devem ser mais importantes do que fatos.

A viralização de conteúdos/publicações fomenta fenômenos como o da pós-verdade, em que **as opiniões importam mais do que os fatos em si**. Nesse contexto, torna-se menos importante checar/verificar se algo aconteceu do que simplesmente acreditar que aconteceu (já que isso vai ao encontro da própria opinião ou perspectiva). (Pacheco; Paiva, 2022, p. 5, grifo nosso)

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) no século XXI, domina as relações sociais, e conseqüentemente, o ambiente escolar. Para melhor entendimento,

As tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) referem-se a toda forma de gerar, armazenar, transmitir, processar e reproduzir informação **aliada às técnicas mais modernas surgidas nesta área, como: telecomunicações via satélite, processamento** de som e de imagens, videocassete, TV a cabo TV digital, robótica, Internet, correio eletrônico (e-mail), CD Rom. Multimídia e todas as formas eletrônicas de comunicação (Pacheco; Paiva, 2022, v. 02, n. 01, p. 5, grifo do autor).

Nesse sentido, no segundo capítulo, abordarei as redes sociais no século XXI, destacando como a tecnologia da informação tem sido utilizada para disseminar fake news e alienar as pessoas dentro de suas bolhas sociais nas mídias digitais. Também abordo a perspectiva da Escola de Frankfurt sobre a indústria cultural, cujos estudiosos teorizam sobre a alienação promovida por aqueles que controlam e dominam a indústria da informação, principalmente na política.

Internet, telefones celulares, MP3, iPod, Instagram, Facebook, Tik Tok e WhatsApp, entre outras, o ensino-aprendizagem na formação escolar requer práticas pedagógicas desafiadoras.

⁵ Pós-verdade é um neologismo que designa a conduta com a qual é produzida e faz-se circular uma opinião e que nesta, quase sempre, há uma recorrência apelativa às emoções e crenças pessoais de todas as ordens. Além disso, tem um componente político que caracteriza “uma época em que a arte da mentira está abalando as próprias fundações da democracia e do mundo como o conhecemos”, conforme afirma D’Ancona (2018).

A partir do conhecimento sobre a produção e circulação de informações, os alunos precisam apreender para se situarem no tempo histórico em que vivem e formularem uma consciência histórica consistente e bem fundamentada. Ou seja, necessitam compreender as formas e os propósitos com os quais as notícias e as opiniões são formuladas e disseminadas, incorporando certa prevalência de verdade. Cabe também ressaltar que as metodologias de ensino de História, empregadas pelos docentes em suas práticas pedagógicas, é de muita relevância para que os discentes percebam a produção de fake News como uma ação humana carregada de propósitos que circulam instantaneamente em busca de consumidores inocentes ou de multiplicadores conscientes.

Observamos que, as grandes big techs⁶ no atual contexto político se favorecem ao comercializarem notícias falsas, utilizam algoritmos para construir nichos sociais que proporcionam a cultura do consumo de informações. Por meio do consumo de propagandas e produtos direcionados, os nichos mercadológicos divulgam conteúdos específicos para cada usuário, obtendo lucros exorbitantes.

No terceiro capítulo, analiso a pesquisa realizada em sala de aula com alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental II. Nas turmas do 8º ano, ao trabalhar o tema “O Pensamento Iluminista” e a habilidade socioemocional sugerida: comunicação, de acordo com o livro do 8º ano (unidade 1, páginas 8-9), demonstrarei o que explorei em relação às fake news em aulas complementares ao tema. Durante as aulas, abordei o consumo das fake news na atualidade e, em seguida, apliquei um questionário aos alunos dos 8º anos.⁷

Ao ler as respostas dos alunos ao questionário, observei a falta de questionamento por parte dos discentes sobre o funcionamento e os impactos das redes sociais, além de uma ausência de consciência histórica, ao perceber a gravidade, de não filtrarem as informações que recebem (60% dos alunos), o que evidencia a necessidade de incluir discussões sobre fake news no ensino de História e outras práticas escolares.

Nas turmas de 9º anos realizei uma aula com a temática “fake news na política” abordando o populismo no Brasil. Após esta aula, apliquei um questionário⁸ para entender suas percepções sobre o tema. Por meio do questionamento apresentado, obtivemos alguns resultados que serão analisados mais adiante, relacionados aos alunos e ao contexto das redes sociais na temática das fake news na política brasileira.

⁶ Big techs, ou gigantes de tecnologia, são as grandes empresas que exercem domínio no mercado de tecnologia e inovação, como a Apple, o Google, a Amazon, a Microsoft e a Meta.

⁷ Consultar apêndice B.

⁸ Consultar apêndice A.

Para além das questões teóricas e metodológicas aqui apresentadas, é fundamental registrar que este trabalho é também expressão de uma trajetória pessoal, profundamente marcada pelo compromisso com a docência e com a formação crítica dos estudantes.

Sou Mônica Ingredy Boaventura Felisberto, licenciada em História pelo Instituto Federal de Goiás e mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, vinculado à Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT). Minha trajetória profissional está diretamente ligada à educação básica, com atuação predominante no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, desenvolvendo práticas pedagógicas voltadas à formação crítica dos estudantes, com ênfase na construção da consciência histórica e no enfrentamento aos desafios da contemporaneidade.

Atualmente, desenvolvo uma pesquisa voltada à análise da circulação de notícias falsas em redes sociais e suas implicações na construção da memória histórica entre os alunos. Como produto dessa investigação, proponho uma sequência didática integrada ao uso da inteligência artificial, com o objetivo de promover uma educação histórica mais crítica, engajada e em sintonia com as realidades digitais dos estudantes.

Entendo a História como uma ferramenta de leitura do mundo e como um instrumento de resistência diante das simplificações e manipulações do passado. Acredito que formar sujeitos historicamente conscientes é, antes de tudo, um ato político, pedagógico e profundamente necessário em tempos de crise da verdade. Dessa forma, este trabalho é, também, uma afirmação ética do ofício docente e da responsabilidade coletiva com a construção de uma sociedade democrática e justa.

1. CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Estudando o fenômeno fake news com o qual convivemos na atualidade, produzido e disseminado em todos os ambientes de ações humanas, a escola não é um lugar imune a essas condutas e certamente afetam o cotidiano do alunado e dos docentes em suas práticas pedagógicas e no processo contínuo do ensino e da aprendizagem. Neste primeiro capítulo, iniciamos as abordagens discutindo os usos das tecnologias digitais no ensino de História, investigando as maneiras como os discentes recebem e operacionalizam as informações que circulam nas redes sociais em que são usuários e como é possível trabalhar a consciência histórica em sala de aula e para além dela.

1.1. A Transformação Cultural e a Evolução das Mídias Sociais

Atualmente, os usos das tecnologias digitais alteraram e continuarão alterando as dinâmicas socioculturais da vida cotidiana das pessoas em todo o mundo. Quando falamos de tecnologia, especialmente nos remetendo às práticas pedagógicas no ambiente escolar, convém atentarmos que concepções são articuladas sobre o assunto e como os discentes entendem a aprendizagem histórica com os usos de ferramentas tecnológicas. Em boa medida, nos deparamos com o desafio cotidiano de instigar adolescentes e jovens em idade escolar para o foco de outras aprendizagens, uma vez que na condição de “nativos digitais” estes habitam mais o mundo das virtualidades computacionais. E nesse universo, se abastecem de todo tipo de informações onde predominam mais as opiniões formuladas por outrem do que resultados de pesquisas científicas.

Da mesma forma, por falta de conhecimentos mais elaborados, esse público jovem quase sempre entende tecnologias digitais como “operações mágicas” que nasceram recentemente com a emergência da internet e assim permanecem *high-tech*.⁹ Nessa ótica, na formação escolar, é oportuno um trabalho docente que redimensione e aprofunde essas concepções sobre tecnologias se valendo do tempo histórico.

Como ponto de partida, algumas provocações: como os discentes reagem ao conceber tecnologias pela invenção da imprensa escrita do alemão Johann Gutemberg, desde o século XV? Como pensam as construções das pirâmides egípcias sem a existência da maquinaria pesada de hoje em dia? E o que pensariam se conhecessem a imponência dos templos e os

⁹ High- tech: alta tecnologia.

sistemas de irrigação das cidades pré-colombianas dos povos Maias, Incas e Astecas? Como enxergariam tecnologias no emprego da maquinaria que embasou a chamada Revolução Industrial? Será que entendem esses “feitos históricos” como revolucionários? Será que entendem que esses fatos foram/são produzidos por algum tipo de tecnologia?

Historicamente, as variadas formas e conteúdo de diferentes tecnologias, operacionalizam quase todos os tipos de comunicação. Briggs (2004), traz questionamentos para pensarmos a produção e a recepção de informações com usos de tecnologias no século XX, nos seguintes termos:

Com o desenvolvimento da comunicação elétrica, começada com o telégrafo, surgiu uma percepção de mudança iminente e imediata. Os debates na mídia na segunda metade do século XX estimularam a reavaliação, tanto da invenção da impressão gráfica, quanto de todas as outras tecnologias que foram tratadas no princípio como maravilhas. Geralmente aceita-se que as mudanças na mídia tiveram importantes consequências culturais e sociais. Controversos são a natureza e o escopo dessas consequências. São elas primordialmente políticas ou psicológicas? Pelo lado político, favorecem a democracia ou a ditadura? A "era do rádio" foi, não somente a era de Roosevelt e Churchill, mas também de Hitler, Mussolini e Stálin. Pelo lado psicológico, a leitura estimula a empatia com os outros ou o isolamento em um mundo particular? A televisão ou "a rede" aniquilam ou criam novos tipos de comunidades nas quais a proximidade espacial não é mais importante? (Briggs, 2004, P. 23).

A produção de tecnologias foi responsável por grandes avanços sociais, culturais e econômicos, sendo importante que os nossos alunos tenham esse entendimento. No entanto, o desenvolvimento tecnológico, principalmente das mídias, também desencadeia transformações de comportamentos nocivos à sociedade contemporânea como, por exemplo, falsificações de informações, orquestração de ataques às escolas, crimes de natureza discriminatória, discursos de ódio, entre outros.

E a escola, a sala de aula como um dos cerne da vida em sociedade absorve os impactos dessas mudanças e devem fazer uma reflexão sobre elas, na perspectiva de construção de uma visão crítica e cidadã por parte de seus discentes e docentes.

O uso das tecnologias digitais no ensino de História tem se consolidado como uma importante vertente de pesquisa no âmbito dos mestrados profissionais, especialmente diante dos desafios impostos pela disseminação de informações nas redes sociais e pela ascensão de narrativas negacionistas. Quatro dissertações recentes exemplificam distintas abordagens sobre essa temática, contribuindo de maneira significativa para o debate historiográfico, metodológico e pedagógico. As dissertações analisadas trazem em comum a discussão sobre a História Pública que é a atuação dos historiadores em diferentes áreas da sociedade, não

somente na academia, como nos governos, nas empresas privadas, nos museus, nas sociedades históricas e nos meios de comunicação.

Gabriel Cunha Mendes (2018), em sua dissertação intitulada Canal “Outra História”: o uso do YouTube como ferramenta pedagógica para o ensino de História, defende a utilização do YouTube como um espaço legítimo de produção e divulgação de conhecimento histórico.¹⁰

Ao analisar o canal “Outra História”, o autor situa sua proposta no campo da História Pública Digital, argumentando que essa plataforma pode aproximar a linguagem acadêmica das novas gerações, chamadas de nativos digitais. A dissertação ressalta o potencial dessas mídias como antídoto ao avanço de fake news e das chamadas “verdades fluidas”, típicas da era da pós-verdade. Como resultado, o estudo conclui que a mediação crítica do professor é essencial para transformar o YouTube em uma ferramenta pedagógica eficaz, promovendo o engajamento dos estudantes com materiais históricos baseados em rigor teórico e metodológico.

Vanessa dos Reis Domingues (2018), por sua vez, em Ensino de História do tempo presente na era das redes sociais, problematiza o uso das redes sociais — com foco na atuação do Movimento Brasil Livre (MBL) — como espaço de construção e propagação de narrativas históricas voltadas ao tempo presente¹¹. A autora articula os campos do ensino de História, da História do Tempo Presente e da História Pública, analisando como disputas de memória e falseamentos históricos afetam o processo de ensino-aprendizagem.

Um dos principais resultados apontados pela pesquisa é a constatação de que os estudantes, muitas vezes, reproduzem discursos presentes nas redes sociais sem uma reflexão crítica, o que reforça a necessidade de o professor atuar como curador de conteúdos. A pesquisa também destaca o papel da formação docente no enfrentamento ao revisionismo histórico disseminado nas mídias digitais.

A dissertação de Rosenilde Alves de Lima (2021), intitulada Histórias públicas e ditadura militar: a verdade sedutora dos negacionistas como um problema para o ensino de História, aprofunda a discussão sobre o negacionismo histórico ao analisar duas narrativas amplamente difundidas na cena pública: o Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil e as produções do grupo Brasil Paralelo¹². A autora investiga como essas narrativas se apropriam de conceitos como verdade, memória e história para legitimar discursos que

¹⁰ Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/560483>

¹¹ Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/559927>

¹² Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/705497>

relativizam ou justificam o regime ditatorial brasileiro. A pesquisa também inclui uma análise da linguagem dos memes como instrumento de persuasão e propagação do discurso negacionista entre os jovens. Os resultados revelam que essas narrativas ganham força ao se apresentarem como versões “alternativas” e “verdadeiras” do passado, o que demanda ações pedagógicas que promovam a literacia histórica e a formação crítica dos estudantes diante da avalanche informacional como característica da contemporaneidade.

Por fim, a dissertação de Roberto Eduardo Carneiro dos Santos (2022), *Redes digitais e ensino de História: produção, recepção e aprendizagem por meio da internet na perspectiva da História Pública entre alunos da geração Z e Alpha*¹³ traz uma proposta de análise aplicada do uso do YouTube como ferramenta pedagógica. O autor discute o papel do professor como tutor de conteúdos históricos diante da abundância de informações disponíveis online.

A pesquisa envolveu a aplicação de uma sequência didática com uso de vídeos de canais de História no YouTube, avaliando os impactos dessa abordagem na construção da consciência histórica dos alunos. Os resultados demonstram que o uso crítico e planejado desses materiais, articulado às metodologias ativas como a Webquest, pode potencializar a aprendizagem e despertar o interesse dos estudantes por temas históricos, desde que acompanhados de análise crítica e seleção adequada de fontes confiáveis.

Em síntese, os quatro trabalhos aqui analisados reafirmam a centralidade da mediação docente frente às novas linguagens e mídias digitais. Eles apontam para a urgência de se compreender as redes como arenas de disputa simbólica e epistemológica, em que o ensino de História deve se reinventar sem abrir mão do rigor metodológico e da formação cidadã. As dissertações reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que, ao mesmo tempo, dialoguem com os repertórios culturais dos estudantes e enfrentam de forma crítica os discursos de ódio, revisionismo e desinformação que circulam nos meios digitais contemporâneos.

Ao compreendermos os trabalhos desenvolvidos no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História, foi possível identificarmos as maneiras como as fakes news podem ser discutidas nas aulas de História na educação básica. Dessa forma, com restritos trabalhos sobre o tema no programa, foi possível abranger a pesquisa para o mestrado. Ressalto que no Educapes existem diversos trabalhos sobre fake news, no entanto abrange diversas áreas do conhecimento, ou seja, não se limitam à História por isso demonstro na minha pesquisa, apenas as produções realizadas no Profhistória.

¹³ Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/716390>

Na contemporaneidade uma das características das sociabilidades é o grande fluxo de informações veiculadas pelas redes sociais. Este processo de transformação tecnológica permite analisarmos uma retrospectiva do avanço das mídias. As mídias ganharam papel de destaque a partir da década de 1920 com a comunicação pelas ondas do rádio, do cinema sonoro, das revistas ilustradas, dos almanaques, das fotografias coloridas, dos quadrinhos e essas mídias contribuíram para a construção de uma cultura de comunicação no século XX.

Os meios de comunicação de massa, como a televisão, ascenderam entre os anos de 1950 e 1970, apresentando o mundo em áudio e vídeo que passaram a se equiparar como provas irrefutáveis da verdade em si mesmas. As imagens em movimento significariam, portanto, o sentido de prova cabal aos acontecimentos noticiados. No Brasil, aos olhos e ouvidos dos telespectadores, os lugares e acontecimentos que pareciam tão distantes foram compondo os ambientes familiares cotidianos como também os espaços urbanos e rurais.

Nas décadas seguintes (1980-1990), a telemática e as redes de computadores aceleraram e “impuseram” uma nova forma de viver e estar no mundo. Em outras palavras, atualmente, os mundos cabem em um pequeno aparelho tecnológico – o telefone celular. Assim, no século XXI, pela comunicação digital, passamos a conhecer e viver a “cultura da virtualidade real¹⁴” com reformulações repentinamente das percepções sobre os acontecimentos, crenças generalizadas, relações humanas e outras percepções. É importante ressaltar que essa nova forma de estar no mundo modificou as relações humanas com o tempo – o tempo da instantaneidade.

Pensando no contingente de jovens em formação escolar e nos usos das ferramentas digitais, convém aos docentes realizar um trabalho de cognição pedagógica sobre os sistemas de mídias presentes na contemporaneidade, enquanto espaços de comunicação, informação e aprendizagens. Ao contrário do que parece ser, elas existem há mais de um século. No começo do século XX, no percurso da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a chamada **mídia eletrônica** já aparelhava operações de radiodifusão por ondas de rádio, noticiando episódios considerados importantes na ótica de quem os produziam e circulavam.

Na década de 1930, com os avanços experimentais da mesma tecnologia, a comunicação televisiva começou a se estender pelo ocidente, mas sua popularização no

¹⁴ Virtualidade real: Esse conceito refere-se à ideia de que, na era pós-moderna, a realidade é cada vez mais mediada e substituída por representações e simulações que criam uma nova forma de realidade. O conceito foi criado pelo sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard.

Brasil se deu a partir dos anos de 1950 com uma inovação encantadora: a imagem audiovisual em movimento, à pronta entrega para os telespectadores.

Essas inovações tecnológicas – o rádio, juntamente com o telégrafo, a televisão e o telefone – ao produzirem e fazerem circular informações e/ou entretenimento, mudaram as sociedades, no tocante ao fomento de uma cultura midiática baseada no consumo sistemático de bens materiais duráveis e numa estética de valores humanos de caráter mercadológico. Em boa medida, os noticiários veiculados foram incorporando sentido de verdade ao que era (e ainda é) apresentado.

A conjuntura das mídias digitais tem uma relação direta com o surgimento da Internet. Na segunda metade do século XX já existiam computadores, mas não com a sofisticação que conhecemos e usamos na atualidade. Naquela época, essas máquinas eram usadas como ferramentas somente para fins científicos e produção de dados governamentais. Porém, com as tensões ocasionadas pela Guerra Fria (1947-1991) que polarizou o mundo ocidental em dois blocos regados às disputas econômicas, geopolíticas, militares e ideológicas, o bloco capitalista capitaneado pelos Estados Unidos da América (EUA), procurou formas de proteger seus dados (sobretudo os oficiais), contra um possível ataque nuclear dos então soviéticos.

Nessa busca, pesquisadores da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa (DARPA) passaram a desenvolver novas tecnologias para fins de defesa geopolítica do Estado e, assim, chegaram a produzir o que conhecemos como rede de computadores. Dessa forma, no começo da década de 1960, foi implantado um sistema independente de comunicações conectado a uma rede de computadores descentralizada e resistente a ataques externos, ou seja, esse “produto” tecnológico atendia seguramente aos interesses do Estado norte-americano.

A partir de então, vários experimentos tecnológicos partindo de organismos estatais e/ou da iniciativa privada foram ampliando e aprimorando a produção de dados e informações. No começo da década de 1990, a criação e disponibilização do sistema World Wide Web (WWW) interconectado e acessível por um “navegador” conhecido como Internet, passou a encurtar distâncias, aproximar pessoas, instituir múltiplas relações sociais e produzir um novo sentido de tempo superpondo o imaginário do real com o virtual.

Nesse universo também designado de ciberespaço, multidões pelo mundo afora habitam as redes sociais digitais. De forma virtual e acessível, estas são criadas por pessoas

e empresas que se interconectam em função de interesses e valores comuns e, em boa medida, alimentam relações pessoais e profissionais de maneira rápida e desburocratizada.

Pierre Lévy (2009) concebe ciberespaço como um ambiente virtual de comunicação digital alimentado pelas interconexões das redes mundiais de computadores onde as pessoas se expõem, produzem e compartilham conteúdos sobre si mesmos, formulam e publicam opiniões de todas as ordens, além de interagirem com muitas outras pessoas que lhe são de seus convívios, ou não. Nessa compreensão, com os aparatos tecnológicos em constantes e rápidas reformulações, experimentações e atualizações, o mundo ficou, está e vai continuar “internetizado”.¹⁵

Sobre a cibercultura, Lévy (2009) chama a atenção sobre diferentes maneiras de produção dos saberes na atualidade, devendo ser consideradas as novas dinâmicas como, por exemplo, o fácil acesso e disponibilidade das informações e as possibilidades de usos da inteligência artificial. Em suas abordagens, o autor destaca as diversas formas de aprendizagens que “pedem” novos caminhos pedagógicos pelos quais o papel do docente não pode ser o centro produtor do conhecimento.

Em outra perspectiva, ele destaca que a educação na modalidade a distância pode ser um bom orientativo de aprendizagem coletiva porque no ciberespaço informações e conhecimentos, além de serem acessíveis, se multiplicam e se atualizam constantemente. Em outras palavras, Lévy ressalta a indispensável formação docente continuada e atualizada para responder às demandas educacionais nas dinâmicas da atualidade, seja inovando práticas pedagógicas ou experimentando outros procedimentos metodológicos na pesquisa e no ensino de história.

Nessa perspectiva, as mudanças nas mídias também transformaram a cultura. No quadro abaixo, visualizamos os tipos de cultura e suas transformações ao longo dos períodos históricos, destacando o tipo de comunicação que emergiu a partir das mudanças culturais, a ênfase evidenciada em cada período e a forma como essa cultura foi ou é propagada. Esse quadro nos permite entender historicamente como as transformações culturais ocorrem e influenciam as características da comunicação.

O quadro abaixo evidencia que as mudanças na comunicação afetam a construção do conhecimento e as relações sociais. No ensino de História, entender essas transformações é essencial para adaptar as práticas pedagógicas à realidade.

¹⁵ Para efeito de referência, consultar <https://www.portalinsights.com.br/perguntas-frequentes/quando-surgiu-a-internet-e-qual-era-seu-objetivo>.

QUADRO 1 – TRANSFORMAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

CULTURA	TIPO DE COMUNICAÇÃO	OLHAR	ÊNFASE	CULTURA COMUNICACIONAL
Tradicional Rural	Oral	Estático	O aqui O agora	Local
Industrial (depois de Guttemberg)	Escrita	Linear	Cadeia linear Anseio pelo futuro	De massa
Eletrônica	Simbólica	Hipertextual	Onipresença Descontinuidade Interatividade	Digital

(Freire, 2011, p. 62)

Ao analisar o quadro de Freire, identificamos que até o século XVI, a comunicação se efetivava predominantemente pela oralidade e assim, as informações se propagavam de forma mais lenta. A disseminação de informações se acelerou no século XVI com a invenção da imprensa por Gutenberg. Com a possibilidade de impressão, a comunicação passou a ser mais informativa e de massa. No século XX até a atualidade, o quadro mostra que a comunicação se tornou mais simbólica e imagética, com ênfase na interatividade. Neste novo contexto, o interlocutor não apenas recebe a mensagem, mas também participa da sua modificação.

O processo de comunicação é inerente ao homem, desde a época das cavernas: o que tem mudado são as formas de se comunicar. Muitos séculos se passaram desde a retórica das sociedades grega e romana até surgir o conceito de "opinião pública" no século XVIII e da preocupação social com as "massas" no século XIX. Porém, foi apenas em 1920 que se falou em mídia pela primeira vez. A partir da metade do século XX, a mídia não saiu da evidência em virtude da "revolução da comunicação" na década de 50 e da prevalência dos meios de comunicação de massa nas décadas de 60 e 70. Mesmo com a chegada da informática na década de 80 e das redes computacionais na década de 90, os meios de comunicação de massa, as mídias, continuaram em evidência e vêm participando ativamente da construção sociocultural da contemporaneidade. Com o século XXI, estamos vivendo o fortalecimento da comunicação digital, que tem tido participação cada vez mais abrangente na vida das pessoas de todas as idades e localizadas praticamente em todas as partes do globo. (FREIRE, 2011, p. 64)

O quadro de Freire resume as transformações culturais e comunicacionais, mostrando como a comunicação transformou-se de um modelo estático e regional para um modelo hipertextual e interativo. Essa transformação não só altera a forma como recebemos e processamos informações, mas também como interagimos e formamos opinião.

Sendo assim, essa transformação cultural por meio da trajetória das mídias, da escrita às digitais, evidencia como a nossa comunicação e a forma de consumirmos a informação

mudou, e conseqüentemente chegou à escola, fazendo com que os professores repensem suas práticas pedagógicas a partir da era da comunicação informacional.

1.2. A presença da comunicação digital na Educação

O papel da escola no contexto das novas formas de comunicação é extremamente importante. Como instituição formativa, esta deve apoderar-se das mídias de comunicação para garantir aos seus alunos tanto um conhecimento mais sistematizado, quanto a autonomia frente a esta nova condição da existência humana. As tecnologias alteram e transformam irreversivelmente o mapa cognitivo dos seres humanos fazendo com que os telespectadores e/ou usuários se tornassem parte da automação na realidade do mundo digital. No entanto, isso trouxe outra preocupação: será que realmente estamos vivendo na era do conhecimento científico e informacional? Freire (2011), diz que:

A sociedade contemporânea está mergulhada em um caudaloso fluxo comunicacional e, mediante esse fato, há quem afirme que estamos vivendo a Era do Conhecimento. Entretanto, o conhecimento exige reflexão (tempo e maturação) e seleção (critério, crítica), duas práticas um pouco démodés para nossos dias. Havendo necessidade de um rótulo, chamemos de Era da Informação este cenário pós-moderno. (Freire, 2011, p. 52).

Na citação acima, Freire insinua em seus leitores a sensação de que o conhecimento, em sua forma pronta e acabada, está ultrapassado, pois tal abordagem tende a destruir a criticidade e a reflexão sobre as informações que chegam aos consumidores. A modificação tecnológica instaurada no final do século XX transformou a sociedade em uma “sociedade em rede”¹⁶, estabelecendo novas formas de consumo, indiscriminado, por meio de recursos midiáticos. Uma das inovações da "sociedade da informação" são os fluxos acelerados de comunicação entre as pessoas, que, além de ultrapassar fronteiras físicas, criaram o fenômeno do tempo instantâneo e o imediatismo – fatores que contribuem para o adoecimento da sociedade.

Em algumas escolas, o uso de celulares e tecnologias era permitido em sala de aula. No entanto, com a promulgação da Lei Federal nº 15.100/2025¹⁷, passou a ser proibido o uso de celulares e outros dispositivos eletrônicos portáteis por alunos nas instituições de

¹⁶ Manuel Castells vê a sociedade em rede como uma nova era de organização social e econômica, marcada pela centralidade das redes digitais e pela interconexão global. Ele analisa tanto as oportunidades quanto os desafios que surgem com essa nova estrutura, oferecendo uma visão abrangente das transformações em curso na era da informação.

¹⁷ Acesse a lei: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2025/lei/115100.htm.

educação básica. Ao usarem com constância esses dispositivos, pesquisas indicam que os alunos podem desenvolver ansiedade, problemas de sono, dificuldade em lidar com sentimentos, prejuízos na comunicação e no desenvolvimento cognitivo, além de interagirem menos com os colegas e se distraírem facilmente durante o processo de aprendizagem.

Um exemplo dessa reavaliação do uso da tecnologia na educação está acontecendo na Suécia, que no século XX visava uma educação 100% digital. No entanto, recentemente o governo recuou dessa proposta, readotando o uso de livros impressos nas escolas. Esse é um movimento que está acontecendo mundialmente após a recomendação da ONU¹⁸ no dia 26 de julho de 2023 e da UNESCO²⁰ sobre o uso de smartphones em sala de aula, o movimento evidencia que a tecnologia digital, por si só, não garante maior aquisição de conhecimento, destacando a importância do professor como mediador e regulador dessas ferramentas no ambiente escolar. Além disso, reforçamos a necessidade de educar os alunos para o uso saudável e responsável das mídias digitais e dispositivos móveis, em vez de simplesmente puni-los. É essencial promover a divulgação sobre o tema, orientando os estudantes a utilizarem a tecnologia.

Dessa forma, podemos entender que estamos vivendo na era da informação, que é diferente do conceito de conhecimento. A vida midiática, que utiliza a informação para mediar as relações entre os seres humanos e as “coisas” do mundo, é considerada por estudiosos como um novo *bios*, um novo ambiente no “âmbito existencial”. Compreendendo que a escola é um espaço fundamental na constituição do todo social, cultural e educativo, é impossível ignorá-la no contexto dos meios de comunicação e informação que nos cercam, como nos alerta Freire:

Já faz algum tempo que a mídia vem sendo utilizada como recurso pedagógico, auxiliando o professor no ensino de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História etc. Mas os meios de comunicação devem ser incluídos, sobretudo, como objetos de estudo para que os jovens tenham uma compreensão menos superficial de sua época, da influência midiática no jogo democrático, no discurso ideológico e no consumo (Freire, 2011, p. 53).

¹⁸ Sobre a notícia acesse:

<https://news.un.org/pt/story/2023/07/1818137#:~:text=Unesco%20preocupada%20com%20uso%20excessivo%20de%20smartphones%20nas%20escolas,-26%20Julho%202023&text=Em%20relat%C3%B3rio%2C%20ag%C3%Aancia%20da%20ONU,e%20ressalta%20lacunas%20no%20acesso.>

¹⁹ Organização das Nações Unidas.

²⁰ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Por sabermos que a mídia tem o controle de uma nova realidade, o novo *bios*, classificada como um outro mundo, a educação também deve se preocupar em preparar o aluno para lidar com as leituras, as aprendizagens e os usos das mídias, não mais de forma superficial, mas conscientes da força que as mídias possuem na sociedade, principalmente pela construção de discursos ideológicos e intenções mercadológicas, onde acontecem múltiplos jogos de poder.

Qualquer projeto de sociedade e de educação deve levar em conta a mídia enquanto espaço público (repleto de discursos - o mais presente deles proveniente da classe dominante) e enquanto ambiência. A mídia-educação não será a solução para as mazelas da sociedade da educação. No entanto, para o melhoramento da sociedade e da educação, faz-se necessária a transformação do espectador em cidadão no que a mídia-educação pode contribuir significativamente. (Freire, 2011, p. 54).

Por isso o papel da tecnologia é duplo, pois ela possibilita uma gama de ferramentas para a melhora do aprendizado, mas também oferece desafios para que os estudantes consigam focar e aprofundar seu aprendizado devido às grandes distrações proporcionadas pela mesma. Neste sentido, uma educação utilizando as tecnologias digitais é fundamental para que os alunos a utilizem de maneira eficaz, prática, crítica e reflexiva.

1.3. Informação vs. Conhecimento: a era da informação e a banalização do conhecimento

Num contraponto, às rápidas e constantes transformações via sistemas digitais de comunicação, foi se constituindo uma certa banalização do conhecimento, pois é comum que muitas pessoas confundam informação com conhecimento letrado. Essa confusão resulta da simplificação de três concepções importantes na atualidade: opinião, informação e conhecimento. Embora frequentemente usados como sinônimos, esses conceitos (apresentados de forma didática e lexical) têm diferenças fundamentais.

1. **Opinião:** é uma compreensão pessoal da realidade, fundamentada em convicções emocionais. Trata-se de julgamentos subjetivos que não necessariamente se baseiam em evidências ou fatos.

2. **Informação:** é um dado construído considerado verdade. No entanto, com a ascensão das redes sociais e a capacidade de alterar informações embasadas pelo senso

comum, a informação passou a ser questionável. Por isso, a verificação factual, realizada pelo jornalismo ético, tornou-se crucial para garantir a precisão da informação.

3. **Conhecimento:** é a construção sistemática e fundamentada, obtida por meio de fontes, evidências e análises críticas sobre um determinado acontecimento. É o resultado de um processo rigoroso de investigação e análises.

A diferenciação entre essas concepções tornou-se essencial devido à natureza da comunicação informacional, mas com uma atenção para se compreender que a simples apreensão de informações não é suficiente. É fundamental usar filtros rigorosos para a construção do conhecimento e entender os propósitos para os quais são produzidas outras formulações diferentes nas complexas redes sociais-digitais.

Neste contexto digital, a escola também está inserida e deve integrar a mídia dentro da sala de aula. Em 2023 realizei uma pesquisa em uma escola do Estado de Mato Grosso sobre que comportamentos os alunos escolhem para lidar com as redes sociais e fake news, os resultados dizem que a maioria dos estudantes afirmaram obter conhecimento sobre o tema. Revelaram também que conhecem pessoas que foram afetadas pelas fake News, no entanto, revelaram que não filtram as informações recebidas e que a percepção do que é verdade é pouco crítica, pois não refletem sobre as notificações que chegam em suas redes sociais.

O aspecto preocupante é que ao serem questionados sobre o que buscam na internet, os alunos mencionaram notícias recentes e temas que os envolvem emocionalmente, como ameaças de massacre em escolas, futebol e movimentos como o LGBTQIA+. Isso indica que os estudantes são vulneráveis quanto à forma como absorvem e interpretam informações na internet, visto que diversas narrativas permeiam a construção desses temas.

A partir desse diagnóstico, investiguei o impacto das fake News no ensino de História. E compreendi que o tema é crucial, pois influencia diretamente a forma como os alunos constroem o conhecimento e, conseqüentemente, sua consciência histórica.

Para que essa reflexão seja efetiva, é fundamental distinguir a informação do conhecimento. É essencial que os alunos, por meio do ensino de História, compreendam a diferença entre as duas percepções e reconheçam a importância da historiografia na construção dessa distinção, para que possam se perceber como sujeitos históricos.

Para diferenciar o conhecimento da informação, recorreremos às contribuições de Michel de Certeau em “A Operação Historiográfica” (2000). Nessa discussão, Certeau destaca que a construção do conhecimento deve ser realizada de forma sistemática, o que

envolve um rigor metodológico que passa pela elaboração de uma metodologia de coleta de dados (fontes), seguida da crítica cuidadosa dessas fontes. Conforme o autor, é necessário considerarmos os contextos históricos em que os registros foram produzidos, por quem foram produzidos e a escolha de um aporte teórico que deve ser utilizado na pesquisa histórica.

Além disso, é fundamental que o historiador compreenda que o contexto em que ele próprio está inserido, assim como suas opiniões, não pode influenciar de forma parcial ou limitada em seu trabalho. Saber distanciar-se de seu objeto de estudo é essencial para garantir uma interpretação equilibrada. Certeau também ressalta que o conhecimento histórico está em constante construção, sendo continuamente revisado e atualizado pelos pares.

Por isso, o historiador deve ser atento quanto às inferências a serem feitas na investigação, baseando-se sempre em indícios e evidências, por meio de uma análise crítica e abordagem científica. O rigor metodológico é o primeiro passo para compreendermos os pressupostos de uma verdade histórica, como o autor assinala:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática". Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas "científicas" e de uma escrita. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto. A escrita histórica se constrói em função de uma instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece a regras próprias que exigem ser examinadas por elas mesmas. (Certeau, 1982, p. 56).

Michel de Certeau nos ajuda a entender que o caráter científico da história está intrinsecamente ligado ao rigor metodológico, evidenciando que a veracidade histórica é alcançada através desse rigor. Isso justifica a importância da profissão de historiador, bem como a do professor e do ensino de História.

Do ponto de vista da comunicação, as palavras constituem teias de informações articuladas e produtoras de sentidos, que revelam comportamentos e práticas socioculturais diversas. Nos diálogos, o que é dito pode receber diferentes interpretações, dependendo das situações comunicativas, e nem sempre expressa os propósitos reais dos atores sociais.

Há várias compreensões sobre o que é informação. Etimologicamente, a informação se aproxima do uso atual, sendo frequentemente empregada como molde de pensamento. Isso se torna perigoso, pois muitas pessoas a utilizam como se fosse verdade absoluta, muitas

vezes de forma consciente e proposital, para que suas percepções e crenças sobre um determinado assunto sejam aceitas e validadas.

De algum modo, as informações, especialmente aquelas que circulam nas mídias digitais, incluindo as redes sociais, são formuladas com propósitos que estabelecem efeitos de verdade. A informação é um produto que chega aos consumidores já pronto e acabado. Nesse contexto, as fake news estão relacionadas à compreensão da pós-verdade, na qual a verdade é banalizada e escolhida pelos leitores e consumidores no momento da divulgação e replicação de notícias nas redes sociais.

A divulgação de falsas notícias conduz a uma banalização da mentira e, deste modo, à relativização da verdade. O valor ou a credibilidade dos meios de comunicação se veem reduzidos diante das opiniões pessoais. Os acontecimentos passam a um segundo plano, enquanto o “como” se conta a história ganha importância e se sobrepõe ao “o quê”. Não se trata, então, de saber o que ocorreu, mas de escutar, assistir, ver, ler a versão dos fatos que mais concorda com as ideologias de cada um (Llorente, 2017, p. 9).

Conforme adverte Llorente (2017), o componente político se incorpora às informações a partir de quem as produz. Nessa perspectiva, o conhecimento histórico tem enfrentado a banalização de suas produções. Muitas vezes, para ser respeitado e credibilizado pela sociedade, o conhecimento histórico recorre ao conceito de ciência, que também é confrontado pelo negacionismo²¹.

A diferença entre o saber histórico e a informação como formas de moldar concepções e comportamentos reside nos métodos e propósitos de produção do conhecimento. Enquanto a História busca construir o conhecimento de forma sistemática, crítica e com propósito, por meio de um processo de investigação e análise, a informação,

²¹ Atualmente, vivemos a fase aguda da negação da história e da ciência, vemos a ascensão do negacionismo, quando se nota que um número significativo de pessoas recorre ao “terraplanismo” (ALVIM, 2017), à negação do efeito das vacinas (CORRÊA, 2014) e à negação do aquecimento global antropogênico (JUNGES; MASSONI, 2018) como modelos explicativos para tentar justificar os problemas sanitários, sociais, ambientais e econômicos. No caso do conhecimento histórico a situação não é diferente. Vemos um grande número de pessoas recorrer a materiais que oferecem “histórias sem ideologias”, “histórias verdadeiras”, “materiais que contam os dois lados da história” e “histórias que seu professor de história não contou”, como promete o Guia politicamente incorreto da História do Brasil (NARLOCH, 2009). Para a pesquisadora Sônia Meneses, essa historiografia midiática faz leituras maniqueístas da história e uma releitura de antigos paradigmas que sustentam a manutenção de processos excludentes, preconceitos e conclusões que utilizam de forma desonesta as informações extraídas de teses e dissertações ou mesmo fontes históricas, selecionadas e recortadas para referendar argumentos cujo fim é a desqualificação política de vários sujeitos e enunciados científicos (MENESES, 2019, p. 80). Sonia Meneses destaca que a lógica da narrativa histórica desses materiais, sejam eles impressos ou audiovisuais, é sempre uma “história que se anuncia como uma escolha entre contrários, numa dicotomia sectária que aniquila a complexidade do pensamento e a diversidade de ideias. Não por acaso, exalta-se o politicamente incorreto contra o politicamente correto” (MENESES, 2019, p. 84).

por si só, pode ser apenas um dado solto, sem contextualização ou aprofundamento, especialmente no contexto atual das mídias digitais, que geralmente se transforma em mercadoria. Nesse cenário, as informações são replicadas e divulgadas, muitas vezes sem verificação rigorosa, e podem corroborar com tipos específicos de ideologias. Além disso, as chamadas "fake news" frequentemente contêm dados corretos misturados com informações falsas, o que as torna ainda mais perigosas e persuasivas. Isso é um componente da pós-verdade:

[...] viralização de conteúdos/publicações fomenta fenômenos como o da pós-verdade, em que as opiniões importam mais do que os fatos em si. Nesse contexto, torna-se menos importante checar/verificar se algo aconteceu do que simplesmente acreditar que aconteceu (já que isso vai ao encontro da própria opinião ou perspectiva) (Pacheco; Paiva, 2022, p. 5).

Essas discussões no contexto da era digital são imprescindíveis. É urgente que os historiadores e docentes façam a necessária diferenciação para ensinar aos alunos a não divulgarem notícias sem verificar sua veracidade, especialmente para a fonte de produção. Além disso, é crucial inibir discursos de ódio, racismo, homofobia, etarismo, etc., lidando sempre com a distinção entre liberdade de expressão e ataques aos direitos das pessoas, reconhecendo a importância de aceitar posicionamentos divergentes dos seus.

1.4. Desafios Contemporâneos

Enquanto professora de História, observo que os docentes vivenciam grandes desafios educacionais. Pretendo, a partir dessa constatação, desenvolver uma sequência didática que leve os alunos a refletirem sobre a construção das informações nas redes sociais, focando especialmente na divulgação de fake news. O objetivo é conscientizá-los sobre a importância da verificação das fontes, identificar notícias falsas, compreender as consequências dessas informações para a sociedade e sugerir metodologias que outros professores possam aplicar em sala de aula. Dessa forma, utilizamos a História como uma disciplina voltada à reflexão sobre o cotidiano da vida humana e à construção de possíveis soluções para os problemas enfrentados pelos seus atores sociais.

Nesse contexto, torna-se essencial compreender o papel do ensino de História na formação de sujeitos críticos, especialmente quando se lida com estudantes conectados digitalmente desde a infância. O ensino de História não pode estar descolado da realidade vivida pelos alunos. Ao contrário, precisa se configurar como espaço de construção de

saberes significativos, capazes de provocar reflexões e transformar percepções. É nessa direção que assumimos o compromisso de desenvolver uma proposta pedagógica conectada às abordagens da pedagogia libertadora, da pedagogia libertária e da pedagogia histórico-crítica, reconhecendo que o ensino de História é, sobretudo, uma prática política e formadora de consciências.

A história me permite compreender toda ordem de problemas nos quais eu vivo, pois, viver é sempre viver problemas: a história nos ensina que não existem homens ou sociedades sem problemas. Aquilo que se sugere algumas vezes dizendo: “As pessoas felizes não têm história.” A história permite compreender esses problemas como o jogo cruzado de constrangimentos que nos ultrapassam e de responsabilidades, de escolhas que nos dizem respeito. Ela nos impede de sermos submergidos pelo vivido contemporâneo, uma vez que, o compreendendo, nós o explicamos e, de certo modo, permanecemos seus mestres. Desse ponto de vista, a história é mais que a formação do cidadão. Ela é construção, sempre inacabada, da humanidade em cada homem (Prost, 2000, p. 20).

A citação de Prost nos leva a refletir sobre a função social da História. O conhecimento histórico não se limita à transmissão de conteúdos: ele visa despertar no aluno a capacidade de analisar criticamente o presente, compreendendo suas raízes no passado. Nessa direção, como aponta Freire (2011), é papel do professor dominar pedagogicamente as ferramentas tecnológicas, compreendendo suas potencialidades e limitações, para que possa agir com intencionalidade pedagógica diante dos desafios da contemporaneidade.

Para que o professor desempenhe seu papel pedagógico com competência e sintonizado com os desafios da contemporaneidade que inclui a integração da mídia na perspectiva da TE, é necessário que ele seja um professor alfabetizado tecnologicamente. Isso significa que ele precisa possuir domínio técnico, pedagógico e crítico da tecnologia. Enfim, ser um professor que conhece a mídia, suas potencialidades e limitações enquanto recurso para construção de conhecimento e que se sente confiante para defender seu uso em sala de aula, mas também se sente confiante para rejeitar com fundamento sua integração na sala de aula, quando necessário pedagogicamente (Freire, 2011, p. 74).

Com base nesse entendimento, questiono: como trabalhar com os alunos enfocando o ensino de História, considerando que eles foram, de certa forma, transportados para o mundo digital? Como lidar com os “nativos digitais”²² em suas formações escolares, se

²² A expressão “nativo digital” foi criada pelo educador e pesquisador americano (EUA) Marc Prensky (2010) para designar a geração de jovens nascida a partir da década de 1980, quando foi emergindo a produção, disseminação e compartilhamentos de informações rápidas e acessíveis na rede de computadores – a Web. Nesse mesmo sentido, “imigrantes digitais” é a designação dos não-nascidos no mundo digital, mas, por razões diferentes, passaram a usar as tecnologias digitais para responderem às demandas cotidianas. A partir do final do século XX, com as gerações chamadas de “nativos digitais”, se referindo às crianças nascidas

docentes e discentes apresentam ritmos distintos de vivência tecnológica? De um lado, os estudantes operam múltiplas tarefas simultaneamente, recebem informações de maneira instantânea e têm habilidade com redes sociais. Por outro lado, os professores – imigrantes digitais²³ – lidam com esse novo cenário com cautela e ainda em processo de adaptação.

Essa diferença nos impõe o desafio de repensar metodologias didáticas. Segundo Prensky (2010, p. 3), os educadores precisam aprender a se comunicar na linguagem e no estilo de seus estudantes. Isso não significa abandonar a lógica e o pensamento crítico, mas adaptar a didática, tornando-a mais dinâmica, interativa e alinhada à cultura digital.

O professor também possui alternativas em relação à mídia como TE para desenvolver seu processo pedagógico sintonizado com a contemporaneidade. Apresentamos algumas sugestões: a. trazer criticamente para a sala de aula revistas, jornais, filmes, programas de televisão, programas de rádio, folhetos, vídeos, outdoors, programas de computador, MP3, Ipods etc.; b. levar criticamente a sala de aula para os espaços culturais da comunidade, como parques, jardins, museus, circos, teatros, cinemas, eventos etc.; c. **integrar criticamente a mídia computadorizada online e a mídia interativa às atividades pedagógicas**, como, por exemplo, o que se pode obter nos seguintes sites. <http://www.escolabrasil.com.br> e <http://www.dominiopublico.gov.br>; d. **produzir mídia e cultura com seus alunos a partir das suas realidades, formando não apenas consumidores, mas também produtores de mídia e cultura** (Freire, 2011, p. 76, grifo nosso).

O fragmento acima nos leva a refletir sobre metodologias de ensino capazes de integrar nossos alunos ao meio digital e aprimorar nossas práticas pedagógicas docentes, de forma que possa haver sintonia entre ambas as partes. Como podemos desenvolver uma interatividade saudável e mais produtiva com as mídias digitais, para os alunos?

Com o objetivo de abordar o tema das fake news em sala de aula em uma perspectiva didática desenvolvida com os discentes, proponho algumas estratégias pedagógicas para

a partir de meados da década de 1980, que cresceram em ambientes repletos de celulares, computadores, internet e outros dispositivos eletrônicos. Em várias ações cotidianas, esses jovens operam suas vidas pela interação com grupos virtuais, desenvolvendo a capacidade de realizar múltiplas tarefas simultaneamente pela recepção rápida e instantânea das informações.

²³ Na composição desse universo mesclado entre o “real” e o “virtual”, que permeia as ações e relações humanas na atualidade, além do “nativo”, habita também o “imigrante digital”. Este, no compasso de um passo-a-passo, foi/vai conhecendo, apreendendo e incorporando as “novidades digitais” na vida diária, mas ainda navega de forma intermitente em terrenos analógicos. Esse ponto de interseção – nativo versus imigrante digital – merece uma atenção especial de docentes e gestores escolares, na busca de ajustes didáticos e metodológicos para viabilizar o ensinar e o aprender. A força do mundo digital, com o senso de onipresença e onipotência, permeia os ambientes escolares, especialmente porque uma parte significativa de seus ocupantes são nativos digitais. As metodologias de ensino nas escolas, muitas vezes, não correspondem às formas rápidas e dinâmicas de aprendizagem dos estudantes, que estão acostumados com a conexão e navegação rápidas e a troca instantânea de mensagens. Em contraste, os professores, que podem ser considerados “imigrantes digitais”, costumam utilizar processos cognitivos mais sistematizados.

explorar as mídias digitais, utilizando das ferramentas do tipo Wordwall²⁴, Padlet²⁵, Kahoot²⁶ e museus online. Após realizar uma pesquisa com os estudantes sobre a temática das fake news, propus como estratégia que eles criassem slides com o objetivo de conscientizar sobre os perigos das informações falsas. Com essa atividade, busquei envolvê-los em uma proposta pedagógica que não apenas promovesse a reflexão crítica, mas também os tornasse produtores de conteúdo utilizando as mídias digitais.

Nessa perspectiva, inspirando-se em Freire (2011), compreende-se que o professor é aquele que oferece possibilidades de aprendizagem, criando conexões que favorecem recorrências e experimentações tecidas em conjunto com os alunos.

Além disso, no campo das epistemologias decoloniais, Mulette e Paim (2020) propõem que o ensino de História se torne também um espaço de indignação. Isso significa provocar nos alunos uma reação diante das desigualdades históricas e contemporâneas, ao invés de uma aceitação passiva dos fatos. Os autores nos convidam a pensar a História como “questão-problema”, como campo de disputa de sentidos, em que diversas vozes – antes silenciadas – possam ser ouvidas. Isso é particularmente relevante quando trabalhamos com as fake news, pois nos permite não apenas desmenti-las, mas questionar quem lucra com a mentira e quem perde com a verdade invisibilizada.

Como diz Mulette (2020, p. 33), o ensino de História pode e deve “provocar o desconforto necessário para formar sujeitos inquietos, críticos e sensíveis à realidade que os cerca”. O ensino de História, nessa perspectiva, se torna um espaço político e ético, comprometido com a formação de sujeitos que sejam capazes de se posicionar diante das injustiças sociais e das manipulações da verdade no espaço público.

É nessa direção que o Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória – cumpre um papel fundamental. Como discente da Universidade Estadual de Mato Grosso, campus de Cáceres, venho vivenciando um processo de reflexão sobre a prática docente, sendo provocada a repensar as formas de ensinar História no contexto atual. Essa formação me permite ampliar horizontes teóricos e metodológicos, ao mesmo tempo em que reafirma meu compromisso com uma educação que valoriza o pensamento crítico, a produção de consciência histórica e o respeito às múltiplas vozes da sociedade.

²⁴ Para mais informações: <https://wordwall.net/pt/myactivities>

²⁵ Para mais informações: https://padlet.com/dashboard?mobile_page=Collection&filter=all

²⁶ Para mais informações: <https://kahoot.com/>

No espaço da cibercultura, os agentes da comunicação digital buscam sempre operar com a interatividade e não com o distanciamento espacial e temporal entre a emissão e a recepção de todo tipo de notícias e/ou informações, operacionalizadas pelos sistemas multimídias de massa que são alimentados continuamente. Essa cultura comunicacional imprime aos usuários (especialmente os jovens) uma forte sensação autoral do que é produzido, disseminado e validado ou não, seja como opinião, como informação ou como conhecimento formal. Isso inclui o alcance das redes sociais e as relações interpessoais que elas possibilitam estabelecer.

Esta formação, em nível de pós-graduação *Stricto Sensu*, aprimora a formação docente em geral, oportuniza aos mestrandos conhecerem práticas pedagógicas diferenciadas, estimula a reflexão sobre as experiências educacionais e estimula a produção de pesquisas que produzem impactos na formação escolar dos estudantes. Com uma melhor percepção sobre o conhecimento histórico, estendida ao ensino de História, as práticas pedagógicas docentes tendem a ser reformuladas e atualizadas constantemente, tendo como “produto escolar” a produção da consciência histórica dos nossos alunos.

Ao adentrarem em uma realidade mais tecnológica e alinhada com a linguagem dos alunos (Prensky, 2010, p. 3). Para isso, eles se reinventam, criando estratégias que possibilitem uma interação efetiva com a tecnologia. No Estado de Mato Grosso, por exemplo, a maioria das escolas possui Chromebooks e televisões. Devido ao grande acesso e uso das tecnologias, os professores enfrentam a necessidade de incorporar diferentes estratégias para utilizá-las. Esse processo, que antes era lento e gradual, foi acelerado pela pandemia Covid-19, entre os anos de 2020 e 2022. Atualmente, no pós-pandemia, temos 89% dos nossos alunos conectados²⁷.

A mídia digital (internet, celular) faz melhor a difusão da mensagem que pode ser manipulada, modificada à vontade, graças a um controle de sua microestrutura (*bit* por *bit*). Imagem, sim, e texto não têm materialidade fixa. Podem ser manipulados, dependendo unicamente da opção crítica do usuário ao lidar com o mouse, tela tátil, joystick, teclado e etc. na mídia digital, o interagente-usuário-operador-participante experimenta uma grande evolução. No lugar de receber a informação, ele tem a experiência da participação na elaboração do conteúdo da comunicação e na criação de conhecimento (Freire, 2011, p. 91).

²⁷ Os dados são da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2019, divulgada nesta terça-feira, 23, pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) por meio do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br).

Com o passar do tempo, essas novas mediações trouxeram desafios inéditos para os professores, como novas formas de leitura e novas linguagens. O papel do professor se transfigura para se tornar um provocador e mediador, com o objetivo educacional de transformar e criar uma modalidade de sala de aula ainda mais interativa.

O professor seria então aquele que oferece possibilidades de aprendizagem, disponibilizando conexões para recorrências e experimentações que ele tece com os alunos. Ele mobiliza articulações entre os diversos campos de conhecimento tomados como rede inter/transdisciplinar e, ao mesmo tempo, estimula a participação criativa dos alunos, considerando suas disposições sensoriais, motoras, afetivas, cognitivas culturais, intuitivas etc. (Freire, 2011, p. 96).

O professor, no exercício de sua docência, precisa fomentar e se integrar a processos cognitivos para articular o entendimento e os sentidos do saber histórico, pois o conteudismo por si só não é mais suficiente e nem recomendável para engajar os alunos no processo de aprendizagem. Tornar a aula atrativa, desejável e relevante como parte da formação discente cotidiana, é essencial para despertar a vontade de querer saber do alunado. Em certa medida, isso é possível quando os docentes produzem, inventam e experimentam metodologias diferenciadas em sala de aula. Quase sempre, esse retorno é imediato pois os alunos expressam “satisfação” pela aula ministrada e esboçam contentamento pelos saberes apreendidos em sala de aula.

1.5. Consciência histórica e sua relevância no contexto atual

Ao refletirmos sobre a consciência histórica, é crucial considerar a apreensão dos docentes. Como afirma Smith (2005, p. 1), “É impossível avançar no ensino de História se não se analisa a prática dos docentes, e resulta impossível analisar a dita prática se não se tomam em consideração a estrutura e o funcionamento da narrativa histórica”. Continuando sua abordagem sobre a dinâmica do ensinar e aprender, Smith faz a seguinte consideração sobre o trabalho pedagógico com o conhecimento:

2. Conhecimento como operação. Pressupõe uma orientação e um trabalho no sentido de encaminhar o aluno até uma operação com o conhecimento, o qual é visto como instrumento para desenvolver competências históricas. 3. Conhecimento

situacional. - Se estrutura em torno do desenvolvimento do interesse em se conhecer, no sentido de tornar inteligível, a realidade dos sujeitos apreendida no e pelos seus conhecimentos prévios. Os alunos não precisam absorver tudo o que os manuais e os professores lhe apresentam ou dizem como historicamente significante, mas filtram informações, adicionam ou modificam, reconstruindo suas estruturas de compreensão por meio dos seus valores, ideias e disposições (Smith, 2005, p. 2-3).

Inicialmente, a ideia de conhecimento prévio era mais comum na Educação de Jovens e Adultos. Com a conectividade digital, o acesso à informação tornou-se mais amplo. A internet permite que os assuntos, sejam eles estudados ou não, cheguem aos estudantes de maneira rápida, muitas vezes antes mesmo de serem abordados em sala de aula. Nesse contexto, compreender a realidade dos alunos é fundamental para a operação do conhecimento histórico. Fazer os discentes narrarem suas compreensões sobre os acontecimentos históricos é uma boa metodologia e didática do ensino no trabalho pedagógico, ou seja:

Uma parte da tarefa pedagógica do professor de História é ajudar seus alunos a exporem e construam seus argumentos sob a forma de narrativa histórica. Trata-se da forma didática do conhecimento que pode contribuir para o desenvolvimento da “consciência histórica” dos alunos (Smith, 2005, p. 2-3).

A narrativa histórica é fundamental para o desenvolvimento da consciência histórica, e o conhecimento histórico é essencial para a reflexão crítica, a autocrítica e a escuta ativa na construção do saber. É crucial que, como cidadãos e alunos, eles aprendam a opinar de forma clara e fundamentada. No texto “As Artes de Dizer” de Michel de Certeau (1994), entendemos que o discurso pode ser usado de maneira cuidadosa para entreter, manipular e inspirar o público. Portanto, na era das redes sociais, é vital valorizar a análise das evidências e equilibrar a emoção com a diversidade de discursos e o conhecimento.

Neste contexto, todos os dados e as comunicações recebidas destinam-se a reforçar os seus hábitos, interesses e opiniões. A exposição a ideias contrárias à sua própria posição, sobre qualquer assunto, consideradas de interesse geral, não existe, porque ou estas ideias não aparecem na sua bolha ou são feitas para serem desacreditadas. (Pinsk, 2020, p. 20).

Na grande maioria das escolas, devido à sua imaturidade cognitiva, nem sempre os alunos estão preparados para refletir sobre as mídias digitais e seus efeitos na sociedade.

Muitos desconhecem como realizar pesquisas eficazes em sala de aula e como filtrar notícias e informações que chegam por meio das redes sociais.

Além disso, é crucial entender que a História pode desempenhar um papel significativo na educação para a leitura crítica e na reflexão sobre o mundo digital, bem como na conscientização e no combate às fake news. Por ser a internet uma ferramenta poderosa em disseminar informações e conhecimentos diversos, é necessário que os jovens sejam orientados a conhecer melhor as formas com as quais o mundo cibernético é estruturado, possibilitando operações e manipulações do que quer que seja. Nessa compreensão, vale muito estimular a curiosidade destes jovens e prepará-los para discernir de forma segura e crítica os materiais e as matérias que lhes são acessíveis pelas redes sociais. Pinsk (2020) nos chama a atenção para o seguinte:

A multiplicação de falsas notícias é um fato que ameaça muito seriamente a saúde dos sistemas democráticos do modo como os conhecemos até hoje e diante da qual, honestos profissionais da informação sentem-se impotentes e, na realidade, são. Porque a incontestável verdade é que os meios de comunicação tradicionais perderam crédito para a maior parte da população, que substituiu a confiança antes depositada nestes meios por uma fé, quase infinita, na informação que chega por meio das redes sociais. E é explicável esta inclinação entusiasmada e entregue do cidadão frente a uma nova forma de comunicar-se e receber informações, porque esta dispensa os intermediários, que eram, até então, os jornais ou as televisões, e o interiorizam como proprietário e como autor de seu próprio âmbito informativo (Pinsk, 2020, p. 20).

As redes sociais fragilizam ainda mais o conhecimento e os sistemas de telecomunicação já consolidados, uma vez que o acesso à informação veiculada por espaços virtuais concede às pessoas o poder de transformá-la e apresentá-la como “verdade absoluta”. Essa atitude de prepotência se distancia cada vez mais de um entendimento de conhecimento mais sistematizado. No entanto, é importante reconhecer que esses mesmos espaços virtuais também podem se tornar territórios de resistência, onde vozes críticas, saberes plurais e práticas educativas engajadas ganham visibilidade e disputam narrativas, promovendo a construção de uma consciência coletiva mais reflexiva e democrática.

O ambiente virtual representa uma relação de poder, onde a produtividade é determinada pela quantidade de conhecimento e pela competitividade de acesso, o conhecimento está atrelado ao processamento de dados. Os dispositivos computacionais representam uma dominação no contexto de uma sociedade líquida, sentida principalmente nas redes sociais. Para os autores Oliveira e Craveiro (2024) a microfísica do poder de Foucault também acontece no ambiente virtual, sendo um material de poder, nesse sentido

o movimento das redes está atrelado à rentabilidade e ao poder. Em uma estrutura que a circulação da informação está em primeiro lugar pela voracidade de consumo da lógica do capital, e em segundo a busca pela veracidade dos fatos. No raciocínio mercadológico a comprovação dos fatos passou a ser secundário, na era da informação e da desinformação aproveitou-se para explorar também a ignorância do ser humano.

As redes são dispositivos fundamentais para o exercício do poder, principalmente por causa do avanço tecnológico que tem permitido um tratamento de dados cada vez mais individualizado, componentes do fluxo de informações transmitido pela internet, personalização por meio da atuação de algoritmos (Bucci, 2018). Assim, o dispositivo das redes digitais tende a ser, também, uma manifestação de uma microfísica do poder à medida que a imaterialidade do ambiente virtual cresce em relevância no contexto das relações humanas intersubjetivas (Oliveira; Craveiro, 2024, p. 187).

Os autores destacam que, assim como há uma exploração das informações no ambiente digital, também ocorre uma exploração da ignorância dos internautas. Nesse contexto, o próprio ser humano passa a ser tratado como mercadoria.

O capitalismo de vigilância seria definido por Zuboff (2020, p. 7) como “uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas”. Essa nova ordem opera sob uma “lógica econômica parasítica” que tem nos dados envolvendo os Sapiens a sua commodity principal, assim como o extrativismo do capitalismo industrial utilizava os elementos da natureza como sua matéria-prima (Oliveira; Craveiro, 2024, p. 188).

A utilização de dispositivos digitais para o acesso às redes sociais tem instrumentalizado a ignorância por meio da desinformação, transformando-a em um mecanismo para gerar engajamento e monetização de conteúdos — sejam eles negacionistas ou não. Esse processo alimenta uma engrenagem lucrativa, como no caso da Meta Platforms, Inc., empresa estadunidense de mídias sociais e tecnologia pertencente a Mark Elliot Zuckerberg. A companhia alterou recentemente sua política de checagem de notícias sob a justificativa de “*retornar às raízes da liberdade de expressão*”.

A imagem abaixo apresentada a reconfiguração das políticas de moderação e a centralidade da livre expressão na Meta", aborda um tema crucial e contemporâneo: a mudança de paradigma na política de moderação de conteúdo da Meta. A foto de Mark Zuckerberg, fundador e CEO da Meta, serve como ponto focal, ilustrando o anúncio de uma nova direção para a empresa.

O comentário de Zuckerberg, "It's time to get back to our roots around free expression. We're replacing fact checkers with Community Notes, simplifying our policies and focusing on reducing mistakes. Looking forward to this next chapter," ou em tradução livre "É hora de voltarmos às nossas raízes em torno da livre expressão. Estamos substituindo verificadores de fatos por Notas da Comunidade, simplificando nossas políticas e focando em reduzir erros. Ansioso por este próximo capítulo," sugere uma mudança significativa. A substituição de verificadores de fatos por "Notas da Comunidade" (Community Notes) e a simplificação das políticas de moderação indicam um movimento em direção a uma abordagem mais descentralizada e focada na "livre expressão".

Figura 1- Marck Zu Mark Elliot Zuckerberg, Instagram.



zuck É hora de voltarmos às nossas raízes em torno da livre expressão. Estamos substituindo verificadores de fatos por Notas da Comunidade, simplificando nossas políticas e focando em reduzir erros. Ansioso por este próximo capítulo."- Mark Zuckerberg

Mark Zuckerberg, cofundador e CEO da Meta Platforms (antiga Facebook), é conhecido por seu papel na criação e liderança da plataforma de mídia social. Ele também liderou a aquisição do Instagram em 2012.

Mark Elliot Zuckerberg, Instagram, 7 de janeiro de 2025.

Essa reconfiguração, como ilustrado no post, evoca tanto apoio quanto críticas. As respostas no post, como "You suck" e "We all dislike you don't ever post again you are horrible," refletem a polarização e a insatisfação que a empresa frequentemente enfrenta. A decisão de priorizar a "livre expressão" sobre a verificação de fatos pode ser interpretada de diversas maneiras. Por um lado, pode ser vista como uma tentativa de dar mais voz aos usuários e de evitar a centralização do poder de moderação em um grupo de "especialistas". Por outro lado, pode levantar preocupações sobre a proliferação de desinformação, discursos de ódio e outros conteúdos nocivos. A ironia de um anúncio que defende a "livre expressão" ser recebido com críticas intensas e diretas é um lembrete do desafio complexo que a Meta enfrenta. A

imagem, portanto, captura um momento de transição e incerteza, onde a promessa de "livre expressão" é confrontada com a realidade de uma comunidade digital muitas vezes hostil e dividida.

No entanto, para entendedores²⁸ que permeiam as redes sociais a posição do dono da empresa Meta está atrelada ao seu alinhamento político com o atual presidente estadunidense Donald Trump. Cabe destacar ainda que notícias checadas possuem menor alcance e engajamento, enquanto informações não verificadas tendem a se espalhar com mais facilidade. Assim, quanto mais desinformação circula, mais cliques são gerados e, por consequência, maior é o acesso aos dados — por isso quanto mais informações falsas, mais cliques e consequentemente acesso aos dados da commodity que é o próprio comportamento humano²⁹.

A pretexto de ser uma manifestação de plenitude da liberdade de expressão, a pós-verdade constitui a perversão desta. O capitalismo da vigilância é um terreno fértil para o afloramento de distintas práticas discursivas geradoras de uma paisagem de incerteza que dá contornos hiper-realistas para as subjetividades, o que é crítico em razão do crescente impacto das novas tecnologias no cotidiano. A manipulação do poder instrumentário em redes sociais digitais constitui uma relevante potência simbólico-biopolítica que interfere na indústria do imaginário dominada pelas big techs. A apropriação dos espaços digitais por elas representa desafios para o exercício da cidadania no século XXI em razão da crescente comodificação informacional (Oliveira; Craveiro, 2024, p. 188).

No contexto das mídias digitais e das Big Techs nas redes sociais, o conhecimento histórico torna-se fundamental na sala de aula. É crucial que os alunos desenvolvam habilidades críticas em relação aos conteúdos propagados pelas redes sociais. Como professores, devemos proporcionar uma aprendizagem que permita aos alunos compreenderem e interpretarem a realidade de maneira individual, coletiva e profissional, e, assim, intervir no presente para promover um futuro melhor. Em outras palavras, não se trata de uma condenação ao mundo *cyber*, mas agirmos firmemente para que os jovens consigam navegar por “águas limpas” em meio às tempestades da desinformação e dos negacionistas da atualidade.

Para compreender a percepção dos alunos sobre as redes sociais e sua consciência histórica, realizei uma pesquisa para investigar como eles interagem com essas plataformas

²⁸ Para mais informações acesse: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c5y4ymrpp43o>

²⁹ Para mais informações acesse:

<https://www.aosfatos.org/noticias/meta-encerra-checagem-de-fatos-eua-e-especialistas-veem-retocesso/>

e como lidam com as informações que recebem. A conclusão foi de que, sem a devida consciência histórica, os alunos enfrentam dificuldades para interpretar de maneira consistente a realidade ao seu redor, devido aos constantes bombardeios de informações em suas *timelines*.

Nem sempre os sujeitos percebem que as ações do aqui e agora são condicionadas, por exemplo, por circunstâncias históricas, refletem um tempo e um lugar, e de que se olhadas de forma fragmentada, não terão a possibilidade de sua compreensão. O desafio está em contribuir para que as pessoas possam fazer sínteses relevantes sobre as dinâmicas observadas e elaborar quadros interpretativos consistentes da realidade (Trennepohl, 2020, p. 43).

Com as constantes mudanças na sociedade, especialmente nas redes sociais, as pessoas, mesmo sem perceber, manifestam comportamentos influenciados tanto por condições históricas objetivas quanto por escolhas e decisões subjetivas. Quando a consciência dos indivíduos atinge uma percepção clara dessas condições, há uma maior organização social e avanços técnicos, possibilitando reflexões mais profundas sobre políticas e atendimentos básicos à sociedade.

É importante destacar que a realidade vivida e atuada pelos sujeitos é complexa e está em rápida transformação. Isso exige profissionais com conhecimentos técnicos e tecnológicos, além de uma grande capacidade para se situar no contexto e compreender os fatores determinantes do desenvolvimento em que estão inseridos.

A construção contínua da consciência histórica é fundamental para o ensino e a aprendizagem de História, pois, segundo Rüsen, a história é uma necessidade humana para compreender o mundo em que se está inserido. Ela permite entender que o passado explica o presente e molda o futuro. A história orienta o presente, e, por meio das narrativas, influencia as decisões cotidianas dos indivíduos. Rüsen (2010) compreende que a “consciência histórica é a operação mental através da qual os seres humanos relacionam suas experiências do passado com a orientação de sua vida prática no presente e suas expectativas para o futuro.” O conhecimento histórico proporciona uma maior adaptação às mudanças, pois oferece uma compreensão do processo como um todo, auxiliando na resolução de problemas ao permitir que se entenda a própria posição no mundo e os papéis desempenhados nas relações humanas.

A consciência histórica, além de trazer um sentido de temporalidade, também promove transformações. Na prática, isso se reflete na sala de aula, que deve ser vista como um laboratório de pesquisas e ideias, onde os estudantes passam por um processo de

mudança ao longo da aprendizagem histórica. No ensino de história, o aluno, segundo Rüsen (2010), deve desenvolver a capacidade crítica de pensamento, em vez de se limitar à memorização de fatos.

Pensar historicamente significa compreender o passado em sua alteridade e transformá-lo em uma experiência significativa para o presente, desenvolvendo uma capacidade crítica que permite refletir sobre o processo de mudança temporal e suas implicações para o futuro" (Rüsen, 2010, p. 37).

De acordo com as formas de consciência histórica apresentadas por Rüsen, destaco duas: a exemplar e a crítica. A exemplar se aplica ao tema das fake news, pois, embora seja um fenômeno atual, a desinformação é algo antigo, especialmente presente na política. Podemos, portanto, usar as experiências do passado para entender e lidar com esse tema no presente. Já a crítica é fundamental no processo de conscientização em relação à leitura crítica das mídias em um "mundo líquido"³⁰, conforme discutido por Bauman (1999). Esse contexto desafia a imaturidade intelectual de muitos adolescentes, tornando a construção da consciência crítica um desafio ainda maior para os professores que precisam mobilizar e incentivar o pensamento reflexivo dos estudantes.

Portanto, é fundamental refletir sobre o desenvolvimento da consciência histórica na disciplina de História devido à sua relevância na interpretação do presente e nas expectativas de um possível futuro, como afirma Rüsen (2010). É essencial proporcionar aos estudantes um entendimento sobre os impactos das mídias sociais e das Big Techs em suas vidas e na sociedade. Utilizando narrativas históricas, podemos contextualizar eventos atuais e contribuir aos alunos a construção de uma visão crítica de si e do mundo em que vive com base em suas próprias experiências.

³⁰ Bauman usa o termo "modernidade líquida" para descrever a condição da sociedade contemporânea, caracterizada pela incerteza, mudança constante e falta de estabilidade. Ao contrário da modernidade sólida, onde as estruturas sociais e as instituições eram mais fixas e duráveis, a modernidade líquida é marcada pela fluidez e pela mudança rápida.

2. CAPÍTULO II: A FAKE NEWS E A PÓS-VERDADE: DESAFIOS PARA O CONHECIMENTO HISTÓRICO NA ERA DIGITAL

Na era digital do século XXI, as redes sociais se tornaram ferramentas centrais para a interatividade entre as pessoas e o mundo “real”. Embora esses canais de informação apresentem conteúdos de qualidade, eles também são utilizados para divulgar desinformação e negar conhecimentos, sejam acadêmicos ou não. Essa manifestação, conhecida como fake news, é resultado de estratégias deliberadas de manipulação de diversas fontes. Essas artimanhas exploram as bolhas sociais nas mídias digitais, alienando os indivíduos e reforçando a segregação informacional. Tal alienação é amplificada pelo controle e domínio exercido por quem detém o poder.

Na pesquisa de campo pudemos perceber que nossos alunos não fazem a checagem das informações que acessam, por isso destacamos como objetivo deste capítulo, a necessidade de uma aprendizagem histórica para a compreensão por parte dos mesmos sobre a existência das fake news.

Nesse contexto, não é possível fugir das abordagens e entendimentos sobre o fenômeno da pós-verdade, como uma das explicações de essas desinformações adquirirem uma grande força na vida cotidiana das pessoas, pelos “espaços livres” das redes sociais, onde são postadas futilidades, amenidades, nulidades, entre outros, e muitos materiais informativos de boa qualidade.

Observamos que no atual contexto político as *big techs*³¹ tem-se favorecido por comercializarem notícias falsas por meio da utilização dos algoritmos na construção de nichos sociais. Dentro desses nichos divulgam conteúdos referente ao interesse específico de cada usuário e usam as informações para adquirirem likes e obterem maiores lucros, devido ao consumo mercadológico de propagandas e de produtos advindos desses ambientes.

Assim, é fundamental que o aluno compreenda de maneira crítica como viver e exercer sua cidadania digital, atendendo um dos objetivos da Base Nacional Comum Curricular, como prerrogativa das formações escolares e acadêmicas, na sociedade em rede que vivemos.

³¹ Big techs, ou gigantes de tecnologia, são as grandes empresas que exercem domínio no mercado de tecnologia e inovação, como a Apple, o Google, a Amazon, a Microsoft e a Meta."

2.1. Uma Perspectiva Histórica das Fake News

No mundo pós-pandemia, se acentua a vivência de uma inserção quase total na vida digital. Nesse contexto, as inverdades disseminadas pelas redes sociais tornaram-se mais visíveis e frequentes. Um exemplo disso foi a falsa notícia de que as máscaras sanitárias orientadas para enfrentamento aos contágios do Covid-19 ³²estariam contaminadas por serem produzidas na China “comunista”. Essa desinformação e outras do gênero como, por exemplo, a ineficácia da vacina, foram amplamente utilizadas por grupos políticos considerados de extrema direita,³³ que se alimentavam desses discursos para manipular a opinião pública, construindo e fazendo circular narrativas falseadas sobre o grave problema pandêmico com o objetivo de emanar um poder também falseado que contrariavam conhecimentos científicos produzidos incansavelmente por cientistas do mundo inteiro.

Da mesma forma, contrariando todas as recomendações dos organismos gestores de saúde pública, incluindo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o medicamento cloroquina (composto químico utilizado no tratamento profilático da malária), sem maiores cuidados, foi prescrito e propagandeado como a droga que iria curar os afetados pela “gripezinha”, conforme foi anunciado pelo então presidente Jair Bolsonaro. Essa atitude negacionista tentava minimizar os efeitos do coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave para os enfermos, e de alta transmissibilidade numa escala global. Sobre esse assunto, Leal (2020) nos diz:

Propagadas mais rapidamente que qualquer vírus já conhecido, as fakes news, ou notícias falsas, em bom português, se tornaram um dos mais importantes fenômenos políticos e sociais de nosso tempo, desafiando democracias e o conhecimento científico. Elas têm sido muito comuns no campo da saúde, mas estão presentes em todos os meios. Na política, costumam florescer em anos eleitorais. Nas eleições brasileiras de 2018, por exemplo, grupos de extrema direita - e suspeita-se também de candidatos e partidos políticos - estiveram por trás de campanhas ilegais de disparo de fake news (Leal, 2020, p. 148).

A disseminação de notícias falsas nos canais de comunicação virtual aumentou significativamente. Áreas como saúde, ciência, comunicação e, principalmente, a política foram profundamente impactadas pelas desinformações. E o que é mais agravante nesse tipo

³² Para mais informações: LEAL, Bruno. Fake news: do passado ao presente. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Novos combates pela História – desafios, ensino. São Paulo: Contexto, 2021.

³³ Prática desinformativa veiculada durante o Governo de Jair Messias Bolsonaro. (Presidente da República do Brasil, entre 2019 e 2022).

de comportamento: políticos com mandatos eletivos e de diferentes lideranças, se fizeram propagadores de fake news em todos os meios de comunicação, especialmente nas redes sociais:

Uma pesquisa internacional realizada e divulgada em 2019 pelo Centro para a Inovação em Governança Internacional (Cigi), sediado no Canadá, revelou que 86% das pessoas admitiram ter acreditado em pelo menos uma notícia falsa. Foram ouvidas na pesquisa pessoas de 25 países e em 62% dos casos essas fake news, segundo os respondentes estavam em redes sociais como Facebook e Twitter (Leal, 2020, p. 148).

A desinformação intensificou-se com a era digital e uma dessas viabilidades é o uso das fake news na propagação dela. No entanto, o que muda na era moderna é que a mentira está fortemente vinculada aos meios de comunicação digitais, como nos diz Leal (2020):

Há diferentes tipos de narrativas do falso: as mentiras propriamente ditas, as meias mentiras, os boatos, os plágios, os exageros, as imposturas, os golpes, as fraudes, os livros apócrifos, a falsidade ideológica, o perjúrio, as campanhas difamatórias e, claro, as notícias falsas. Para onde se olha no passado, lá estão elas. E elas existem mesmo quando esse passado é anterior à imprensa e ao jornalismo, pois, embora o termo notícia esteja muito atrelado, na modernidade, aos meios de comunicação de massa, a ideia de notícia é muito mais antiga. Podemos definir notícia como todo relato pretensamente objetivo e informativo sobre algo no presente e que é socialmente distribuído como verdade por um determinado enunciador. Dessa forma, uma fake news pode ser encontrada, tal qual uma notícia verdadeira, não só na imprensa, mas também em diversos outros meios e formatos: na tradição oral, nos discursos políticos, em pregações religiosas, em cartazes e livros (Leal, 2020, p. 150).

O uso de notícias falsas na história abrange diversas situações. Na Antiguidade, por exemplo, o imperador Otaviano (Augusto) utilizou difamações contra Marco Antônio e sua relação com Cleópatra para prejudicá-lo politicamente. No Império Romano, panfletos difamatórios eram uma ferramenta comum para espalhar informações falsas. Com a invenção da imprensa no século XVII, a disseminação de informações, incluindo notícias falsas, ganhou um alcance muito maior. A criação dos primeiros jornais e gazetas, como a "Gazeta Canard", permitiu uma ampla circulação de notícias falsas.

No século XIX, a industrialização facilitou a impressão em larga escala, tornando os jornais mais acessíveis e populares. A alfabetização inglesa, por exemplo, também cresceu significativamente durante esse período. Em 1800, o analfabetismo era de 40% entre os homens e 60% entre as mulheres. Em 1840, as taxas caíram para 33% entre os homens e 40% entre as mulheres, e em 1870, para 20% dos homens e 25% das mulheres. Na Inglaterra,

em 1900, apenas 3% da população era analfabeta. A expansão da imprensa de massa durante esse período também contribuiu para a disseminação de notícias falsas.

O surgimento de uma imprensa diária, vigorosa e voltada para as massas tornou o terreno ainda mais propício para uma enxurrada de notícias falsas. Diante da grande concorrência no mercado e uma vez que os parâmetros éticos mais básicos do jornalismo ainda não haviam sido estabelecidos, muitos editores se sentiam à vontade para usar uma linguagem apelativa ou recorrer à imaginação. Tudo era válido na disputa por leitores e anunciantes. Nos Estados Unidos da década de 1830, a imprensa popular foi chamada de penny press. Os jornais dessa fase eram baratos, impressos em massa e adotavam um tom sensacionalista (Leal, 2020, p. 153).

A partir de 1800, a imprensa criou jornais sensacionalistas conhecidos como *penny press*, como o jornal *The New York Sun*, o *New York Herald*. Nos Estados Unidos essa imprensa ficou conhecida como *Yellon Journalism* (ou *yellon press*, imprensa amarela).

A altura, deve parecer ao leitor que, desde o século XVIII, as fake news estiveram intimamente ligadas ao desenvolvimento da imprensa e à sua modernização, particularmente à imprensa diária que se estabeleceu nos Oitocentos. Porém, as notícias falsas jamais se limitaram à imprensa. As pessoas certamente se informavam sobre os acontecimentos do presente por meio dos jornais, mas não exclusivamente por eles. Em muitas comunidades, a tradição oral, os panfletos, discursos e livros continuavam sendo uma importante fonte de informação. E, com todos esses espaços, notícias falsas poderiam ser encontradas (Leal, 2020, p. 155).

No século XX o uso das fake news intensificou por meio de narrativas difamatórias como, por exemplo, em relação aos Judeus evidenciando o antissemitismo por meio do livro os protocolos dos sábios de Sião.

Figura 2. Os Segredos dos Sábios de Sião.



Durante a Primeira Guerra Mundial, no caso das guerras de propagandas, destacamos as fake news contra a Alemanha, afirmando que esta havia devastado a Bélgica durante uma invasão; no entanto, parte da historiografia afirma que essa narrativa foi para difamar e atrapalhar a influência alemã da época.

Na história política do Brasil República (século XX), um dos fatos históricos que pode ser abordado como fake news é o Plano Cohen, materializado em um documento forjado por militares apoiadores do governo de Getúlio Vargas. Com autoria atribuída aos “comunistas”, o conteúdo do Plano era uma ameaça dizendo que eles destruiriam o governo varguista e o Brasil se tornaria um país comunista. Essa artimanha fraudulenta, divulgada pelas ondas sonoras do Rádio, foi a justificativa que deu suporte convincente à instalação da ditadura do Estado Novo (1937-1945), a partir da suspensão de eleições presidenciais. O anúncio da continuidade do governo Getúlio Vargas, foi divulgado pela imprensa como uma verdade inquestionável.

Figura 3. Jornal Correio da Manhã divulgando o plano Cohen.



Fonte: livro “Novos combates pela história”, 2020.

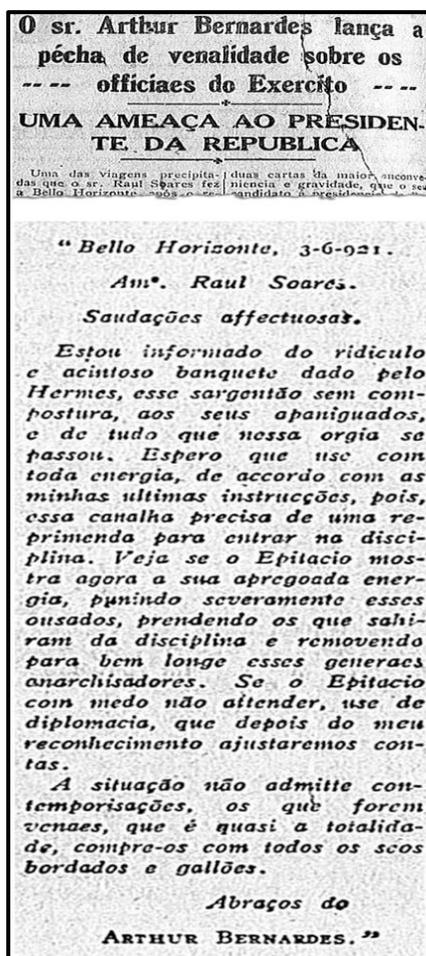
A imagem é um recorte do jornal "Correio da Manhã" de 1º de outubro de 1937, com a manchete "As instruções do Komintern para a ação dos seus agentes contra o Brasil". O texto principal, intitulado "O tenebroso plano foi apreendido pelo Estado-Maior do Exército",

descreve um suposto plano comunista para desestabilizar o país. Esta matéria é a primeira página da divulgação do que ficou conhecido historicamente como o "Plano Cohen.

O "Plano Cohen" foi uma farsa elaborada por militares brasileiros, em especial pelo capitão Olímpio Mourão Filho, do Estado-Maior do Exército, e utilizada como pretexto para o golpe de Estado que instituiu o Estado Novo, liderado por Getúlio Vargas. A divulgação do plano, apresentada na imagem, serviu para criar um clima de pânico e insegurança na sociedade brasileira, justificando a suspensão das eleições presidenciais de 1938 e a imposição de um regime autoritário.

Outro episódio de igual teor na política brasileira é o que se conhece como “As Cartas Falsas”, cuja autoria foi atribuída ao então Presidente Artur Bernardes, em 1921. Publicadas pelo jornal carioca Correio da Manhã, o conteúdo dessas “cartas” eram ofensas aos militares das Forças Armadas e a Nilo Peçanha, opositor de Bernardes. Tomado como um escândalo, o documento e suas implicações, impulsionaram o Movimento Tenentista que daria suporte ao que é conhecido na historiografia como Revolução de 1930.

Figura 4. Correio da Manhã notícia suposta carta do presidente Arthur Bernardes.



Correio da Manhã notícia suposta carta do presidencial Arthur Bernardes ofensiva aos militares
(imagens: Biblioteca Nacional Digital). Fonte: Agência Senado.

No século XX, a Argentina também passou pela experiência de notícias falsas para sustentar processos ditatoriais. Segundo Pinsk, essas notícias foram criadas pela própria Secretaria de Inteligência do Estado (SIGE).

No século XXI, a ascensão das redes sociais a partir de 2010, trouxe um novo nível de descontrole das informações e um crescimento significativo da desinformação. Com um dispositivo em mãos, indivíduos sem educação digital se tornam alvos simples para a manipulação das mídias digitais. Nesse contexto, a disseminação de notícias falsas representa uma ameaça significativa para a democracia.

Se as notícias falsas já existiam no passado, foi em nosso tempo presente que elas adquiriram maior notoriedade, poder e influência. Com a ascensão das redes sociais on-line, no início da década de 2010, as fake news se converteram em um problema incontornável para as maiores democracias do planeta. Notícias falsas, afinal de contas, são hábeis em desestabilizar instituições democráticas, tendem a gerar o efeito colateral da exigência de censura prévia e de cerceamento das liberdades, servem para justificar quebras de sigilo e deixam os atingidos desorientados na busca por justiça e reparação (Leal, 2020, p. 160).

Segundo Leal (2020), há vários mecanismos desenvolvidos e ainda importantes para o aumento do acesso às notícias falsas. Entre esses fatores estão os avanços nas tecnologias de informação e de comunicação, as características da pós-verdade e a localização da autoridade do emissor da notícia. Além disso, o aumento do negacionismo no contexto pós-pandemia, que levou milhares de pessoas a se confinarem em casa e, conseqüentemente, a se moverem pelas redes sociais, também desempenhou um papel significativo. Essas situações conjuntas propiciaram a transformação de notícias falsas, especialmente no âmbito político, em um negócio planejado e extremamente rentável. Segundo o autor,

As notícias falsas fazem parte de uma complexa cadeia que vai desde a preparação dessas "notícias" até a escolha das melhores formas de distribuí-las. Elas podem ser compartilhadas tanto por pessoas conhecidas, isto é, que fazem parte do nosso círculo social mais próximo, quanto por bots (ou robôs), como são chamados os softwares que simulam contas reais no meio digital. Hoje, floresce em diversos países um negócio ilegal altamente lucrativo chamado "fazendas de cliques" (click farms, em inglês): são centenas ou milhares de telefones celulares conectados a um computador central, a fim de simular usuários de redes sociais com perfis que podem ser usados para muitos fins ilegais, como avaliar um aplicativo, criar volume de acessos a um site, falsear todo tipo de indicadores de impacto, clicar em anúncios,

atacar contas de usuários e, claro, curtir, compartilhar e comentar notícias falsas com o objetivo de ampliar seu alcance (Leal, 2020, p. 161).

Além das possibilidades de alcance das notícias por meios digitais, outra diferença importante entre as notícias falsas do passado e as atuais é a concepção de pós-verdade, termo cunhado pelo Dicionário Oxford, em 2016. Na era da pós-verdade, os discursos sobre a realidade são frequentemente guiados por todo tipo de sensações, com apelos emocionais, sempre com mais destaques do que “produtos” fundamentados em pesquisas. Para validar seus pontos de vista, as pessoas disseminam desinformação sem buscar a verdade sobre as realidades noticiadas. Um exemplo disso é a notícia falsa que circulou durante as eleições de 2018, sobre o então candidato à presidência da República, Fernando Haddad com um conteúdo desprovido de decoro, aqui relatado por Leal (2020):

Um exemplo: durante as eleições presidenciais brasileiras de 2018, difundiu-se a notícia de que o candidato Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores, quando fora prefeito de São Paulo, teria adotado como política pública a distribuição de mamadeiras com bico de borracha em formato de pênis nas creches públicas da cidade (Leal, 2020, P. 161).

Nesses termos, nos perguntamos: como é possível alguém acreditar em notícias dessa natureza, sem nenhum questionamento e/ou verificação? Será que existe uma diferença entre notícias falsas e fake news? Para pesquisas atuais, especialmente no campo jornalístico, uma notícia falsa pode ocorrer de forma não intencional, muitas vezes resultante de erros ou falta de verificação adequada. Em contrapartida, as fakes news são criadas deliberadamente com o objetivo de enganar, confundir ou manipular a opinião pública, como afirma o fragmento abaixo:

Essa perspectiva está alinhada com a distinção que tem sido feita em língua inglesa entre *fake news* e *false news*. Enquanto a primeira seria uma mentira deliberada, com a intenção de desinformar, deformar, desonrar e desacreditar, a segunda seria uma notícia com problemas, mas de apuração e erros factuais, não havendo aqui a intenção de ludibriar ou manipular seguindo a própria diferença lexical entre as duas palavras *fake* é algo fraudulento, ao passo que *false* é sinônimo de incorreto (Leal, 2020, p. 164).

A perspectiva de manipulação das fake news é significativa e seu combate é complicado, pois exige uma regulamentação que levanta um grande debate político, especialmente no Brasil. Até que ponto, o Estado pode e quer regulamentar as redes sociais?

Como e quando o Estado brasileiro pretende enfrentar e normatizar os conglomerados empresariais das *big techs*? Ainda que de forma preliminar, no pleito eleitoral municipal de 2020 o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e o Supremo Tribunal Federal (STF) foram mais eficazes no combate às notícias falsas. No entanto, vale ressaltar que não é só no campo das disputas políticas que as fake news imperam, elas estão em todos os ambientes virtuais como ferramentas dos falseamentos.

Na política, as notícias falsas funcionam não apenas como uma perspectiva de negociação econômica, mas também como um instrumento de alienação, contribuindo para a criação de bolhas nas redes sociais.

Aproximadamente na mesma época, em termos internacionais, o Facebook foi obrigado a apresentar alguns planos de combate às fake news. Essas ações, contudo, caminham lentamente, parecem atrasadas e insuficientes para dar conta do problema que a própria rede social criou: algoritmos (linhas de programação que recomendam conteúdos e produtos com base no comportamento dos internautas) que permitem a circulação desse tipo de conteúdo e até mesmo o premiam, entregando-o a um público cada vez maior desde que tal conteúdo seja “impulsionado” (quando o autor paga à empresa para que seu conteúdo seja exibido para um público maior) ou conte com um bom número de “engajamentos” (como curtidas, comentários e compartilhamentos). Mais do que uma questão tecnológica, o debate sobre os algoritmos é uma questão política. Linhas de programação que aprendem com os nossos movimentos na rede e escolhem que conteúdos serão entregues para nós durante a navegação podem reproduzir preconceitos e desigualdades de seus usuários, favorecer supremacistas, extremistas e outros produtores de discursos de ódio – além de privilegiar conteúdos pagos, independentemente da qualidade, ou conteúdos de alto engajamento”, que pode ser real, mas também pode ser resultado do fortalecimento de nichos extremistas ou mesmo da ação de bots (Leal, 2020, p.166-167).

Os nichos extremistas mencionados são conhecidos como “bolhas sociais”, que utilizam as redes sociais para promover discursos radicais por meio de seus agentes políticos. No Brasil, para enfrentar o combate às notícias falsas, o Parlamento instalou a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPMI). Além disso, foram criadas redes de *fact-checking*, como a *International Fact-Checking Network* (IFCN), e a Lupa, fundada em 2015, que desempenham um papel crucial na verificação de informações.

As fake news existem desde a antiguidade por meio dos boatos, porém qual é a diferença das fake news no passado para a atualidade? Ao estudarmos sobre o assunto definimos que as fake news na atualidade assumem um papel específico devido aos meios de comunicação. A notícia falsa na contemporaneidade, principalmente na política, serve o prato da manipulação da consciência e conseqüentemente das ideias das pessoas. Com o surgimento da IA (inteligência artificial), ao que parece, será possível todo tipo de

manipulação, seja de imagens, corpos, vozes, fisionomias, gestos, sons, etc., ou discursos em conteúdos indesejáveis. Ou seja, assim como tudo nas sociedades capitalistas, as fake news veiculadas nas redes sociais se tornaram mercadorias. Nas sociedades atuais, as experiências de vida são constituídas por tempos superpostos e instantâneos nas dimensões do real e do virtual. Isso modifica valores político-sociais e desestabiliza a construção de saberes e as relações interpessoais.

Devido ao enorme uso do Instagram pelos nossos alunos, sendo a segunda rede social mais acessada do Brasil, entendemos a necessidade da reflexão e o ensino de como as redes sociais constroem narrativas, por isso a importância de compreender como elas atuam em seus cotidianos.

As mídias sociais, neste caso o Instagram, representam um maior alcance em informação, em coletividade e participação política. No entanto, diferente dos séculos XVI ao XIX, a interação e a difusão proporcionaram algo completamente novo no âmbito da política. Hoje, além de disseminar notícias falsas pelos canais de redes sociais, as possibilidades de produzir notícias falsas é o maior ataque às democracias. O que é muito contraditório, pois muito se fala em liberdade de expressão que é um dos destaques do regime democrático, mas ao mesmo tempo essa “liberdade de expressão” ataca os princípios de uma sociedade democrática que tem como objetivo um governo em que o povo exerça o poder com uma autonomia e soberania, provendo uma sociedade livre de fato e de direito.

A leitura que os estudantes fazem das mídias na atualidade são rasas. Na pesquisa de campo realizada em sala, aproximadamente 80% dos alunos afirmaram conhecer pessoas próximas a eles que foram afetadas pelas fake news, mas quando a pergunta foi direcionada a eles, os mesmos afirmaram que nunca se sentiram afetados por uma fake news. Possivelmente se a pergunta fosse “se alguém deles tivesse receio de tomar vacina?” a resposta seria diferente. No entanto, percebemos que nos 9º anos, que possui uma maturidade maior do que os 8º anos, se perceberam, em um número um pouco maior, como público atingido pelas fake News e conhece alguém que acreditou em uma notícia falsa.

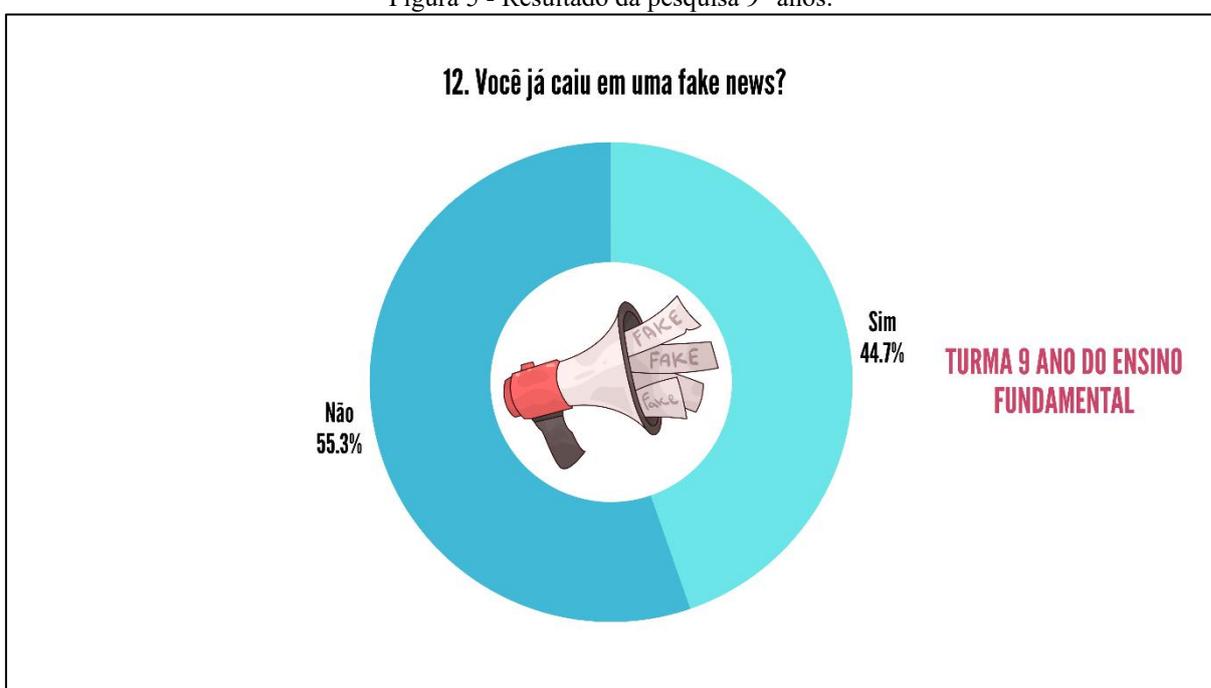
Muitos citaram o caso de uma fake news sobre um suposto massacre nas escolas do Brasil no dia 20 de maio de 2023,³⁴ incluindo na escola deles, o que levou alguns alunos a não comparecerem às aulas por medo do possível ataque. Este é o caso mais recente, período

³⁴ As ameaças de ataques a escolas marcadas para o dia 20/04/2023 na internet fazem alusão ao massacre de Columbine, que deixou 15 pessoas mortas em uma escola dos Estados Unidos no dia 20 de abril de 1999. Muitos alunos não foram para a escola neste dia, estivemos escolas que 90% dos estudantes faltaram. Veja mais em <https://educacao.uol.com.br/noticias/2023/04/20/dia-de-boatos-ataques-escolas-aulas-sp.htm?cmpid=copiaecola>

da pesquisa, que envolve o âmbito escolar, mas ocorreram situações alarmantes durante o período da COVID-19. Segue alguns resultados sobre a forma que os alunos percebem a fake news no seu dia a dia.

A imagem exibe um gráfico de pizza que ilustra a resposta a uma pesquisa feita com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. A pergunta central da pesquisa foi: "Você já caiu em uma fake news?". O gráfico divide as respostas em duas categorias: "Sim" (44,7%) e "Não" (55,3%). Uma ilustração de um megafone com a palavra "Fake" em papéis complementa o tema da pesquisa.

Figura 5 - Resultado da pesquisa 9º anos.

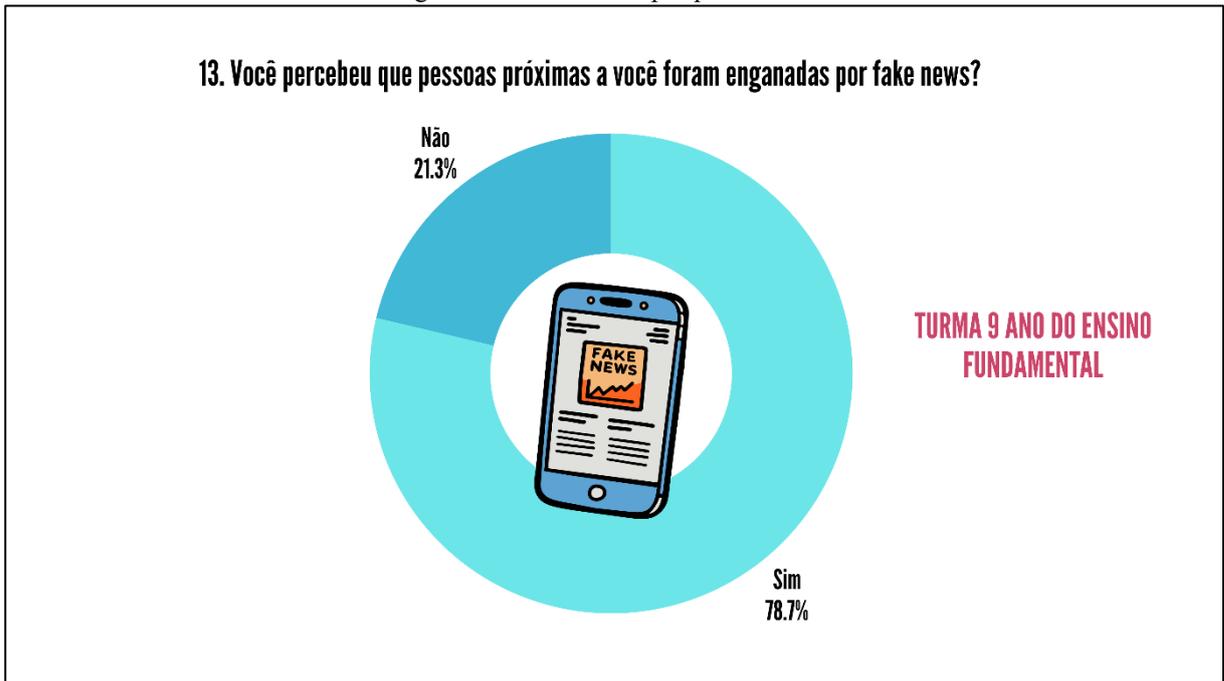


Fonte: Elaboração da autora (2025)

Os dados revelam que quase metade dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental entrevistados já foi enganada por uma notícia falsa. Esse resultado é um alerta para a importância de desenvolver a capacidade de checar informações e o pensamento crítico entre os jovens, especialmente em um ambiente digital onde a desinformação se espalha rapidamente.

A imagem abaixo apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. A pergunta feita foi: "Você percebeu que pessoas próximas a você foram enganadas por fake news?". O gráfico de pizza ilustra que a grande maioria dos participantes, 78,7%, respondeu "Sim", enquanto apenas 21,3% responderam "Não". O gráfico é complementado por uma imagem de um celular exibindo a manchete "FAKE NEWS".

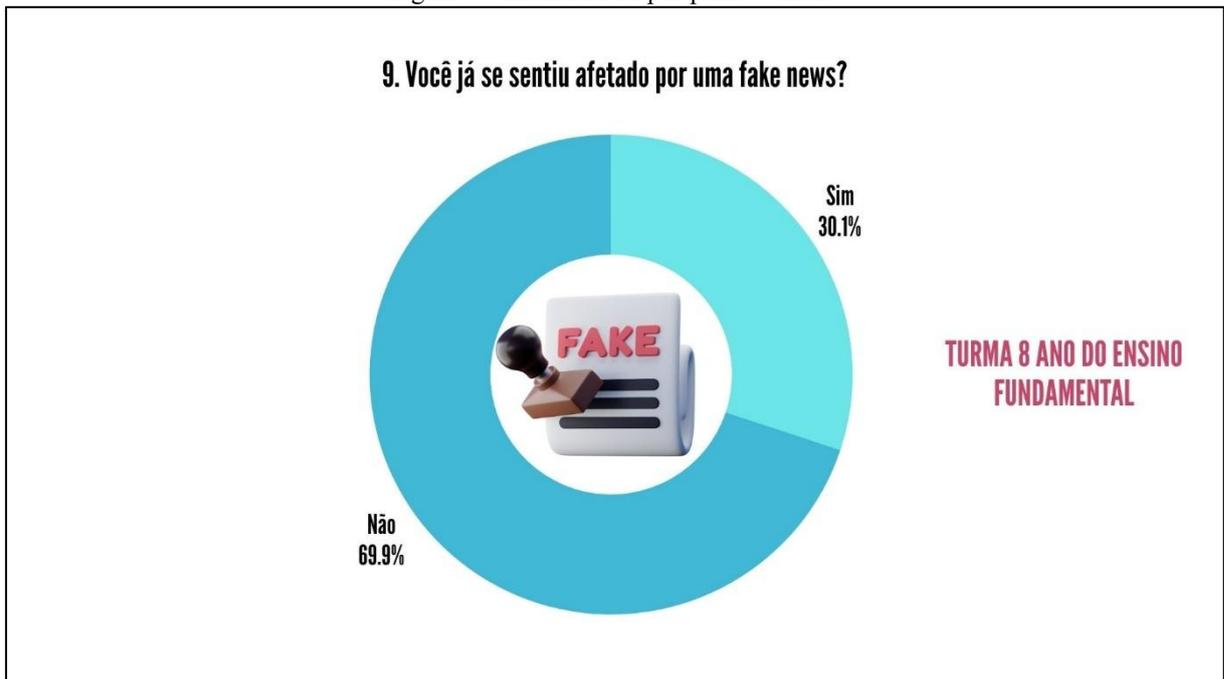
Figura 6 - Resultado da pesquisa 9° anos.



Fonte: Elaboração da autora (2025)

O resultado da pesquisa demonstra que a desinformação é um problema social, com 78,7% dos alunos do 9º ano percebendo que pessoas próximas a eles já foram enganadas por fake news. Esse dado ressalta a importância de educar não apenas os jovens, mas a população em geral, para o pensamento crítico e a verificação de informações, combatendo a disseminação de notícias falsas.

Figura 7 - Resultado da pesquisa 8° anos.

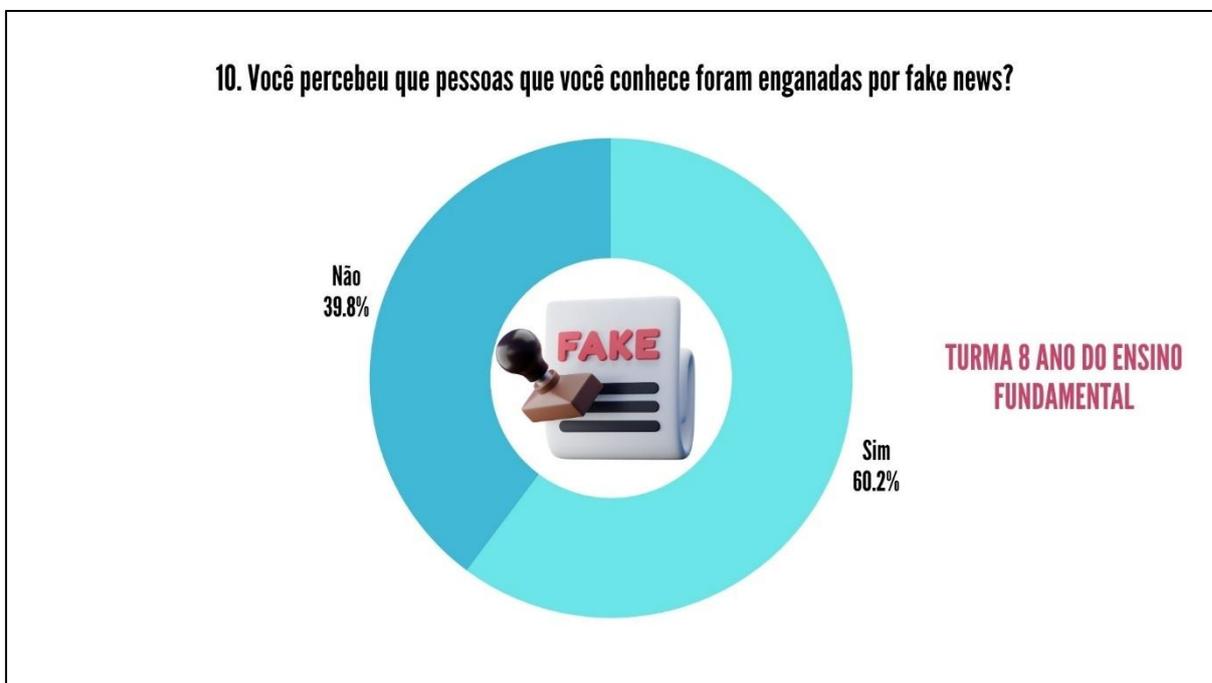


Fonte: Elaboração da autora (2025)

A imagem mostra o resultado de uma pesquisa com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, respondendo à pergunta "Você já se sentiu afetado por uma fake news?". O gráfico de pizza indica que 69,9% dos participantes responderam "Não", enquanto 30,1% responderam "Sim".

A imagem abaixo exibe um gráfico de pizza que apresenta o resultado de uma pesquisa feita com a "turma 8 anos do ensino fundamental". A pergunta da pesquisa foi: "Você percebeu que pessoas que você conhece foram enganadas por fake news?". Os dados mostram que a maioria dos alunos, 60,2%, respondeu "Sim", enquanto 39,8% responderam "Não".

Figura 8 - Resultados da pesquisa 8º anos.



Fonte: Elaboração da autora (2025)

Os resultados indicam que a desinformação é um problema socialmente perceptível entre os alunos do 8º ano. O fato de que mais de 60% dos entrevistados observaram que pessoas conhecidas foram enganadas por fake news sugere que o problema vai além do indivíduo e impacta o círculo social. Isso reforça a necessidade de conscientização e educação digital para toda a comunidade, não apenas para os jovens, visando fortalecer a capacidade de identificar e combater a propagação de notícias falsas.

Os resultados acerca da pergunta sobre ser afetados pelas fake news proporciona observarmos uma necessidade de ocultação por parte dos alunos ou ainda da imaturidade sobre

a compreensão do assunto, pois eles também estão inseridos na realidade das mídias e/ou redes sociais. Como afirma Certeau, nas práticas do dizer, os atores sociais podem usar de táticas escorregadias para esconder suas dissimulações.

As redes sociais são conhecidas por denotar um campo interativo humano, ou seja, pessoas conectadas por afinidades e interesses comuns que podem se servir da internet e de seus recursos (como as MDS) para formar redes sociais online. (Oliveira, 2018). No âmbito da política é tão expressiva essa interação que desde a antiguidade é percebida, na atualidade observamos grandes manifestações partindo de dentro das redes sociais, como por exemplo, a primavera Árabe, ou no Brasil com o movimento “jornadas de junho”, que impulsionou fortes críticas ao governo da então presidenta Dilma Rousseff, em 2013.

Os impactos das redes sociais na política são indiscutíveis, a percepção de informação mudou, a criação de um ambiente interativo criou as bolhas sociais, os discursos dos candidatos alcançaram eleitores antes mesmo das divulgações de campanha, proporcionaram o desenrolar de estratégias políticas (como o uso de fake news contra a oposição), e possibilitou visibilidade para àqueles candidatos que trabalhavam com pouco orçamento, como afirma Oliveira (2018)

Cada vez mais atrativas e acessíveis como recurso para buscar informação e viabilizar a comunicação, as MSD configuram-se como ferramentas capazes de repercutir de maneira vigorosa e imprevisível os fatos e conteúdos nelas veiculados, além de proporcionar uma experiência interativa sem paralelo com potencial para produzir desdobramentos inesperados sobre a formação da opinião pública. Examinar o seu uso pelos candidatos e identificar os dividendos possíveis de serem auferidos por elas revela-se necessário como forma de levantar mais informações sobre o seu peso junto à condução de algumas campanhas presidenciais até o momento (Oliveira ,2018, p. 235).

Com 86% da população brasileira atrelada a uma rede social a fake news cumpre seu papel de desinformar em uma escala ainda maior, pois agora os internautas replicam ou produzem essas informações.

As duas imagens, retratam a transformação do processo de distribuição da informação midiática, mostrando uma transição de um modelo de comunicação mais tradicional para um mais complexo e contemporâneo.

A "figura 9" ilustra um modelo linear e unidirecional. Nele, os "políticos" se comunicam com os "intermediários" (mídia tradicional como TV, rádio e jornais), que, por sua vez, filtram e distribuem a informação para a "população". Esse modelo reflete uma era em que os veículos de comunicação de massa detinham o monopólio da informação, agindo como porteiros do que era ou não divulgado.

Figura 9 – Fluxo de Informação: Antes das Redes Sociais

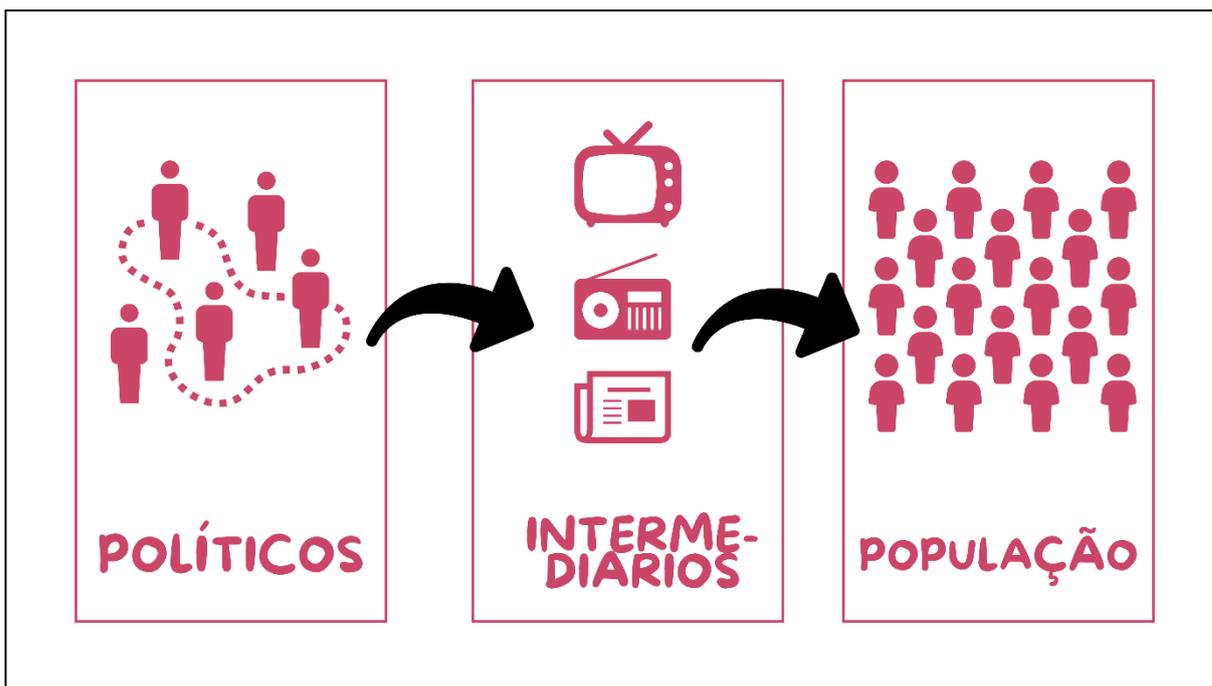
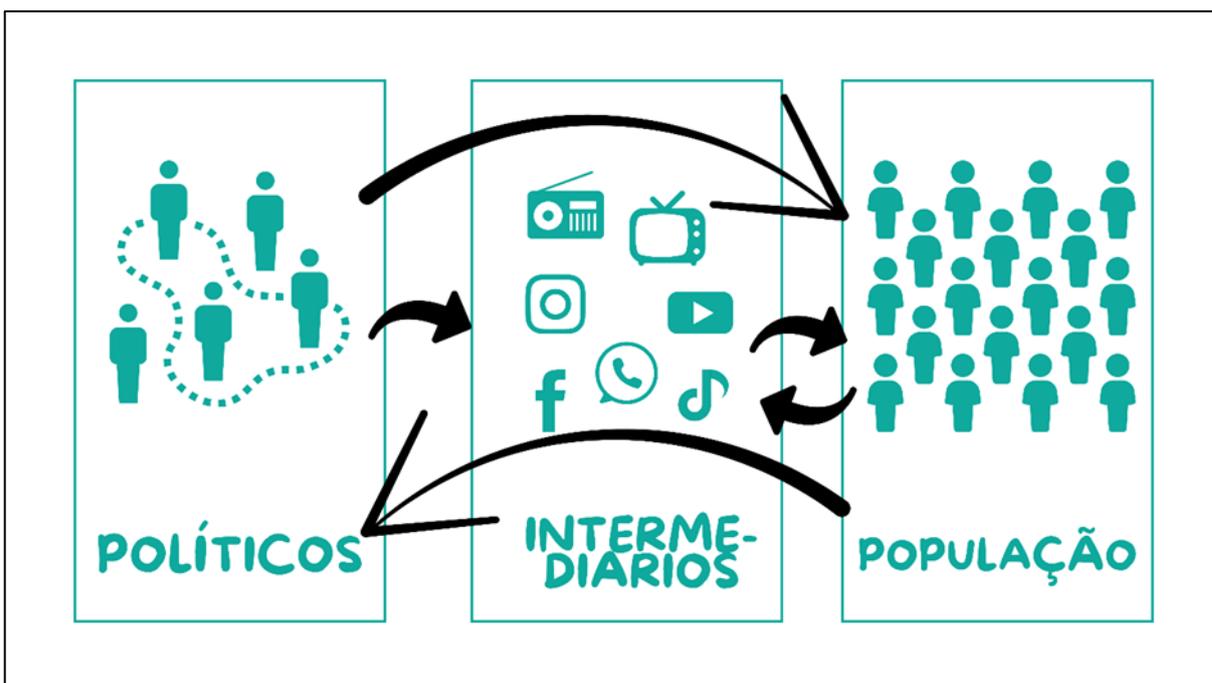


Figura 10 - Fluxo de Informação: Depois das Redes Sociais



A "figura 10" apresenta uma atualização desse processo. O novo diagrama inclui as mídias sociais e plataformas digitais como novos "intermediários", e o fluxo de informação deixa de ser linear. Agora, as setas indicam uma comunicação multidirecional: os políticos podem se comunicar diretamente com a população; a população pode interagir e distribuir informações entre si; sendo intermediários na construção da comunicação de forma ativa recebendo, modificando e criando notícias.

O contraste entre as duas imagens destaca a democratização da produção e distribuição de conteúdo. No modelo antigo, a informação passava por um filtro centralizado, o que, em tese, garantia maior controle de qualidade (embora também pudesse haver viés). No novo modelo, a comunicação é mais horizontal e rápida, mas também menos regulamentada. Isso tem o lado positivo de dar voz a mais pessoas, mas o negativo de facilitar a disseminação de desinformação, notícias falsas e discursos de ódio, pois as mensagens não passam por um rigoroso processo de checagem. A complexidade do novo modelo ressalta a importância de desenvolver o senso crítico e a literacia midiática em todos os cidadãos, para que possam navegar neste ecossistema de informações de forma mais segura e responsável.

Como algo aparentemente novo,³⁵ o uso e disseminação de fake news tanto no processo eleitoral de Donald Trump versus Hylarie Clinton, nos Estados Unidos (2010), como também na eleição dos presidentes Jair Messias Bolsonaro versus Luiz Inácio Lula da Silva, no Brasil (2018), despertaram uma preocupação mais explícita sobre os impactos dos discursos e comportamentos políticos veiculados nas redes sociais. O manuseio de robôs, algoritmos e outras ferramentas digitais produziu e continuam produzindo perfis (automatizados) que alcançam públicos diferenciados (consumidores de informações) com um efeito multiplicador extraordinário das fake news.

Para além do uso convencional das tecnologias, as possibilidades proporcionadas por elas, somadas à expectativa de sua inserção cada vez maior na relação entre os atores políticos e o eleitorado, revelam uma dimensão cujos riscos suscitam hoje preocupações de autoridades e especialistas. O emprego de recursos robóticos na provocação dos debates no âmbito das MSD durante o pleito presidencial de 2014, conforme já sinalizamos anteriormente, torna muito provável a recorrência – talvez com maior intensidade – de tal prática ao longo das eleições de 2018. Esta percepção é reforçada por um estudo (DIRETORIA DE ANÁLISE DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 2017) no qual se comprovou a atividade robótica ostensiva, não protagonizada apenas por um polo ou campo político, na produção de conteúdo

³⁵ A palavra “novo” neste parágrafo está relacionada ao sentido de as notícias falsas serem trazidas para as redes sociais como maneira de monetização e de continuidade no poder por meio da desmoralização do oponente no contexto de disputas políticas.

automatizado no âmbito das discussões recentes a respeito da Reforma Trabalhista e de outras matérias de ampla repercussão nacional (Oliveira, 2018, p. 239).

Nesse sentido, podemos citar a compreensão de indústria de massa, da escola de Frankfurt, pois além dos meios tradicionais de comunicação, as redes sociais também cumprem o papel de alienação, “No plano cultural, a privatização dos mecanismos de controle ideológico da informação tem contribuído cada vez mais para que haja a intensificação daquilo que Adorno e Horkheimer, em 1947, denominaram de Indústria Cultural” (Gomes, 2010). A indústria cultural midiática idiotiza e impera na sociedade, pois copia e reproduz padrões do sistema capitalista, principalmente os padrões de beleza.

A esteira humana está funcionando como nas fábricas, o corpo, principalmente o feminino, nas redes sociais foi evidenciado ainda mais como uma mercadoria, não diferente a isso também acontece com as informações na atualidade, mesmo tendo consciência sobre as construções duvidosas das informações, as pessoas internalizam que seu poder econômico, seu status definem sua posição na distribuição administrativa da sociedade, por isso é importante a educação digital também na sala de aula.

Os autores constataam que a “sociedade totalmente esclarecida” não passa de uma “sociedade administrada”, e nessa, os indivíduos se vêem completamente anulados em face do poder econômico, da visão utilitária e da racionalidade técnico-instrumental, que impinge à sociedade a sua condição de alienação e enclausuramento. Com o conceito de indústria cultural, Adorno e Horkheimer esclarecem que há um processo de imposição da estrutura social, tal como concebido pelo modo de produção capitalista, e que descobre na face instrumental do esclarecimento, e na racionalidade técnica, a forma sutil de reificar a cultura, e transformá-la em cultura de massa. Ela manipula as necessidades sociais, através de um processo de “integração e assimilação voluntária” das pessoas em uma suposta “ordem” estabelecida, como se fosse única. É nisso que consiste o caráter ideológico da indústria cultural: reificar a práxis social com as formas de integração da cultura (Oliveira, 2018, p. 239).

Nesse sentido, a organização da nossa sociedade reflete a economia capitalista, assim acontece com as *fake news*, produto usado dentro da política que é disseminado pela ideologia dominante, administrada pelos donos e operadores dos aplicativos das redes sociais. No ano de 2024 foi a primeira vez na história que os valores publicitários de propagandas nas redes sociais, ultrapassaram os da televisão.³⁶ Consequentemente, as veiculações de notícias políticas como mercadoria cresceram.

³⁶ Disponível em: https://www.tudocelular.com/mercado/noticias/n226136/internet-supera-tv-aberta-investimento-publicidade.html#google_vignette

A saída para a desalienação é a educação para a emancipação que, segundo Adorno (1995), seria feita por meio de uma educação dirigida por uma autorreflexão crítica. Portanto, a escola de Frankfurt com seus teóricos críticos entende que a sociedade capitalista instrumentaliza as coisas, as transformando em produtos e conseqüentemente, instrumentalizam também a consciência o que explica a disseminação das fake news, o uso do conceito de pós-verdade³⁷. E conseqüentemente usam da desinformação como um modelo de negócios conhecido como capitalismo de vigilância.³⁸

Os responsáveis pela instrumentalização das coisas são as pessoas que possuem poder³⁹ e nesse caso o poder não é somente físico, por meio da violência, como por exemplo o de oprimir alguém fisicamente, mas também como afirma Antônio Gramsci o social – psicológico. Esse poder é transmitido pelas ideias difundidas para as massas por meio das mídias sociais.

Diretamente vinculada à dinâmica do poder, a ideologia corresponde às ideias difundidas à massa – por meio da mídia, dos programas governamentais, das políticas públicas, entre outros – como representações do real, direcionando o prestígio por determinadas concepções e visões do mundo, correspondendo aos interesses da classe dominante (MATOS, 1993). Ainda de acordo com a autora, a ideologia relaciona-se diretamente à possibilidade de emancipação, uma vez que ofusca o entendimento das condições reais da existência social, assim como da consciência da exploração e da dominação. (Goes *et al.*, 2017, p. 79)

Dessa forma, fica claro que os atores sociais, principalmente os políticos que utilizam as fake News como um ataque a seus opositores, conseguem manipular e reproduzir informações por meio de pessoas que estão vinculadas a uma posição de poder que naturaliza uma realidade para que seus interesses e opiniões sejam estabelecidas.

A ideologia exerce um importante papel na sociedade, pois é ela que dissemina e mantém os consensos a respeito da realidade. Dessa forma, os diversos meios de comunicação atuam na medida em que veiculam a ideologia condizente com os

³⁷ Em 2016, “post-truth” (pós- verdade) foi nomeada a palavra do ano pelo Dicionário Oxford. Na qual seu significado é que o objetivo e o racional dentro das informações perdem peso diante do emocional ou da vontade de sustentar crenças, apesar dos fatos demonstrarem o contrário.

³⁸ O capitalismo de vigilância reivindica de maneira unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais. Embora alguns desses dados sejam aplicados para o aprimoramento de produtos e serviços, o restante é declarado como superávit comportamental do proprietário, alimentando avançados processos de fabricação conhecidos como “inteligência de máquina” e manufaturado em produtos de predição que antecipam o que um determinado indivíduo faria agora, daqui a pouco e mais tarde. (Zuboff, 2020, p. 22)

³⁹ A partir de Foucault, o poder é entendido como um exercício e não um privilégio. Na política com o uso das informações falsas os agentes políticos utilizam dessas artimanhas para manter-se no poder.

interesses das classes dominantes produzindo e reproduzindo a opressão social (Goes *et al.*, 2017, p.79).

Neste contexto, as disseminações das fake news e a continuidade do controle e da permanência do poder no político na sociedade usando o ambiente das redes sociais. A partir desta análise explica-se como nossa sociedade e conseqüentemente nossos alunos estão suscetíveis a este tipo de alienação, por isso o ensino de história deve ser desenvolvido como um processo de emancipação, visto que, os alunos e toda a sociedade estão submersos na era da realidade digital.

2.2. Pensando a Era da Pós-Verdade e das Fake News

As concepções da verdade variam conforme as mudanças filosóficas e culturais de cada tempo histórico. Na antiguidade clássica, o entendimento sobre a verdade era pensado por meio da contemplação teórica universal realizada, principalmente por filósofos. Nas sociedades capitalistas, o sujeito era independente do conhecimento, um “átomo social”, na sociedade de acumulação, a prática e a verificação científica estiveram juntas, assim como o trabalho e o lucro, e o conhecimento tornou-se uma busca para fornecer resultados.

No século XXI, uma das importantes possibilidades de construir a verdade, é por meio de um conhecimento validado por membros de uma academia, os pesquisadores. A verdade é a própria razão histórica, e por isso há diversas mudanças sobre seus significados. No entanto, o desejo pela busca da mesma é constante.

Numa sociedade altamente tecnológica, como a do século XX ocidental europeu e norte-americano, em que as pesquisas científicas tendem a criar nos laboratórios o próprio objeto do conhecimento, isto é, em que o objeto do conhecimento é uma construção do pensamento científico ou um constructo produzido pelas teorias e pelas experimentações, a verdade tende a ser considerada a forma lógica e coerente assumida pela própria teoria, bem como a ser considerada como o consenso teórico estabelecido entre os membros das comunidades de pesquisadores. A verdade, portanto, como a razão, está na História e é histórica (Chauí, 2000, p. 133).

Na atualidade com a ascensão das redes sociais o avanço das narrativas sobre a “verdade” construída a partir do padrão hétero normativo dentro das mídias sociais, está atrelado à discursos preconceituosos, homofóbicos, sobre esquerdismo, comunismo, erotização precoce de gênero, “ideologia de gênero”, é tão estratégico que na política por

meio das eleições observamos uma crescente onda de candidatos⁴⁰ que utilizaram esses discursos para se elegerem no século XXI.

A verdade para o senso comum, na atualidade, é definida pela audiência extraída das mesmas, pela quantidade de replicação e circulação, essas características definem de fato a credibilidade de uma notícia, ou seja, a sociedade por muito tempo seguia os conhecimentos científicos para explicar os acontecimentos, na era da pós-verdade as pessoas não seguem mais o discurso de uma autoridade da área do conhecimento para serem credibilizadas. Hoje preferem seguir sujeitos comuns, próximos emocionalmente.

A pós-verdade é o conceito em que a verdade na contemporaneidade é seletiva, obtida por meio de um repertório de convicções e obtidas como escolhas de versões. Em 2016 foi criado pela primeira vez o termo de pós-verdade no dicionário de Oxford.

Em 2016, “post-truth” foi nomeada a palavra do ano pelo Dicionário Oxford. Este acontecimento não deve surpreender a muitos, tendo sido 2016 um ano cheio de surpresas polêmicas e eventos inesperados. O panorama político e social dos próximos meses será marcado por esta conjuntura da pós-verdade, na qual o objetivo e o racional perdem peso diante do emocional ou da vontade de sustentar crenças, apesar dos fatos demonstrarem o contrário (Llorente et al., 2019, p. 9)

Com o avanço das mídias sociais (Youtube, Instagram, WhatsApp, Telegram e o Facebook, Snapchat, Twitter) o relacionamento com a opinião pública sofre mudanças e a credibilidade de uma informação passa para o segundo plano, o acontecimento e a opinião pública passam para o primeiro, como nos afirma Llorente, a verdade está atrelada à construção de ideologias a partir de opiniões pessoais.

A divulgação de falsas notícias conduz a uma banalização da mentira e, deste modo, à relativização da verdade. O valor ou a credibilidade dos meios de comunicação se veem reduzidos diante das opiniões pessoais. Os acontecimentos passam a um segundo plano, enquanto o “como” se conta a história ganha importância e se sobrepõe ao “o quê”. Não se trata, então, de saber o que ocorreu, mas de escutar, assistir, ver, ler a versão dos fatos que mais concorda com as ideologias de cada um. (Llorente et al., 2019, p. 9)

O jornalista José Antônio Zarzalejos destaca que a pós-verdade não é um sinônimo da mentira, mas uma forma de as pessoas conceberem o que é a verdade, e neste sentido as pessoas abrem mão do fato para serem convencidas pelas suas crenças e emoções. Ele ainda ressalta o perigo do uso das fake news como a desinformação na política, lembrando que nos

⁴⁰ Donald Trump em 2016 nos Estados Unidos, Jair Bolsonaro 2018 no Brasil, Javier Milei 2024, na Argentina.

governos de exceção a desinformação ajudou a construir governos como o Nazismo e o Estalinismo.

A pós-verdade consiste na relativização da verdade, na banalização da objetividade dos dados e na supremacia do discurso emocional. Tampouco é um fenômeno novo. Ralph Keyes já o citava, em 2004, no livro *Dishonesty and Deception in Contemporary Life*, como relata Luis Meyer na revista *Ethic*, na edição de fevereiro deste ano (Não a chame de pós-verdade, chame de pós-jornalismo). Seu colega, Eric Alterman, a descreveu, definitivamente, como a **“arma política da desinformação”**. O mesmo autor cita Noam Chomsky que, referindo-se à palavra pós-verdade, elaborou uma célebre lista: 10 Estratégias de Manipulação, entre as quais se incluem técnicas para suavizar emotivamente as mensagens, com o propósito de causar uma espécie de curto-circuito no senso crítico e analítico dos cidadãos. A confusão sobre a realidade, a gestão de manobras conspiratórias para incitar o receio ou a hostilidade de grupos sociais, a vitimização ou as mitomanias políticas são instrumentos de persuasão das massas que remontam à antiguidade, mas que no século XX causaram os piores desastres, sendo, dois deles, autênticas falhas na história da humanidade: o nazismo e o estalinismo. (Zarzalejos et al., 2019, p. 11)

O tempo da pós-verdade, não o conceito, pode ser reconhecido desde a ascensão de regimes totalitários, como o Nazismo e Stalinismo, pois utilizaram do negacionismo para que suas ideologias não fossem atacadas, ou seja “verdades”⁴¹ foram construídas para dar sentido aos governos totalitários. Como por exemplo, o nazismo, que culpabiliza a instabilidade econômica alemã como sendo dos Judeus, os responsabilizaram pelo desemprego dos alemães e os acusavam de não contribuírem para a Alemanha nas guerras, culpando-os de todos os males da Alemanha. Ou na omissão do ocultismo em relação aos campos de concentração da antiga União Soviética.

Os Protocolos dos Sábios de Sião, uma fábula contra o judaísmo, escrita durante o último período da Rússia czarista, resultou em uma das alavancas mais falsárias empregadas por Hitler para introduzir, no período entre guerras, o antisemitismo na Alemanha e em outros países europeus. Ainda estamos pagando por isso. Na realidade, todos os movimentos políticos que refutam os dirigentes convencionais nas democracias liberais e representativas, lançam mão dos elementos mais sentimentais que racionais e não apenas se aproveitam do desconforto, mas contribuem decisivamente para ampliá-lo. O populismo de hoje, e de sempre, maneja mais com as persuasões emocionais do que com critérios de racionalidade e de veracidade. O rigor e o populismo são conceitos contraditórios. (Zarzalejos la t., 2019, P. 12)

⁴¹ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/holocausto.htm>. Acesso em 30 de setembro de 2024.

No contexto político do século XXI, o populismo brasileiro,⁴² se beneficiou dos discursos da pós-verdade. Observamos que nas últimas eleições narrativas emocionais e/ou irracionais, por utilizarem do medo, das ameaças, de teorias conspiratórias para sensibilizar as pessoas, por exemplo, como ocorreu nas eleições brasileiras pessoas ficaram, em frente aos quartéis⁴³, orando para pneu,⁴⁴ acreditando em teorias conspiratórias, como o fechamento de igrejas⁴⁵ e na construção de banheiros unissex⁴⁶ dentro das escolas, caso o candidato de oposição ganhasse.

A imagens retratam uma manifestação política no Brasil, em um espaço público decorado com numerosas bandeiras do Brasil e faixas nas cores verde e preta.

Figura 11 - Bolsonaristas acampados em frente ao Comando Militar do Sudeste, na cidade de São Paulo; sem reconhecer o resultado legal das eleições, eles defendem golpe militar.



⁴² Populismo: é um termo utilizado para explicar um conjunto de práticas associadas a políticos, sobretudo da América Latina, durante boa parte do século XX. No caso do Brasil, essa expressão é utilizada como forma de explicar as características dos governantes do Brasil do período entre 1930 e 1964. Daniel Neves Silva. Disponível: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-populismo.htm>

⁴³ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/08/bolsonaristas-ajoelham-e-oram-em-frente-ao-muro-do-exercito-no-rj-video.htm> reportagem sobre orações em frente aos quartéis.

⁴⁴ <https://istoe.com.br/relembre-as-maiores-maluquices-feitas-por-bolsonaristas-em-atos-golpistas-de-2022/> reportagem sobre atos da oposição ao governo do presidente Lula nas eleições de 2022.

⁴⁵ <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/fake-news-sobre-fechamento-de-igrejas-em-caso-de-vitoria-da-esquerda-tem-respaldo-de-deputado.ghtml> reportagem sobre a fake news sobre o suposto fechamento de igrejas nas eleições de 2022.

⁴⁶ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/governo-desmente-fake-news-sobre-banheiros-unissex> reportagem desmentindo a fake news sobre a imposição do banheiro unissex.

Fonte- Foto: Guilherme Caetano/O Globo

A cena, marcada pela forte presença da bandeira brasileira, permite perceber a defesa do pedido de intervenção militar, uma pauta política de parte dos apoiadores de Jair Bolsonaro que ganhou visibilidade neste período em certos setores da sociedade brasileira.

Figura 12 - Manifestantes bolsonaristas fazem ato antidemocrático em frente ao Comando Militar do Sudeste, na cidade de São Paulo, em 3 de novembro de 2022.



Fonte- Foto: Guilherme Caetano/O Globo.

A imagem ilustra a complexa relação entre símbolos nacionais e ideologias políticas no Brasil. A bandeira, tradicionalmente um símbolo de união e identidade nacional, é utilizada neste contexto para expressar um posicionamento político específico, a defesa da intervenção militar. A combinação das cores verde e amarela com o preto pode sinalizar tanto um luto quanto a radicalização do movimento. A presença de uma tenda sugere a organização e a

continuidade da manifestação. A apropriação de símbolos nacionais para defender pautas controversas como a intervenção militar revela profundas divisões ideológicas e diferentes interpretações do patriotismo no cenário político brasileiro atual.

Figura 13 - Bolsonaroistas fazem apelo a militares em manifestação 2022.



Foto: Bruna Prado/AP

A fotografia acima é um retrato contundente de um segmento da sociedade que defende a intervenção militar como solução para problemas políticos. A frase "o povo pede socorro ao exército" demonstra uma visão de desespero e desconfiança nas instituições democráticas civis, delegando a responsabilidade de "salvar" a nação às Forças Armadas. Essa pauta é um ponto de tensão no debate político brasileiro, pois confronta os princípios de um Estado democrático de direito, evocando períodos de autoritarismo na história do país. O uso da bandeira nacional neste contexto reforça a apropriação de símbolos patrióticos por grupos específicos para legitimar suas demandas.

Segundo o jornal, ISTO É, um apoiador das manifestações golpistas se pendurou no capô de um caminhão que perfurou o bloqueio ilegal das estradas e se recusou a descer. O motorista do veículo, que filmava a cena, seguiu viagem por um período, até que o próprio homem pediu para descer. A cena viralizou, com inúmeras montagens e até um jogo de videogame inspirado na situação.

Figura 14- Bolsonaro agarrado em caminhão durante protestos



Fonte: O Globo (2022)

A segunda cena que viralizou nas redes sociais mostra apoiadores de Bolsonaro cantando o Hino Nacional para um pneu. Conforme relato dos internautas, a cena teria ocorrido em Irati, no Paraná, onde os bolsonaristas faziam bloqueio parcial da BR 277.

Figura 15- Bolsonaroistas cantam Hino Nacional para pneu Crédito: Reprodução/Redes Sociais.



Fonte: Portal O POVO.

A imagem é um claro exemplo de fake news, criada com o objetivo de gerar medo e mobilizar eleitores, especialmente a comunidade evangélica e católica, contra o candidato Lula durante as eleições de 2022. O conteúdo dos tweets é totalmente falso e deliberadamente alarmista. A tática de criar uma ameaça direta à liberdade religiosa é uma estratégia comum para gerar indignação e desconfiança. O selo de "conteúdo investigado" indica que a informação foi verificada e, muito provavelmente, desmentida, reforçando a importância do papel das agências de checagem no combate à desinformação, que se tornou um fenômeno recorrente e prejudicial no contexto político.

Figura 16 - Imagem de tuítes sobre a fake news circulada no whatsapp que o presidente Lula fecharia as igrejas durante a corrida eleitoral de 2022.



Fonte- reportagem de checagem de fake news foi realizada pelo Jornal Estadão a imagem foi retirada de uma organização de verificação do projeto comprova⁴⁷.

A disseminação de fake news tem sido uma das principais preocupações em períodos eleitorais, especialmente diante do crescimento das redes sociais como fonte primária de informação para grande parte da população. No Brasil, esse fenômeno tem se intensificado, sendo utilizado como ferramenta estratégica para atacar adversários políticos e manipular a

⁴⁷ Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/wp-content/uploads/2022/10/Lula-declarou-no-Twitter-00-Conteudo-Investigado.jpg>.

opinião pública. Um exemplo emblemático ocorreu durante as eleições de 2022, quando aliados do então presidente Jair Bolsonaro divulgaram publicações falsas afirmando que Luiz Inácio Lula da Silva implantaria banheiros unissex em escolas caso fosse eleito. Diante da gravidade da desinformação, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) determinou a remoção dessas publicações e estabeleceu multa para os responsáveis.

Figura 17 - Imagem de tuítes sobre a fake news circulada no whatsapp que o presidente Lula fecharia as igrejas durante a corrida eleitoral de 2022.



Fonte- Jornal JOTA

Esse episódio evidencia o uso deliberado da desinformação como instrumento de disputa política, com o objetivo de gerar medo e deslegitimar o adversário perante a população.

Sendo assim, ressaltamos que a política brasileira utiliza de todos os meios para que seus interesses sejam alcançados, sempre com discursos apelativos e comovente ou com um sentido de pânico (medo) transmitido à população.

Vivemos no universo dos memes e necessitamos de critérios para distinguir o verdadeiro do falso, o seguro do provável, o certo sobre o duvidoso. E nos fazemos perguntas cada vez mais angustiantes: seria o Photoshop, por exemplo, uma técnica da pós-verdade? Seria a contextualização de um recurso falsificador? O insulto poderia ser considerado uma mera descrição? Os efeitos especiais no cinema ou as experiências de realidade virtual, por exemplo, são um atentado à integridade da verdade, tal como a temos entendido até agora? Estas são perguntas que vêm à mente. Porque as tendências populistas exigem que o poder seja obtido como um fim em si mesmo, sem importar os métodos (Zarzalejos et al., 2020, p. 12).

Essa relativização da verdade por meio da tecnologia descredibiliza o jornalismo e conseqüentemente as informações, na atualidade os jornalistas não estão somente informando, mas devido ao contexto verificando, fazendo os chamados fact-checking.

Atualmente, os termos “verdades alternativas” e “notícias fictícias” são expressões que constituem preceitos da pós-verdade. E o descontentamento com a política democrática proporciona uma descredibilidade do discurso, da informação e conseqüentemente da verdade. O uso da pós-verdade tornou-se um método para a disputa eleitoral, por isso é necessário que os estudantes tenham clareza de como as redes sociais estão nas mãos de quem possui o controle destas e as articulam para seus próprios interesses.

Em setembro passado, o jornal *The Economist* dedicou sua cobertura “*Truth or the Lie*” à pós-verdade. Entre as páginas desta edição, vale destacar um gráfico que mostra como os conteúdos do Facebook com falsas informações são compartilhados o mesmo número de vezes que aqueles com informações corretas. Este fenômeno torna-se ainda mais alarmante quando consideramos a influência dos algoritmos e as pressões financeiras. Os algoritmos geram ecossistemas virtuais, que refletem opiniões correlacionadas, em muitos casos fazendo com que as pessoas criem a sua própria verdade. Enquanto isso, os campeonatos para alcançar o primeiro lugar nos motores de busca premiam a quantidade de likes. Como afirma Katherine Viner, redatora-chefe do jornal *The Guardian*, em seu artigo: “Como a tecnologia rompeu a verdade”: privilegia-se a viralidade em detrimento da qualidade e da ética (Pinsk, 2020, p. 15).

Atualmente, com a rede de “curtidas”, as pessoas escolhem e produzem suas próprias verdades. Através da tecnologia dos algoritmos as informações que chegam ao público são aquelas que corroboram com suas convicções e opiniões, por esse motivo falamos que há a criação de nichos sociais que dificultam a multiplicidade de ideias, pois acabam por reafirmar uma posição que já existe e não por fazer uma reflexão sobre ideias. Por isso afirmamos a existência de uma escolha sobre o que seria verdade.

Na política, a concepção de pós-verdade representa a falta de escrúpulo na arte de enganar para conseguir o que se deseja. Percebemos este discurso presente em várias falas de políticos. Na política brasileira, há uma antológica frase, cuja autoria é atribuída a várias raposas mineiras (Antônio Carlos de Andrade, José Maria Alkmin, Gustavo Capanema, Tancredo Neves) que diz: “em política, o que importa é a versão, não o fato” (Medeiros, 2020)

Nessa perspectiva, questionamos: nossos alunos têm consciência de como as fake news e a pós-verdade são utilizadas como ferramentas de desinformação na sociedade? A pós-verdade, ao alimentar a proliferação de narrativas, elimina a possibilidade de

convivência e diálogo. Como resultado, famílias se desentendem, laços são rompidos e cidadãos manipulados. Antes de adquirir o significado atual, a ideia de pós-verdade era associada a propagandas que apelam às emoções em vez de se basearem em fatos. Para muitos teóricos, a pós-verdade representa a manipulação das emoções, configurando o novo domínio em que a mentira opera.

A pós-verdade não é um fenômeno novo. Ao contrário. O que hoje chamamos de pós-verdade, em outras décadas chamávamos de propaganda. A criação de realidades alternativas sob os comandos do controle dos meios de comunicação. Realidades alternativas que não se baseiam em fatos, mas em emoções. Realidades alternativas que se baseiam na percepção, não em dados. A diferença em relação a outras épocas é que temos ao nosso alcance hoje, ferramentas de dois gumes. Por um lado, permitem ter acesso às fontes de informação necessárias para identificar e combater a mentira. E ao mesmo tempo, dão um impulso jamais visto à mentira, que corre como a pólvora e permanece na superfície durante anos. É ao mesmo tempo possível e impossível. (Pinsk, 2020, p. 33).

Nas realidades alternativas criadas dentro do ambiente das redes sociais, numerosos discursos são construídos utilizando notícias falsas. Mas por que essas notícias falsas conseguem convencer uma parte significativa da população e consequentemente nossos estudantes? A resposta está na semelhança com o que foi utilizado em governos autoritários, que se valeram do discurso do medo e da ameaça do desconhecido como forma de controle. Da mesma forma, o conceito de pós-verdade fortalece a adesão a essas crenças, uma vez que as pessoas, tomadas por suas emoções, escolhem narrativas que confirmam suas visões de mundo. Esse tipo de estratégia foi amplamente eficaz nas eleições de 2018 no Brasil, quando um candidato que apresentou esse tipo de discurso conseguiu vencer, demonstrando a força dessa articulação.

Como afirmava há pouco um sensato artigo do jornal *The Economist*, a diferença entre a política da pós-verdade e a simples mentira é que, no segundo caso, “a verdade não é falsificada ou discutida, mas de importância secundária”, pois trata-se de “reforçar preconceitos”, dando uma impressão de distinção sofisticada, mas não é, realmente, mais do que um palavreado sem fundamento. (Medeiros, 2020, p. 26).

A verdade na atualidade é definida pela audiência e pela replicação, elas definem de fato a credibilidade de uma notícia. Hoje as informações não seguem mais o discurso de uma autoridade do conhecimento específico da área para ser credibilizada. A pós-verdade foi reformulada, devido a web a verdade se tornou seletiva, obtida por meio de um repertório de convicções e tidas como escolhas de versões. Paraphrasing Umberto Eco “*A internet deu vozes*

aos idiotas” e mesmo com esse acesso global a elite saiu em vantagem por controlar os meios de comunicação, e conseqüentemente o modo de pensar, revisitando os diversos preconceitos.

As redes sociais deram megafone e audiência, no debate público, a milhões de pessoas que, antes, podiam participar dele apenas dentro dos alcances limitados de suas casas, trabalhos e bairros. Pessoas que, hoje em dia, podem colocar-se em contato, em tempo real, com todos aqueles que pensam – ou não pensam – da mesma forma que elas e criar verdadeiras “tendências” de opinião, capazes de mudar os rumos do debate público. A partir da perspectiva mais pessimista, seria possível dizer, usando as palavras de Umberto Eco, que a web e as redes sociais deram “direito de falar a legiões de idiotas” que antes não tinham voz. (Berckemeyer, 2020, p.27).

De fato, o intelectual italiano Humberto Eco (1932-2016), no discurso que proferiu na solenidade de sua titulação de doutor *honoris causa* em Comunicação e Cultura, na Universidade de Turim (2015), disse que as redes sociais deram voz a uma “legião de imbecis”. No mesmo discurso, fundamentou que “eles [os imbecis] falavam em um bar e depois de uma taça de vinho, sem prejudicar a coletividade [...] e eram imediatamente calados, mas agora eles têm o mesmo direito à palavra que um Prêmio Nobel”; e se referindo aos ambientes da cybercultura disse ainda que a internet é um território que “promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade”⁴⁸.

A disseminação das informações por meio das novas facetas da mentira fez com que a polarização política se agravasse e que a situação das redes sociais inviabilizasse o debate, visto que houve uma “deformação” da opinião pública. Para o sociólogo Carlos De Angelis, a sociedade sempre buscou a verdade e agora a relativiza. Ele aponta que o cristianismo, as revoluções burguesas e a estrutura jurídica e estatísticas, propõe uma verdade socialmente aceita. “A opinião pública será o espaço social de legitimação da verdade socialmente aceita”. Essa é a principal mudança na atualidade sobre a construção da verdade.

Para a filósofa Marilena Chauí, o conceito de verdade passou por mudanças de significado ao longo do tempo. A palavra, originária do latim, está associada à ideia de exatidão, enquanto no hebraico está relacionada à confiança. Ao observar a evolução desse conceito, percebemos que, na atualidade, a verdade ainda é utilizada como discurso de confiança cega⁴⁹ por parte de algumas pessoas, especialmente em contextos religiosos.

⁴⁸ Consultar como referência de leitura <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/umberto-eco-e-a-legiao-dos-imbecis-na-internet>

⁴⁹ Cego neste sentido seria dogmático, uma verdade inquestionável.

Segundo Chauí, existe uma convenção social sobre o que é considerado verdade, nos seguintes termos:

O consenso se estabelece baseado em três princípios que serão respeitados por todos: 1. Que somos seres racionais e nosso pensamento obedece aos quatro princípios da razão (identidade, não-contradição, terceiro-excluído e razão suficiente ou causalidade); 2. Que somos seres dotados de linguagem e que ela funciona segundo regras lógicas convencionadas e aceitas por uma comunidade; 3. Que os resultados de uma investigação devem ser submetidos à discussão e avaliação pelos membros da comunidade de investigadores que lhe atribuirão ou não o valor de verdade (Chauí, 2000, p. 125).

O desafio que observamos hoje sobre a concepção de verdade é o respeito a este consenso, as pessoas desprezam o conhecimento construído com base em investigações e estando conectadas em redes sociais acreditam que estão recebendo a verdade absoluta. No entanto, não entendem que dentro das redes diversas pessoas não apenas recebem, mas também emitem essas verdades que não são advindas de um trabalho comprometido com a construção do conhecimento.

A pergunta que nós fazemos enquanto docentes é se os nossos alunos estão submersos neste mundo dogmático? Sim, nossos alunos pela pouca maturidade que possuem estão submersos em uma percepção focada em acontecimentos à sua volta, como afirma Chauí (2000) “Dogmatismo é uma atitude muito natural e muito espontânea que temos, desde muito crianças. É nossa crença de que o mundo existe e que é exatamente tal como o percebemos”. Desde a antiguidade tanto Sócrates e Descartes mostraram-se contrários às ideias pré-estabelecidas de opiniões e crenças e foram muitos julgados por tal percepção, este dogmatismo seria a ideia de um mundo prático e totalmente ligado à percepção do que é real para si mesmo, suas experiências pessoais são colocadas aquém do contexto cultural do mundo em que está inserido. Como por exemplo, dificilmente uma pessoa que possui privilégios dentro de uma sociedade terá compreensão ou empatia com aquilo que não é uma necessidade do seu grupo ou cotidiano, percebemos isso ao analisarmos como os movimentos sociais (Movimento estudantil, Movimento dos sem terras, Movimento Negro, Movimento Feminista, Movimento LGBTQIA+) são retratados na sociedade. Esse dogmatismo causa estranhamento por acreditarmos em um mundo estático, construído por nossas próprias experiências.

Na atitude dogmática, tomamos o mundo como já dado, já feito, já pensado, já transformado. A realidade natural, social, política e cultural forma uma espécie de

moldura de um quadro em cujo interior nos instalamos e onde existimos. Mesmo quando acontece algo excepcional ou extraordinário (uma catástrofe, o aparecimento de um objeto inteiramente novo e desconhecido), nossa tendência natural e dogmática é a de reduzir o excepcional e o extraordinário aos padrões do que já conhecemos e já sabemos. Mesmo quando descobrimos que alguma coisa é diferente do que havíamos suposto, essa descoberta não abala nossa crença e nossa confiança na realidade, nem nossa familiaridade com ela (Chauí, 2000, p.116-117).

Devido a este dogmatismo presente nas nossas vivências, o uso das fake news pode ser articulado como método na construção e no controle do que é a verdade, que é dada como um final de novela. Para a autora, a verdade está presente no discurso, na linguagem e isso explica o uso da fake news pelos governos populistas na América. A superação desse entendimento somente se dá quando temos a estranheza daquilo que é dogmático e de como iremos absorver essas informações.

De fato, se a verdade está no discurso ou na linguagem, não depende apenas do pensamento e das próprias coisas, mas também de nossa vontade para dizê-la, silenciá-la ou deformá-la. O verdadeiro continua sendo tomado como conformidade entre a idéia e as coisas – no caso, entre o discurso ou relato e os fatos acontecidos que estão sendo relatados -, mas depende também de nosso querer (Chauí, 2000, p. 127).

A verdade, segundo Marilena Chauí, é evidência e a verdade é essencial para libertarmos das aparências, das opiniões, e das ilusões proporcionadas pelos nossos sentidos.

É preciso começar liberando nossa consciência dos preconceitos, dos dogmatismos da opinião e da experiência cotidiana. Essa consciência purificada, que é o sujeito do conhecimento, poderá, então, alcançar as evidências (por intuição, dedução ou indução) e formular juízos verdadeiros aos quais a vontade deverá submeter-se. Tanto os antigos quanto os modernos afirmam que: 1. A verdade é conhecida por evidência (a evidência pode ser obtida por intuição, dedução ou indução); 2. A verdade se exprime no juízo, onde a ideia está em conformidade com o ser das coisas ou com os fatos; 3. O erro, o falso e a mentira se alojam no juízo (quando afirmamos de uma coisa algo que não pertence à sua essência ou natureza, ou quando lhe negamos algo que pertence necessariamente à sua essência ou natureza); 4. As causas do erro e do falso são as opiniões preconcebidas, os hábitos, os enganos da percepção e da memória; 5. A causa do falso e da mentira, para os modernos, também se encontra na vontade, que é mais poderosa do que o intelecto ou o pensamento, e precisa ser controlada por ele; 6. Uma verdade, por referir-se à essência das coisas ou dos seres, é sempre universal e necessária e distingue-se da aparência, pois esta é sempre particular, individual, instável e mutável; 7. O pensamento se submete a uma única autoridade: a dele própria com capacidade para o verdadeiro (Chauí, 2000, p.123).

Nesse sentido, é fundamental que o ensino de História explique a construção das fake news e as características da pós-verdade, que apontam para a criação de um mundo dogmático, que desperta a reflexão sobre os conceitos de verdade científica e histórica, percebido por algumas pessoas como a única realidade possível. A melhor maneira de enfrentar esse tipo de visão é por meio da conscientização histórica, refletindo sobre as consequências das manipulações realizadas nas redes sociais. Esse processo educativo permitirá que nossos alunos se tornem cidadãos mais críticos e preparados para navegar na era digital, convivendo de forma respeitosa com a diversidade cultural que caracteriza a sociedade.

3. CAPÍTULO 3: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: SEQUÊNCIA DIDÁTICA “DE OLHO NAS FAKE NEWS”

3.1. A Origem e Transformação do Conceito de Rede

O conceito de "rede" surgiu no século XII, sendo utilizado para designar instrumentos de caça e pesca. Posteriormente, passou a ser empregado na área médica, especialmente na anatomia, para descrever a estrutura fibrosa do corpo humano. No século XVIII, a biologia apropriou-se do termo para explicar formações naturais que remetem à ideia de interconexão. No século XIX, foi a vez da engenharia adotar o conceito, utilizando-o para representar estruturas espaciais e sistemas interligados. A partir desse momento, a noção de rede passou a ser aplicada também às dinâmicas sociais, refletindo as múltiplas formas de interações humanas mediadas por estruturas complexas.

Ao seguir essa perspectiva, Castells (2011),⁵⁰ em discurso recente pela Web, faz uma relação entre redes sociais e os neurônios ao afirmar que as mentes são redes na medida em que as conexões neuronais são responsáveis por constituir a visão de mundo e a relação que o indivíduo tece com outras pessoas, portanto, com outras mentes ou rede de neurônios, inclui também as relações estabelecidas pelo indivíduo no entorno social e natural. Para Castells (2011), o processamento entre todas essas redes só é possível pela comunicação, fenômeno social fundamental através do qual as mentes funcionam (Zenha, 2018, p. 21).

Na contemporaneidade, o termo adquiriu ainda mais amplitude, sendo associado às relações entre indivíduos na sociedade. Assim como os peixes ficam presos nas redes de pesca, nós, seres humanos, nos encontramos entrelaçados nas redes da vida social, conectados por vínculos, informações e interações constantes.

3.2. As Redes Sociais na Era Digital

No século XX, as redes sociais passaram por transformações significativas, acompanhando a evolução da internet. A *Web* 1.0, em sua fase inicial, funcionava predominantemente como uma plataforma de disponibilização de informações, caracterizando-se por um modelo unidirecional de comunicação. Com o surgimento da *Web* 2.0, esse cenário mudou substancialmente, dando origem a páginas que possibilitam a

⁵⁰ Abrindo um adendo é interessante comentar que a autora chama atenção pela fala de Castells que ao mesmo tempo que você possui liberdade com as redes sociais você também acaba compartilhando medo e conspirações com mais pessoas o que dá a impressão o que dá uma sensação maior de instabilidades emocionais o que também contribui como já explanado acima para a crença e o apego as fakes news.

colaboração e a interação entre os usuários. Essa nova fase foi marcada pela criação de ferramentas como blogs, podcasts, YouTube, *Second Life*, *wikis* e redes sociais, somando mais de 300 formas de interação e consolidando o uso do termo *World Wide Web*.

Com os avanços tecnológicos e o crescimento exponencial do ambiente digital, emerge a *Web 3.0*, caracterizada por uma sobrecarga de informações e uma intensificação das interações virtuais. Nesse contexto, Zenha (2018) afirma que "o século XXI vivencia a explosão das interações sociais mediadas por meio do computador e, mais recentemente, com o uso do telefone celular e do tablet (mobilidade), todos conectados à internet".

As redes sociais contemporâneas se estruturam a partir da reunião de indivíduos com interesses, valores ou afinidades em comum, configurando-se como espaços dinâmicos de interação, construção identitária e circulação de informações.

A rede social online é um ambiente digital em conexão no qual é possível observar o desenrolar, a evolução e a constante modificação dos embates psicossociais de seus integrantes, embates esses não apenas de ordem tecnológica, mas, sobretudo, humana. A participação ativa das pessoas nas redes sociais por meio da troca generosa de links e da catalisação de conversas apresenta um comportamento indicativo para a conexão, a ligação e a linkagem entre assuntos e pessoas. Pelos links é possível observar as ligações estabelecidas pelo autor do registro e saber assim as conexões, trocas de ideias, assuntos e percepções próprias da coletividade (Zenha, 2018, p. 25)

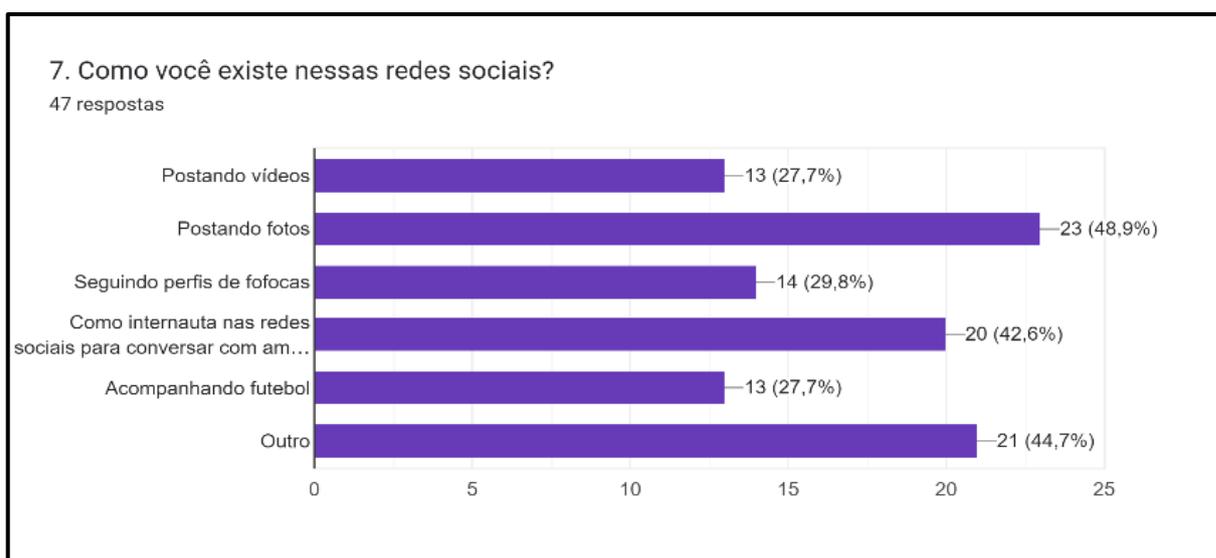
A seguir, apresenta-se uma representação de como ocorrem as trocas discursivas nas redes sociais. Sob a perspectiva da pesquisadora Luciana Zenha, as redes operam no ambiente online de forma dinâmica, permitindo aos usuários enviar, receber, criar, responder e compartilhar mensagens. Essa dinâmica comunicacional está fundamentada nas conexões estabelecidas entre os participantes, na atuação dos sujeitos envolvidos, nas trocas informacionais, na divulgação de conteúdos e na aquisição de links.

Além disso, Zenha (2018) destaca a importância dos algoritmos que operam por meio de buscadores automatizados, os quais monitoram, analisam e organizam os posicionamentos e interações nas redes. Essa análise ocorre em três níveis distintos: o nível da rede como um todo, o dos subgrupos formados por afinidades específicas e, por fim, o dos personagens — os indivíduos que atuam e se destacam dentro desses espaços digitais.

afirmaram acreditar que há disseminação de fake news no Instagram. Esses dados suscitam uma reflexão fundamental: será que, nas aulas de História, os estudantes têm sido provocados a refletir criticamente sobre sua vivência e consumo de informações nessa rede?

Na investigação realizada com estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, a maioria afirmou utilizar o Instagram predominantemente para publicar fotos, o que evidencia uma relação voltada à exposição pessoal e à performance identitária.

Figura 19 - resposta formulário 9º anos.



Fonte: Elaborada pela autora

Entretanto, ao serem questionados sobre como recebem e processam as informações que circulam em suas redes, a maioria dos estudantes admitiu que não costuma refletir criticamente sobre os conteúdos acessados, limitando-se, em geral, a uma leitura superficial. Embora 95,7% reconheçam a existência de fake news na plataforma, 63,8% afirmaram não se sentir preparados para lidar com esse fenômeno. Além disso, 53,2% declararam não compreender claramente a distinção entre informação e saber, o que aponta para uma carência de competências críticas necessárias à leitura histórica e midiática.

Essa constatação corrobora a análise de Zenha (2018), ao sugerir que os sujeitos conectados às redes sociais estão imersos em uma lógica de circulação de dados pautada por algoritmos, vínculos e trocas simbólicas, mas nem sempre possuem consciência dos filtros que modulam a visibilidade e a veracidade das informações. De maneira complementar, Castells (2011) afirma que a comunicação em rede molda a forma como percebemos a realidade, constituindo-se tanto como espaço de interação quanto de manipulação de narrativas.

Esse panorama evidencia a urgência de promover práticas pedagógicas que auxiliam os estudantes a desenvolverem uma postura crítica diante da mídia digital e da circulação de discursos historicamente construídos. Essa discussão serve de base para os tópicos seguintes, em que se busca compreender de que forma a consciência histórica pode ser mobilizada como competência fundamental para a leitura crítica do presente.

3.4. A Consciência Histórica como Competência de Leitura do Mundo

A consciência histórica, conforme proposta por Jörn Rüsen (2001), constitui-se como uma forma de orientação temporal, na qual os sujeitos interpretam o passado com o intuito de compreender o presente e projetar possibilidades de futuro. Essa orientação se dá por meio de narrativas, que são construídas social e culturalmente, e que ajudam os indivíduos a darem sentido às suas experiências históricas. Assim, o desenvolvimento da consciência histórica implica uma leitura crítica da realidade, mediada pela compreensão da historicidade das ações humanas.

Segundo Rüsen, essa consciência pode manifestar-se de diferentes maneiras, as quais refletem distintos graus de complexidade na interpretação do tempo histórico. O autor identifica quatro formas principais:

- Consciência Histórica Tradicional: valoriza o passado como modelo fixo a ser preservado, sem questionamento crítico, pautando-se na aceitação de narrativas consolidadas e em uma ideia de continuidade.
- Consciência Histórica Exemplar: retira lições do passado para orientar condutas no presente, estabelecendo correlações entre acontecimentos históricos e situações da atualidade. No entanto, essa forma ainda é limitada pela ausência de problematização das causas e consequências desses eventos.
- Consciência Histórica Crítica: questiona os discursos hegemônicos e desnaturaliza narrativas dominantes, permitindo ao sujeito perceber os mecanismos de poder que operam na construção do conhecimento histórico.
- Consciência Histórica Genética: compreende o passado como um processo dinâmico, em constante transformação, promovendo uma leitura histórica que reconhece rupturas, permanências e múltiplas temporalidades. Essa forma de consciência possibilita ao sujeito compreender a complexidade das mudanças sociais e históricas ao longo do tempo.

Essas categorias funcionam como ferramentas analíticas para observar como os sujeitos, em especial os estudantes, se relacionam com o passado e com as informações históricas em um cenário marcado pela desinformação e pela velocidade das redes sociais. Desenvolver a consciência histórica, não somente está atrelada ao acúmulo de datas e fatos: trata-se de formar sujeitos capazes de interpretar criticamente as narrativas que lhes são apresentadas, identificando os interesses que as sustentam e as formas como essas narrativas influenciam a construção da memória, da identidade e das escolhas políticas.

Nesse sentido, compreender a consciência histórica como uma competência de leitura do mundo significa reconhecer que o ensino de História pode — e deve — contribuir para a formação de sujeitos reflexivos, autônomos e críticos, aptos a navegar em um ambiente digital complexo, no qual a distinção entre verdade e falsidade se torna, muitas vezes, turva. Assim, o desenvolvimento dessa competência torna-se indispensável frente aos desafios contemporâneos, como a propagação de fake news e a manipulação de discursos históricos nas redes sociais.

3.5. Os Tipos de Consciência Histórica Identificados na Pesquisa

A análise das respostas dos estudantes dos 8º e 9º anos, coletadas por meio do questionário aplicado durante a sequência didática, revelou a predominância de formas iniciais de consciência histórica, sobretudo as formas tradicional e exemplar. Tais manifestações evidenciam certa fragilidade no domínio de competências críticas, especialmente no que diz respeito à leitura e interpretação de narrativas históricas em ambientes digitais.

A consciência histórica tradicional foi identificada em respostas nas quais os estudantes demonstraram aceitar passivamente as informações veiculadas nas redes sociais, sem questionamento quanto à veracidade ou às intenções por trás das narrativas. Esse comportamento indica uma adesão acrítica a discursos prontos, muitas vezes influenciados por algoritmos que reforçam pontos de vista homogêneos e consolidam versões únicas dos fatos históricos. Essa postura está em consonância com o diagnóstico de Zenha (2018), ao apontar que os sujeitos operam nas redes por meio de conexões superficiais, sem necessariamente desenvolver um olhar crítico sobre os conteúdos acessados.

A consciência exemplar, por sua vez, foi observada em manifestações que buscavam retirar ensinamentos do passado para aplicação no presente. Alguns estudantes, por exemplo,

mencionaram a importância de "aprender com os erros da história" como forma de evitar a repetição de tragédias ou injustiças. No entanto, essa percepção, embora positiva, ainda se apresenta de forma limitada, pois não é acompanhada de uma análise mais aprofundada sobre as origens das informações, os contextos históricos em que foram produzidas ou os interesses ideológicos que as moldam.

As formas mais estudadas de consciência histórica, crítica e genética, foram menos frequentes nas respostas analisadas. A consciência crítica, que provoca a problematização dos discursos hegemônicos e a desnaturalização das narrativas dominantes, foi vista de forma pontual, geralmente entre estudantes que demonstraram algum grau de desconfiança em relação às fake news e buscaram checar a veracidade das informações. Já a consciência genética — que exige a compreensão do tempo como construção e transformação — foi praticamente ausente nas respostas, revelando a necessidade de maior investimento em estratégias pedagógicas que promovam uma leitura mais complexa e contextualizada da história.

Esse diagnóstico reforça a importância do ensino de História enquanto espaço formativo capaz de desenvolver competências interpretativas, argumentativas e reflexivas. A proposta pedagógica apresentada neste trabalho, ao articular o uso da inteligência artificial com a análise crítica de informações históricas, busca justamente fomentar essas formas superiores de consciência histórica. Ao criar oportunidades para que os estudantes questionem, reconstruam e ressignifiquem o conhecimento histórico, contribui-se para a formação de sujeitos conscientes do seu papel na sociedade e capazes de intervir, de forma ética e crítica, no mundo contemporâneo.

3.6. A Sequência Didática como Estratégia para o Desenvolvimento da Consciência Crítica

Diante do cenário identificado pela pesquisa, que evidencia a predominância de formas iniciais de consciência histórica entre os estudantes e uma baixa capacidade de análise crítica frente à informação digital, a sequência didática proposta nesta dissertação foi concebida como uma estratégia de intervenção pedagógica intencionalmente orientada para o desenvolvimento da consciência histórica crítica e genética.

A proposta está organizada em torno de três eixos articulados, que operam de forma integrada: a compreensão histórica das fake news, o uso da Inteligência Artificial como mediadora da aprendizagem, e a produção colaborativa do conhecimento.

a) Compreensão do fenômeno das fake news no contexto histórico

O primeiro eixo da sequência didática visa possibilitar aos estudantes uma reflexão histórica sobre o fenômeno das fake news, ultrapassando a leitura superficial que muitas vezes caracteriza o consumo de informações em ambientes digitais. A abordagem parte de exemplos concretos de desinformação que impactaram a sociedade brasileira. Essa análise busca evidenciar como as narrativas são construídas, disputadas e, frequentemente, manipuladas para atender a determinados interesses ideológicos ou econômicos. Trata-se de promover uma leitura do presente à luz das ferramentas analíticas próprias do campo da História, ampliando o repertório interpretativo dos estudantes.

b) A IA Fátima como recurso didático-pedagógico

O segundo eixo consiste na utilização da ferramenta de Inteligência Artificial Fátima, desenvolvida especificamente para a checagem de informações históricas, como um recurso tecnológico que aproxima o ensino formal das práticas digitais dos estudantes. A presença da IA no processo educativo não visa substituir a mediação do professor, mas potencializá-la, oferecendo suporte técnico à análise de fontes e à verificação de dados. Essa mediação tecnológica contribui para o fortalecimento da autonomia investigativa dos alunos e insere a escola no universo das linguagens digitais com as quais os estudantes já estão familiarizados.

O uso da IA Fátima possibilita o exercício de práticas fundamentais para o ensino de História, como a análise de evidências, o confronto entre versões e a construção argumentativa a partir de fontes diversas. Nesse sentido, a tecnologia se torna aliada da formação crítica, ao contribuir para a desconstrução de narrativas falsas e o reconhecimento da historicidade das informações.

c) Produção colaborativa de conhecimento histórico

O terceiro eixo propõe a elaboração, pelos estudantes, de um produto — texto reflexivo ou vídeo educativo — que sintetize as aprendizagens construídas ao longo da sequência. Essa produção permite aos alunos reorganizarem sua leitura de mundo a partir das discussões realizadas, mobilizando os conceitos trabalhados e posicionando-se criticamente frente aos desafios informacionais contemporâneos. Tal prática se insere no campo da consciência histórica genética, ao exigir do sujeito uma compreensão processual e dinâmica do tempo histórico, marcada pela multiplicidade de vozes e disputas de sentidos.

Essa etapa final também se alinha à proposta de Rüsen (2001), ao estimular a capacidade dos estudantes de narrar historicamente, ou seja, de construir uma interpretação com base em dados, reflexões e análise de fontes, articulando passado, presente e futuro em uma perspectiva ética e crítica.

3.7. A Construção do Saber Histórico na Era da Informação

Em um cenário caracterizado pela circulação massiva de informações, muitas vezes desconectadas de contexto, autoria e veracidade, torna-se urgente refletir sobre a distinção entre dado, informação e conhecimento. O simples acesso a dados não garante a construção do saber histórico, que exige análise, contextualização e interpretação crítica. Ao contrário da lógica das redes sociais, que frequentemente privilegia a velocidade e o apelo emocional em detrimento da profundidade, o conhecimento histórico requer tempo, mediação e problematização.

Nesse sentido, o saber histórico não se resume à memorização de fatos ou datas. Ele demanda a articulação de diferentes temporalidades e a compreensão de que o passado é interpretado a partir de perguntas do presente, com vistas à construção de um projeto futuro. Essa concepção está presente em Rüsen (2001), ao propor a consciência histórica como uma competência que permite aos sujeitos se orientarem temporalmente, construindo sentido para sua experiência individual e coletiva.

A escola, como espaço de formação ética e cidadã, tem o papel de fomentar essa competência, capacitando os estudantes a narrar, julgar, comparar e argumentar historicamente. Tais habilidades são essenciais não apenas para o estudo da História, mas para a inserção crítica e consciente no mundo contemporâneo, atravessado por disputas narrativas, negacionismos e manipulações midiáticas.

Como destaca Adorno (2006), a formação crítica implica resistir à passividade diante da indústria cultural, que tende a homogeneizar o pensamento e a reproduzir visões de mundo acríticas. A educação, nesse contexto, deve constituir-se como um ato político de resistência à alienação, promovendo o desenvolvimento de sujeitos autônomos e reflexivos.

A proposta pedagógica aqui apresentada, ao articular teoria, prática e tecnologia, busca responder a esse desafio. A inserção da ferramenta de Inteligência Artificial Fátima no cotidiano escolar possibilita aos estudantes o contato com instrumentos de checagem de informações, estimulando a autonomia investigativa e promovendo uma relação mais crítica

com os conteúdos consumidos. Ao atuar como mediadora entre a linguagem digital e o conhecimento histórico, a IA Fátima contribui para o fortalecimento das competências necessárias à leitura crítica da realidade.

A sequência didática elaborada, voltada inicialmente aos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, pode ser adaptada para diferentes níveis de ensino. Seu objetivo central é desenvolver a consciência histórica e o pensamento crítico a partir da análise de fake news em circulação nas redes sociais, aproximando o ensino de História da realidade vivida pelos alunos e ampliando sua capacidade de interpretar o mundo.

Do ponto de vista teórico, a proposta apoia-se em Certeau (1982), que compreende a história como prática discursiva situada, construída nas relações cotidianas; em Rüsen (2001), que define a consciência histórica como uma habilidade central à formação dos sujeitos; e em Adorno e Horkheimer (1947), que denunciam os mecanismos de alienação operados pela indústria cultural. Soma-se a isso o pensamento de Zuboff (2021), ao apontar os riscos do capitalismo de vigilância, que transforma a experiência humana em mercadoria por meio da coleta e comercialização de dados pessoais.

O percurso formativo proposto contempla duas aulas de 50 minutos, organizadas em torno de objetivos específicos:

- Compreender o conceito de fake news e seu impacto na construção do conhecimento histórico;
- Identificar estratégias de manipulação da informação e os interesses políticos, econômicos ou ideológicos envolvidos na circulação de notícias falsas;
- Utilizar a IA Fátima como ferramenta de checagem de informações históricas, desenvolvendo a capacidade de avaliar criticamente fontes e versões;
- Produzir reflexões em formato textual ou audiovisual, articulando o conteúdo discutido à realidade dos estudantes.

As habilidades desenvolvidas dialogam com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente as competências da área de História para o 9º ano, como:

- EF09HI01 – Analisar diferentes interpretações sobre acontecimentos históricos e seus efeitos na construção da memória social;
- EF09HI06 – Identificar e comparar diferentes fontes históricas, compreendendo a importância da veracidade e da checagem dos fatos;
- EF09HI07 – Desenvolver uma postura crítica em relação à informação veiculada nas redes sociais e na mídia.

A primeira aula inicia-se com uma sondagem diagnóstica para mapear os conhecimentos prévios dos alunos sobre fake news. Em seguida, introduz-se o conceito e discute-se seu impacto sobre a construção da memória social, com base em exemplos reais. Como tarefa, os estudantes são convidados a identificar, em suas redes sociais, uma notícia de cunho histórico cuja veracidade possa ser questionada.

Na segunda aula, com base nas notícias selecionadas, realiza-se uma atividade de checagem utilizando a IA Fátima. A proposta favorece o debate em grupo, a análise crítica das fontes e a produção de um material final, em formato de texto reflexivo ou vídeo educativo, que sintetize os aprendizados e reforce a importância da checagem de informações na prática cidadã.

A avaliação da sequência será contínua e formativa, considerando a participação dos estudantes nas discussões, a qualidade argumentativa das análises realizadas, o uso efetivo da ferramenta digital e a consistência do produto final. O processo avaliativo visa não apenas mensurar resultados, mas acompanhar a evolução dos estudantes em relação ao desenvolvimento da consciência crítica e da leitura histórica do mundo.

A sequência didática compõe-se como parte do produto pedagógico proposto nesta pesquisa e se articula à iniciativa digital “Fato ou Fake”, desenvolvida paralelamente como recurso de apoio aos docentes. Ambas as ações visam a qualificar o ensino de História por meio de práticas significativas, tecnológicas e colaborativas, promovendo o engajamento dos alunos e fortalecendo sua formação como sujeitos históricos capazes de atuar criticamente na sociedade da informação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou investigar o impacto das fake news no ensino de História e suas implicações na formação da consciência histórica de estudantes do Ensino Fundamental II, tendo como estudo de caso a Escola Estadual Campo Novo do Parecis, no Estado de Mato Grosso. A partir da constatação de que os alunos estão inseridos em um contexto de intensa circulação de desinformação nas redes sociais — especialmente no Instagram —, percebeu-se a urgência de criar estratégias pedagógicas que promovam a reflexão crítica sobre os conteúdos consumidos e compartilhados no ambiente digital.

Os objetivos traçados ao longo da pesquisa foram amplamente contemplados. Inicialmente, buscou-se compreender como os estudantes interpretam e utilizam as fake news, revelando, por meio da pesquisa de campo, que muitos alunos não possuem critérios claros para distinguir informação de conhecimento, tampouco sentem-se preparados para avaliar a veracidade das notícias. Essa realidade evidenciou a necessidade de fomentar práticas pedagógicas que incentivem a checagem de informações, o desenvolvimento do pensamento crítico e a valorização das fontes confiáveis.

A proposta pedagógica desenvolvida — a sequência didática “Fake News, Consciência Histórica e o Uso da Inteligência Artificial na Checagem de Fatos” — emerge como uma resposta aos desafios impostos pela era digital. Mais do que combater a desinformação, ela busca fomentar o protagonismo discente, promovendo uma educação voltada à autonomia, à análise crítica das fontes e à compreensão histórica das informações que circulam nas mídias. A aplicação da ferramenta de inteligência artificial Fátima, como recurso pedagógico, revelou-se um diferencial metodológico ao permitir que os alunos acessassem tecnologias de checagem e refletissem ativamente sobre os conteúdos consumidos, desnaturalizando o fluxo descontrolado de dados.

A experiência em sala de aula demonstrou que, embora os alunos estejam familiarizados com o termo fake news, ainda possuem dificuldades em distinguir fato, opinião e informação. A sondagem diagnóstica e o questionário aplicado evidenciaram um consumo passivo de informações, fortemente mediado por redes sociais e por conteúdos sensacionalistas. Esse diagnóstico reforça a urgência de uma abordagem educacional que articule o ensino de História com temas da atualidade e com ferramentas que dialoguem com o universo digital dos estudantes.

Os três capítulos da dissertação sustentaram esse percurso teórico-prático. O primeiro capítulo discutiu os impactos das tecnologias na educação, evidenciando a necessidade de ressignificar as práticas pedagógicas frente aos novos letramentos digitais. O segundo capítulo aprofundou os conceitos de pós-verdade, desinformação e indústria cultural, ancorado em autores como Adorno, Horkheimer, Castells, Certeau e Zuboff, mostrando como a manipulação da informação está diretamente vinculada a interesses econômicos, políticos e ideológicos. Já o terceiro capítulo apresentou os resultados da pesquisa empírica e os efeitos da sequência didática, revelando caminhos viáveis e promissores para o ensino de História diante da crise informacional.

Teoricamente, a proposta dialoga com Jörn Rüsen (2001), ao conceber a consciência histórica como competência essencial para atribuir sentido à experiência humana. A inspiração em Michel de Certeau (1982) permitiu compreender o cotidiano como espaço de resistência e produção de saber, enquanto a crítica à indústria cultural formulada por Adorno e Horkheimer (2006) ofereceu elementos para compreender os mecanismos de alienação presentes na sociedade da informação. A contribuição de Shoshana Zuboff (2021), ao discutir o capitalismo de vigilância, ampliou a reflexão para os riscos da mercantilização dos dados pessoais e da manipulação algorítmica.

Dessa forma, a sequência didática aqui desenvolvida rompe com uma prática docente meramente transmissiva e insere-se no campo das metodologias ativas, valorizando o diálogo entre conteúdos históricos, tecnologias digitais e experiências juvenis. Sua flexibilidade metodológica e pertinência temática garantem sua replicabilidade em diferentes contextos educacionais, configurando-se como um produto pedagógico que contribui com o fortalecimento do ensino de História e com a formação ética, crítica e cidadã dos estudantes.

Ao concluir este trabalho, reafirma-se a importância de integrar o debate sobre fake news, desinformação e pós-verdade de maneira transversal ao currículo de História. Em tempos de negacionismos, ataques ao conhecimento científico e polarizações extremas, a formação da consciência histórica torna-se não apenas uma meta educativa, mas uma necessidade civilizatória. Pensar historicamente é um ato político, e o compromisso da escola pública deve ser o de formar sujeitos que compreendam, critiquem e transformem a realidade em que vivem.

Que esta dissertação, ao articular teoria, prática e reflexão docente, possa contribuir com outros profissionais da educação que, assim como eu, acreditam no potencial emancipador do ensino de História.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Maria F. de F. Costa; introdução e notas de J. A. Baer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

AGÊNCIA BRASIL. **Governo desmente fake news sobre banheiros unissex**. Agência Brasil, Brasília, 6 set. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-09/governo-desmente-fake-news-sobre-banheiros-unissex>. Acesso em: 05 ago. 2025.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BENATTE, Antônio Paulo. História, ciência, escritura e política. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira. (Org.). **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas, SP: IFCH-UNICAMP, 2014.

BERCKEMEYER, F. Nos pós da verdade. In: **Revista Uno**. A era da pós verdade: realidade versus percepção. Nº.27, 2017. Disponível em: <https://www.revista-uno.com.br/numero-27/a-mentira-da-pos-verdade/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

BRASIL. Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). **TIC Kids Online Brasil 2019: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil**. São Paulo: Cetic.br/NIC.br, 2020. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/indicadores>. Acesso em: 04 ago. 2025.

BRASIL. **Lei nº 15.100**, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre [...]. Presidência da República: Casa Civil – Secretaria Especial para Assuntos Jurídicos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2025/lei/115100.htm. Acesso em: 02 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL ESCOLA. **Holocausto**. Brasil Escola. [20--]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/holocausto.htm>. Acesso em: 30 set. 2024.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. De Gutemberg à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. A História dos Acontecimentos e o Renascimento da Narrativa. São Paulo: UNESP, 1992.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Para entender o negacionismo do Holocausto. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, ano 35, n. 368, ago. 2020. Disponível em: <https://www.cienciahoje.org.br/artigo/para-entender-o-negacionismo-do-holocausto/>. Acesso em: 06 maio 2025.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUI, Marilena de Souza. **Convite à Filosofia**. 9. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 2000.

CONFERÊNCIA LIVRE, Ciência no Combate à Desinformação, promovida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). O encontro é uma das diversas reuniões que antecedem a conclusão da 5ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia, marcada para junho. A CAPES sedia nos dias 2 e 3 de abril. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q43rtkUgrA>. Acesso em: 5 ago. 2025.

COUTINHO, João Pereira. Obra ataca voz amadora na internet. **Folha de São Paulo**. [2009?]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1104200909>. Acesso em: 03 mar. 2024.

D'ACONA, Matthew. **Pós-Verdade**. Barueri/SP: Fro Editorial, 2018.

DE CERTEAU, Michel. A Operação Historiográfica. In: **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. Resenha de: CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **Aedos**. Porto Alegre, v.3, n.6, jan. / jun., 2010.

DE CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DOMINGUES, Vanessa dos Reis. **Ensino de história do tempo presente na era das redes sociais**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

EDUCAÇÃO MIDIÁTICA - LIDERANÇA E CIDADANIA. Entrevistadas: Daniela Machado e a Mariana Ochs. Entrevistadores: CDES / SEDUC-MT- 30/05/2024- Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lhu-5U6-0tQ&t=78s>. Acesso em: 5 ago. 2025.

ESTADÃO VERIFICA / PROJETO COMPROVA. **É falsa a imagem que atribui a Lula declaração na capa da Forbes**. [20--]. Disponível em: <https://projetoaprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-falso-que-lula-tenha-sido- apontado-como-bilionario-pela-revista-forbes/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

FREIRE, Wendel. **Tecnologia e Educação: As Mídias na Prática Docente**. Curitiba: Editora Appris, 2017.

GOES, Graciete Tozetto; BRANDALISE, Mary Ângela Teixeira; BONATTO, Bruna Mayara; SILVA, Giane Correia. Teoria crítica: fundamentos e possibilidades para pesquisas em avaliação educacional. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Guarapuava, v. em prelo, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/574>. Acesso em: 04 ago. 2025.

GOMES, L. R. Teoria crítica e educação política em Theodor Adorno. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 10, n. 39, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639731>. Acesso em: 20 fev. 2024.

ISTOÉ. **Relembre as maiores maluquices feitas por bolsonaristas em atos golpistas de 2022.** ISTOÉ Independente, São Paulo, 9 jan. 2023. Disponível em: <https://istoe.com.br/relembre-as-maiores-maluquices-feitas-por-bolsonaristas-em-atos-golpistas-de-2022/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

LEAL, Bruno. Fake news: do passado ao presente. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos combates pela História – desafios, ensino.** São Paulo: Contexto, 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

LIMA, Rosenilde Alves de. **Histórias Públicas e Ditadura Militar: A Verdade Sedutora dos Negacionistas Como um Problema Para o Ensino de História.** 2021. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História-PROFHISTÓRIA, Universidade Regional do Cariri-URCA, [S. l.], 2021.

LIMA E ANDRADE, Damião de; LIMA E ANDRADE, Juliana Alves de. Ensinar história em tempos de pós-verdade: o que está em jogo? **SÆCULUM – Revista de História**, João Pessoa, v. 26, n. 45, p. 175-188, jul./dez. 2021. Disponível em: [link suspeito removido]. Acesso em: 27 fev. 2024.

LLORENTE, José Antonio. A era da pós-verdade: realidade versus percepção. **UNO – Desenvolvendo Ideias**, São Paulo, n. 27, p. 8-9, mar. 2017. Disponível em: <https://www.revista-uno.com.br>. Acesso em: 04 ago. 2025.

MARRERA, Fernando Milani; SOUZA, Uirys Alves. A tipologia da consciência histórica em Rügen. **Revista Latino-Americana de História**, [S. l.], v. 2, n. 6, ago. 2013. Edição Especial.

MEDEIROS, Armando. Os perigos da indiferença à verdade. In: **UNO: A era da pós-verdade – realidade versus percepção.** São Paulo: Llorente & Cuenca, 2017. p. 23-25.

MENDES, Gabriel Cunha. **Canal “Outra História”: o uso do Youtube como ferramenta pedagógica para o ensino de História.** 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), Universidade Federal do Rio de Janeiro, [S. l.], 2018.

MENESES, Sônia. História, mídia e negacionismos. In: GONTIJO, Rejane; RIBEIRO, Ronaldo Cardoso (org.). **História na mídia: narrativas e disputas.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2019. p. 77–89.

NADAI, Elza. Ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/6, 1993. Acesso em: 25 fev. 2024.

O GLOBO. **Fake news sobre fechamento de igrejas em caso de vitória da esquerda tem respaldo de deputado.** O Globo, Rio de Janeiro, 11 ago. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/fake-news-sobre-fechamento-de-igrejas-em-caso-de-vitoria-da-esquerda-tem-respaldo-de-deputado.ghtml>. Acesso em: 05 ago. 2025.

OLIVEIRA, Rodrigo Regazonni de. Mídias Sociais Digitais: Implicações Sobre o Processo Democrático. **Rev. Cadernos de Campo**, Araraquara, n. 25, jul./dez. 2018.

OLIVEIRA, Thiago Pires; CRAVEIRO, Gisele da Silva. Economia política da ignorância: a difusão dos negacionismos científicos entre o capitalismo de vigilância e os regimes de pós-verdade. In: ZANIRATO, Sílvia Helena (org.). **Demarcando mudanças sociais: intercursos de tensões em diferentes contextos**. São Paulo: Blucher, 2024.

OPINION BOX. **Plataforma de pesquisa de mercado e gestão da experiência do cliente (customer experience)**. Opinion Box. [20--]. Disponível em: <https://www.opinionbox.com/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Unesco preocupada com uso excessivo de smartphones nas escolas**. [2023]. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/07/1818137#:~:text=Unesco%20preocupada%20com%20uso%20excessivo%20de%20smartphones%20nas%20escolas,-26%20Julho%202023&text=Em%20relat%C3%B3rio%20ag%C3%Aancia%20da%20ONU,e%20ressalta%20lacunas%20no%20acesso>. Acesso em: 20 jul. 2024.

PACHECO, L.C.; da SILVA PAIVA, V. A. Fato e fake: desconstruindo as fake news através do ensino de história. **Revista Antígona**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2022. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/antigona/article/view/15322>. Acesso em: 2008.

PAIM, Elison Antonio; PEREIRA, Nilton Mullet. Para pensar o ensino de História e os passados sensíveis: contribuições do pensamento decolonial. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 32, n. 66, p. 1–16, set./dez. 2018. Disponível em: [acesso UFU]. Acesso em: 04 ago. 2025.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos combates pela História: desafios, ensino**. São Paulo: Contexto, 2021.

PORTAL INSIGHTS. **Quando surgiu a internet e qual era seu objetivo?** [2024?]. Disponível em: <https://www.portalinsights.com.br/perguntas-frequentes/quando-surgiu-a-internet-e-qual-era-seu-objetivo>. Acesso em: 04 jun. 2024.

PRENSKY, Marc. Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. **On the Horizon**. [20--].

PROJETO COMPROVA. Lula declarou no Twitter – conteúdo investigado (imagem). Publicação: outubro de 2022. Disponível em: https://projeto comprova.com.br/wp-content/uploads/2022/10/Lula-declarou-no-Twitter_00-Conteudo-Investigado.jpg. Acesso em: 05 ago. 2025.

PROST, Antoine. Como a história faz o historiador? **Anos 90**, [S. l.], v. 8, n. 14, p. 7–22, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.6792>. Acesso em: 21 jul. 2023.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história - os fundamentos da ciência histórica**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UnB, 2001.

SANTOS, Roberto Eduardo Carneiro dos. **Redes digitais e ensino de História: produção, recepção e aprendizagem por meio da internet na perspectiva da História Pública entre alunos da geração Z e Alpha**. 2022. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARRANHANI, Mary Anne. A perspectiva da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. **Educar em Revista**, Curitiba, [2012].

SENADO FEDERAL. Agência Senado. **Em 1922, eleição teve fake news e resultado questionado**. Arquivo S – Agência Senado, Brasília, 3 jul. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/em-1922-eleicao-teve-fake-news-e-resultado-questionado>. Acesso em: 04 ago. 2025.

SIBILA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Ana Carla da. Dia de boatos: ameaça de ataques a escolas esvazia salas de aula em SP. **UOL Educação**, São Paulo, 20 abr. 2023. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2023/04/20/dia-de-boatos-ataques-escolas-aulas-sp.htm>. Acesso em: 04 ago. 2025.

SILVA, Daniel Neves. **O que é populismo?** Brasil Escola. [20--]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-populismo.htm>. Acesso em: 30 set. 2024.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. **Metodologia da Pesquisa Histórica**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014.

TRENNEPOHL, Vera Lúcia Gaspar da. A consciência histórica como potencial para leitura de mundo. In: **Anais do Encontro Nacional de História**. Associação Nacional de História (ANPUH), 2009.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Protocols of the Elders of Zion – Photographs**. Holocaust Encyclopedia. [20--]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/protocols-of-the-elders-of-zion-photographs>. Acesso em: 04 ago. 2025.

UOL EDUCAÇÃO. **Em dia de boatos, escola de SP com melhor nota no Enem tem 90% de falta**. [2023]. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2023/04/20/dia-de-boatos-ataques-escolas-aulas-sp.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 02 mar. 2024.

UOL NOTÍCIAS. **Bolsonaristas se ajoelham e oram em frente ao muro do Exército no RJ; veja vídeo**. UOL, São Paulo, 8 nov. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/08/bolsonaristas-ajoelham-e-oram-em-frente-ao-muro-do-exercito-no-rj-video.htm>. Acesso em: 05 ago. 2025.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá. Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais. **Revista Cult**, São Paulo, 3 set. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/negacionismo-historico/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

WOLF, Eduardo. Umberto Eco e a legião dos imbecis na internet. **Revista Fronteiras do Pensamento**, 2021. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/umberto-eco-e-a-legiao-dos-imbecis-na-internet>. Acesso em: 05 ago. 2025.

ZARZALEJOS, José Antonio. Comunicação, jornalismo e fact-checking. In: **UNO: A era da pós-verdade – realidade versus percepção**. São Paulo: Llorente & Cuenca, 2017. p. 11-13.

ZATTONI, Rafael; CARVALHO, Thomas Dall'Acqua. **MAXI: 8º ano: ensino fundamental, anos finais: caderno 1: História: manual do professor**. 1. ed. São Paulo: Somos Sistemas de Ensino, 2023.

ZENHA, Luciana. Redes sociais online: o que são e como se organizam. **Cadernos de Educação**, v. 49, p. 50–65, mar. 2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/cadernodeeducacao/article/view/2809>. Acesso em: 05 ago. 2025.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Formulário aplicado aos alunos dos 9º anos

O formulário apresentado neste apêndice foi utilizado como atividade final de uma sequência didática sobre fake news desenvolvida com turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II, na Escola Estadual [nome da escola, se desejar inserir]. A atividade teve como objetivo verificar a assimilação dos conceitos trabalhados, bem como estimular a reflexão crítica dos alunos sobre o uso das redes sociais, a circulação de informações e a identificação de fake news.

As questões exploram aspectos como: percepção da polarização política, conceito de verdade, relação com redes sociais, modos de compartilhamento de conteúdo, e experiências pessoais com desinformação.

Documento: **Atividade de encerramento sobre Fake News (9º anos)**

06/08/25, 15:40 Atividade de encerramento sobre Fake News (9º anos)

Atividade de encerramento sobre Fake News (9º anos)

Antes do fim da aula de hoje, responda às perguntas a seguir.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Nome *

2. E-mail *

3. 1. Qual foi o tópico mais importante que você aprendeu na aula de hoje? *

4. 2. Você se sentiu preparado para a aula de hoje? Explique. *

https://docs.google.com/forms/d/1Vardvu6MONY_hyqmP07ygpF6y20j_UCLvBfFocMlWcd/ 14

06/08/25, 15:40 Atividade de encerramento sobre Fake News (9º anos)

5. 3. O que você entende por polarização política? *

6. 4. Qual é seu interesse em ter redes sociais? Qual a importância? *

7. 5. O que é a verdade para você? *

8. 6. Você possui redes sociais? Como você alimenta sua rede social? *

https://docs.google.com/forms/d/1Vardvu6MONY_hyqmP07ygpF6y20j_UCLvBfFocMlWcd/ 24

06/08/25, 15:40 Atividade de encerramento sobre Fake News (2º ano)

9. 7. Como você existe nessas redes sociais? *

Marque todas que se aplicam.

Postando vídeos

Postando fotos

Seguindo perfis de ídolos

Como internauta nas redes sociais para conversar com amigos

Acompanhando futebol

Outro

10. 8. Você compreende a diferença entre informação e saber? Explique. *

11. 9. Como você recebe as informações que você obtém nas redes sociais? *

12. 10. Escolha uma notícia e pesquise sobre a mesma? Depois explique porque escolheu esta notícia. *

https://docs.google.com/forms/d/1Vandw6MONY_J4yqmPD7ypP6yDy0LjCLv0FncfMkedi 3/4

06/08/25, 15:40 Atividade de encerramento sobre Fake News (2º ano)

13. 11. Você já foi influenciado por uma fake News? Explique. *

14. 12. Você já caiu em uma fake news? *

Marcar apenas uma oval.

a) Sim

b) Não

15. 13. Você percebeu que pessoas próximas à você foram enganadas por fake News? *

Marcar apenas uma oval.

a) Sim

b) Não

16. 14. Após nossa aula ficou claro como perceber quando a notícia se trata de uma fake News? *

Marcar apenas uma oval.

a) Sim

b) Não

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

https://docs.google.com/forms/d/1Vandw6MONY_J4yqmPD7ypP6yDy0LjCLv0FncfMkedi 4/4

APÊNDICE B – Formulário aplicado aos alunos dos 8º anos

Este formulário foi utilizado com as turmas de 8º ano como parte da mesma sequência didática sobre fake news e redes sociais. A atividade também foi aplicada ao final das aulas para avaliar os conhecimentos desenvolvidos pelos estudantes e provocar a reflexão sobre as formas de recepção, processamento e disseminação da informação no contexto digital.

As perguntas abordam temas como: conceito de verdade, distinção entre informação e saber, reconhecimento de desinformações por pessoas próximas.

Documento: **Atividade de encerramento – 8º anos**

06/08/25, 15:23 Atividade de encerramento

Atividade de encerramento

Antes do fim da aula de hoje, responda às perguntas a seguir.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Nome *
2. E-mail
3. 1. Qual foi o tópico mais importante que você aprendeu na aula de hoje?
4. 2. Você se sentiu preparado para a aula de hoje? Por que ou por que não?

https://docs.google.com/forms/d/1dc2zFtpaj2VGF1nTrRB5sM_DkHjVwVEV45kUv5kdl 1/4

06/08/25, 15:23 Atividade de encerramento

5. 3. O que é a verdade para você?
6. 4. Você possui redes sociais? Como você alimenta sua rede social?
7. 5. Como você existe nessas redes sociais?
8. 6. Você compreende a diferença entre informação e saber? Explique.

https://docs.google.com/forms/d/1dc2zFtpaj2VGF1nTrRB5sM_DkHjVwVEV45kUv5kdl 2/4

06/08/25, 15:23 Atividade de encerramento

9. 7. Como você lida com as informações que recebe das redes sociais?
10. 8. Escolha uma notícia e pesquise sobre a mesma? Depois explique porque escolheu esta notícia.
11. 9. Você já se sentiu afetado por uma fake News? Explique.
12. 10. Você percebeu que pessoas que você conhece foram enganada por fake News? Explique.

https://docs.google.com/forms/d/1dc2zFtpaj2VGF1nTrRB5sM_DkHjVwVEV45kUv5kdl 3/4

06/08/25, 15:23 Atividade de encerramento

13. 11. Após nossa aula ficou claro como perceber quando a notícia se trata de uma fake news?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

https://docs.google.com/forms/d/1dc2zFtpaj2VGF1nTrRB5sM_DkHjVwVEV45kUv5kdl 4/4